

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES EM
DESENVOLVIMENTO EM TIMOR LESTE
DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA (2002-2016)**

JULIO APARÍCIO

Tese orientada pela Professora Doutora Ana Maria Seabra de Almeida Rodrigues e co-orientadora, Professora Doutora Joana Pereira Leite, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em História especialidade História do Género

2017

Agradecimentos

Este trabalho só pôde ser concluído com a graça de Deus e as contribuições de muitas pessoas a quem eu não posso deixar de agradecer.

Em primeiro lugar, agradeço infinitamente à minha professora, ao mesmo tempo como minha orientadora principal e minha Diretora de Curso, Professora Doutora Ana Maria Rodrigues, pela sua bondade e preciosa ajuda, pois com toda a paciência me orientou desde o início na minha entrada no Departamento de História da FLUL até à conclusão deste trabalho. Obrigado por me acompanhar neste processo, que às vezes foi áspero, e sempre me orientar, apoiar com genuína e sincera disponibilidade, e ajudar em várias dificuldades.

Em segundo lugar agradeço à minha co-orientadora, Professora Doutora Joana Pereira Leite, toda a sua paciência em me orientar até concluir esta tese. E também expresso um agradecimento aos meus outros professores: Professor Doutor José Manuel Damião Rodrigues, Professora Doutora Maria Leonor García da Cruz, Professora Doutora Maria de Fátima Reis, Professor Doutor Luís Frederico Antunes e Professora Doutora Manuela Santos Silva. Gostaria de agradecer ainda à Divisão de Relações Externas da Faculdade de Letras, nas pessoas das Dr.ªs Denise Moura Matos e Raquel Morreira, que me ajudaram em várias dificuldades.

Agradeço à Universidade de Lisboa, que me acolheu para continuar os meus estudos, especialmente ao Departamento de História e à Faculdade de Letras. E também à União Europeia, nomeadamente ao programa Erasmus Mundus – CARIBU, que me financiou para que pudesse seguir este curso.

Ao Reitor da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, e sua equipa, que me deram a oportunidade continuar os meus estudos na Universidade de Lisboa e ainda um grande apoio à

investigação realizada em Timor-Leste. E ao Doutor Diogo Freitas da Silva, coordenador financeiro do projeto de formação docente da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL).

Aos meus colegas timorenses, portugueses, brasileiros, italianos, alemães e polacos, cujo nome não vou especificar, mas que sabem quem são, pelo apoio, disponibilidade e palavras amigas e de conforto que tiveram sempre para me dar ao longo do meu percurso académico na Universidade de Lisboa.

Aos colegas do Departamento de Desenvolvimento Comunitário da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, e aos meus companheiros bolseiros do governo de Timor-Leste e do programa Erasmus Mundus – CARIBU em Portugal (Lisboa, Porto, Évora, Braga, Aveiro e Coimbra,) por me terem dispensado apoio moral e suporte ao trabalho na construção no meu trajeto académico na Universidade de Lisboa.

Por fim, agradeço ainda às mulheres de Timor-Leste – directoras de organizações de mulheres, vendedoras, donas de casa, professoras, empresárias – que, mesmo com muitas actividades diárias, me disponibilizaram o seu tempo para as entrevistas. Sem elas, este trabalho não teria sido possível.

Resumo

Esta dissertação de Mestrado em História do Género tem como objectivo descrever e analisar a participação das mulheres no desenvolvimento de Timor-Leste depois da independência, em particular nos domínios da economia e da educação. Para o efeito, recolhemos toda a (pouca) documentação disponível e efectuamos entrevistas, não só a mulheres envolvidas em actividades económicas e educativas mas também a dirigentes de instituições públicas e de organizações não governamentais que promovem a igualdade de género e a capacitação das mulheres timorenses. Chegamos à conclusão que as mulheres têm participado efectivamente no desenvolvimento da sua jovem nação, educando em casa as futuras gerações de timorenses, trabalhando fora de casa como agricultoras, vendedoras, professoras ou mesmo empresárias. Porém, muitas delas não o fazem no máximo do seu potencial porque não tiveram a oportunidade e os meios económicos para adquirir os conhecimentos e os equipamentos necessários às suas actividades profissionais ou negócios. É, pois, necessário que os organismos públicos e as ONGs continuem a promover a expansão das potencialidades das mulheres timorenses, para que elas possam participar ainda mais intensamente no desenvolvimento do país e em igualdade de circunstâncias com os homens.

Palavras-chave: Mulheres; Desenvolvimento; Timor-Leste; Capacitação; Potencialidades.

Abstract

This Master's dissertation on Gender History describes and analyzes the participation of women in the development of East-Timor after the independence, especially in the economic and education domains. For this purpose, we have collected all the (scarce) available documentation and we have interviewed not only women involved in economic and educational activities but also the leaders of public institutions and non-governmental organizations that promote gender equality and the empowerment of women in East-Timor. We have come to the conclusion that women have indeed been participating in the development of their young nation, educating at home the future generations of citizens, working as farmers, saleswomen, teachers and even as businesswomen. Yet many of them do not do it to the maximum of their capacity because they did not have either the opportunity or the financial means to acquire the knowledge and the equipment essential to their professional activities or their business. Thus the public institutions and the NGOs need to keep promoting the expansion of the capabilities of the women in East-Timor in order for them to participate more intensely in the development of the country and in the same conditions as men.

Keywords: Women; Development; East-Timor; Empowerment; Capabilities.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo	iii
Índice	iv
Introdução	vi
CAPÍTULO I : CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	1
1.1. Introdução	1
1.2. A situação geral da mulher em Timor Leste	8
1.3. Questão de partida	14
1.4. Objetivos	14
1.5. Metodologia	15
CAPÍTULO II : OS CONCEITOS DE GÉNERO E DESENVOLVIMENTO	19
2.1. Género	19
2.2. Desenvolvimento	24
2.3. Género e desenvolvimento	28
CAPÍTULO III : AS ORGANIZAÇÕES DE MULHERES EM TIMOR LESTE	33
3.1. Rede feto Timor Leste – A rede das mulheres de Timor Leste	33
3.2. Os membros da Rede Feto de Timor Leste	39
3.2.1. Feto Iha Kbiit Servisu Hamutuk (FKSH) – A Força das Mulheres a Trabalhar em Conjunto	39
3.2.2. Feto Hadomi Familia (FHF) – A Mulher Ama A Sua Família	43
3.2.3. PRADET (Psychosocial Recovery and Development in East Timor)	44
3.2.4. Fokupers – Forum Komunikasi Perempuan Timor Lorosa’e (Fórum Comunicação das Mulheres de Timor Leste)	46
3.2.5. Fundasaun Moris Foun (FMF) – Fundação Nova Vida	48
3.2.6. Asia Pacific Support Collective Timor-Leste (APSC-TL)	48

3.2.7. Alola Foundation	49
3.2.8. CAUCUS – Women in Politics	50
3.2.9. Centro Nossa Senhora do Rosário (CNSR)	51
3.2.10. Fundação da Esperança Enclave Oe-cusse (FEEO)	52
3.2.11. Fundação Hari Moris Foun (FHMF) – Formar uma Nova Vida	52
3.2.12. Grupo Feto Foin Sae Timor-Leste (GFFTL) – Grupo de Mulheres Jovens Timor-Leste	53
3.2.13. HAFOTI – Hamahon Feto Timor-Leste (Proteger as Mulheres de Timor Leste)	54
3.2.14. Organização Partido da Mulher Timorese (OPMT)	54
CAPÍTULO IV : A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA ECONOMIA	56
4.1. As mulheres como vendedoras, artesãs e membros de cooperativas	56
4.2. As mulheres como trabalhadoras de supermercado	70
4.3. As mulheres como empresárias	73
4.4. Os problemas das mulheres como vendedora, artesãs, membros de cooperativas, trabalhadoras de supermercado e das empresas	78
CAPÍTULO V : A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO	87
5.1. O papel das mulheres na educação formal	87
5.2. A responsabilidade das mulheres na educação informal	93
5.3. As mulheres e a educação ao longo da vida	98
CONCLUSÃO	104
FONTES E BIBLIOGRAFIA	106

INTRODUÇÃO

O título desta tese é "A participação das mulheres em desenvolvimento em Timor-Leste depois da independência (2002-2015)". Escolhi este título porque queria mostrar os esforços e contribuições das mulheres timorenses no processo de desenvolvimento do nosso país, para que ninguém as possa subestimar. Além disso, escolhi Timor-Leste como área de estudo porque faço parte de uma geração de timorenses que precisa conhecer quais são os problemas de desenvolvimento que existem na nossa nação, especialmente no que diz respeito à participação das mulheres, para poder ajudar a reduzir esses problemas e lutar pela igualdade de género em Timor-Leste.

Como o âmbito do desenvolvimento é muito vasto, decidi fazer incidir a minha análise preferencialmente nas áreas da economia e da educação porque, à partida, já sabia que as mulheres timorenses têm tido um papel importante em ambas. Porém, ao fazer esta pesquisa, descobri que as mulheres em Timor-Leste também se têm destacado por criar organizações não governamentais com o objectivo de lutar pelos direitos das mulheres e ajudá-las a expandir as suas potencialidades. Através destas organizações, muitas mulheres têm sido capazes de motivar outras mulheres a conhecer e compreender a igualdade de género, capacitando-as ainda para participarem de forma mais ativa no processo de desenvolvimento.

Na realidade, tendo as mulheres colaborado na luta pela independência de Timor-Leste, têm igualmente o direito e a obrigação de participar, hoje em dia, no processo de desenvolvimento. Muitas já o fazem, e de maneiras bem diversas. Há mulheres que tentam promover o crescimento económico através da produção e comércio, em cooperativas, de frutas e vegetais; outras há que se agrupam para produzir e vender artesanato. Algumas fundam ou reativam escolas e empresas,

e muitas optam por trabalhar por conta de outrem. Mas mesmo aquelas que se limitam a ficar em casa a cuidar dos filhos participam no desenvolvimento, tal como afirma Teresa Cunha: “*As mulheres o que é que podem fazer? Acho que podem fazer muito, e fazer muito (sic). Muitas vezes não se reconhece esse papel. Muitas vezes nós só olhamos para as mulheres, para aquelas que estão no Governo, para aquelas que estão no Parlamento, para aquelas que são profissionais. É importante que elas estejam nestes lugares, que sejam profissionais, que estejam presentes, sem dúvida nenhuma que é importante. Mas também é importante, muito importante, que nós saibamos valorizar aquela mulher que é mãe. Aquela mulher que em casa é capaz de transmitir os novos valores, de mostrar e educar os filhos para, por exemplo, negarem a violência, para serem capazes de ver na mulher, não um ser inferior, mas aquele ser que é válido, que tem o seu papel e que é capaz de ser um suporte ao desenvolvimento do próprio país.*”¹

Ao participarem no processo de desenvolvimento, as mulheres deparam-se com dificuldades que são sérios obstáculos para os seus esforços. Mas, por uma questão de sobrevivência e em prol do futuro dos seus filhos, elas lutam com grande persistência contra essas dificuldades e esperam que o governo timorense crie condições favoráveis para que todos possam participar do processo de desenvolvimento, de acordo com as capacidades de cada um.

¹ Teresa Cunha, *Vozes das Mulheres de Timor Leste*, Porto, Edições Afrontamento / Centro de Estudos Sociais, 2006, p. 130.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Para que seja compreendido o sentido desta dissertação, vamos falar, neste primeiro capítulo, sobre a situação geral das mulheres em Timor-Leste, assim como apresentar a nossa questão de partida, os objetivos gerais e particulares do estudo e a metodologia utilizada para tentar dar uma resposta à referida questão.

1.1. Introdução

A independência do povo timorense resultou da luta de todos os povos de Timor-Leste. Portanto, a preservação da independência e a construção da República Democrática de Timor-Leste (RDTL) exige igualmente a participação de toda a população. Tal como o Presidente da República Taur Matan Ruak afirmou “*construir uma vida melhor, sem exclusão de ninguém, requer a participação de todos, homens e mulheres, em todos os sucos e aldeias do país. As mulheres são metade da Nação e têm nas mãos a alta responsabilidade de criar e educar os filhos, lado a lado com os homens, além de contribuírem para a economia familiar. O país tem de respeitar e estimular mais a contribuição e a participação das mulheres timorenses na construção da Nação*”.¹

Do discurso de Taur Matan Ruak acima transcrito, podemos inferir que a participação de todas as pessoas, homens e mulheres, no desenvolvimento é algo de muito importante. Na realidade, depois da independência, o Estado timorense tem procurado garantir, tanto aos

¹ Taur Matan Ruak, *Cidadania para o desenvolvimento. Discursos maio 2012-maio 2014*, Dili, Lidel: Sentru Publikasaun Presidência República, 2014, p. 14.

homens como às mulheres, as mesmas oportunidades para participar no desenvolvimento, concretizando assim uma política de igualdade de género, no sentido definido pela OIT (Organização Internacional do Trabalho): “*A igualdade de género é considerada um elemento crítico para alcançar um trabalho digno para todas as mulheres e homens, a fim de efetuar a mudança social e institucional que leva ao desenvolvimento sustentável com equidade e crescimento. A igualdade de género refere-se à igualdade de direitos, responsabilidades e oportunidades de que todas as pessoas devem gozar, independentemente de se nascer homem ou mulher.*”² Porque todas as pessoas têm suas próprias estratégias para participar no desenvolvimento. Mas o mais importante é a cooperação entre homens e mulheres para se complementarem uns aos outros, a fim de realizarem o desenvolvimento e alcançarem juntos os objetivos desejados. Porque tanto homens como mulheres têm suas forças e fraquezas.

Na pré-história as mulheres eram consideradas fracas e indefesas, porque naquela época havia muitas guerras e a existência era nómada, caracterizada pela caça furtiva. Por isso as mulheres, que não podiam lutar e caçar, colhiam, cozinhavam, davam à luz e tratavam dos filhos. À medida que o grau de civilização foi aumentando, a situação não mudou radicalmente. Tal como José Eduardo Carvalho sublinhou “*Ao longo da história da humanidade, o papel da mulher na sociedade foi sempre bem definido: dona da casa, responsável pelo zelo e bem-estar dos filhos; invariavelmente submissa aos pais ou ao marido, não tendo direito de expressar suas vontades ou de realizar seus sonhos. A mulher era considerada menos capaz para o trabalho fora de casa que o homem: o «lugar da mulher é em casa» como mandava a tradição familiar*”.³

² OIT, *Género e Desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.ilo.org/global/topics/economic-and-social-development/gender-and-development/lang--en/index.htm>. Data de consulta: 30 de setembro de 2016.

³ José Eduardo Carvalho, *As Mulheres dominam a Economia, e a Economia Gosta!* Lisboa, Edições Sílabo, 2015, p. 21.

No entanto, na civilização ocidental, as mulheres foram-se apercebendo das suas forças e capacidades, que os homens também reconheceram. Elas começaram a envolver-se em todo o tipo de atividades, como também afirma José Eduardo Carvalho: “*A série de transformações com a Revolução Industrial afeta positivamente a condição social da mulher, e o seu trabalho passa a ser mais valorizado. Um primeiro fator impulsionador da entrada da mulher no mercado de trabalho verificou-se no século XX com as I e II Guerras. Consequência da ausência dos homens enviados para o combate e da quantidade de militares mortos durante o conflito, levou a mulher para o trabalho fabril e o seu emprego aumentou significativamente.*”⁴

Se a importância da intervenção dos homens e mulheres no desenvolvimento é hoje indiscutível, é certo que a condição da mulher em muitos países continua ser problemática. O que está em causa não é necessariamente a sua capacidade ou competência, mas sim a privação de direitos elementares (ao nível sócio-económico, político, cultural) a que estão sujeitas.

Em 1979, a Assembleia Geral das Nações Unidas, baseando-se nas lutas das mulheres pela igualdade de direitos e obrigações, adotou a Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women, CEDAW). Reconhecendo que continuava a existir, em muitos lugares, uma discriminação contra as mulheres que violava os princípios da igualdade de direitos e do respeito da dignidade humana, a Convenção deu afirmação positiva ao princípio da igualdade, exigindo que os Estados membros tomassem “*todas as medidas necessárias, inclusive legislativas, para garantir o pleno desenvolvimento e o progresso das mulheres, com vista a*

⁴ José Eduardo Carvalho, *As Mulheres dominam a Economia*, p. 21.

*garantir-lhes o exercício e gozo dos direitos do homem e liberdades fundamentais com base na igualdade com os homens.”*⁵

Por esse motivo, Timor-Leste, após a restauração da sua independência em 20 de maio de 2002, inseriu na Constituição da sua República um artigo que garante a participação das mulheres em diversas áreas de desenvolvimento, o Artigo 17º: *“Igualdade entre mulheres e homens: a mulher e o homem têm os mesmos direitos e obrigações em todos os domínios da vida familiar, cultural, social, económica e política.”*⁶

Partindo do artigo da Constituição da República Democrática de Timor-Leste acima referido, neste estudo, irei pesquisar como se tem processado a participação das mulheres no desenvolvimento em Timor-Leste depois da independência. Abordarei especialmente a participação das mulheres nos domínios económico e da educação. Porque, tanto quanto a minha observação o permite dizer, nessas áreas há um grande número de mulheres que desempenham um papel importante e participam ativamente.

Quando falamos de participação, isto significa que existe a consciência por parte de cada pessoa de realizar uma atividade que é benéfica para os outros e/ou para si mesma. Além disso, na participação, a pessoa ou organização facilita ou cria condições para as outras pessoas serem capazes de participar numa atividade. Noeng Muhajir disse: *“Há participação quando os próprios atores têm novas ideias com o objetivo de alcançarem os seus desejos. Há participação porque o próprio ator acredita que a ideia é boa e útil.”*⁷

De acordo com a FAO:

⁵ CEDAW, Assembleia Geral das Nações Unidas, 18 de dezembro de 1979, Artigo 3º, p. 3. Disponível em: <http://plataformamulheres.org.pt/docs/PPDM-CEDAW-pt.pdf>. Data de consulta: 8 de Janeiro de 2017.

⁶ Constituição RDTL, Parlamento Nacional, Díli, 2002, p. 6.

⁷ Noeng Muhajir, *Pendidikan dan Pembangunan (Educação e Desenvolvimento)*, Yogyakarta, 1980.

- a. A participação é "sensibilizar" o público para aumentar a receptividade e capacidade de responder aos projetos de desenvolvimento;
- b. A participação é um processo ativo que implica que a pessoa ou grupo relacionado, tome a iniciativa e use sua liberdade para fazê-lo;
- c. Participação é o envolvimento voluntário da comunidade numa mudança autodeterminada.
- d. Participação é o envolvimento da comunidade no seu próprio desenvolvimento, no da sua vida e do seu ambiente.”⁸

Se atendermos à definição de participação apresentada acima, concluímos que as mulheres precisam ser preparadas para participar no desenvolvimento. Porque o sucesso de um projeto ou programa de desenvolvimento requer seres humanos qualificados, Além disso, a definição acima também ensina que uma pessoa é considerada participante apenas se tem consciência de se estar a envolver num programa de desenvolvimento.

Em essência, uma pessoa que participa em desenvolvimento é uma pessoa consciente, que age de forma voluntária, ativa, e que toma a iniciativa por conta própria, ou seja sem qualquer tipo de pressão ou influência de outros. Trata-se de uma pessoa livre, desejosa de executar uma determinada atividade, consciente de si mesma e das suas capacidades e que acredita na finalidade e na bondade da sua acção. Isto significa que é alguém que quer fazer mudanças na sua vida e no ambiente que a rodeia. O ator principal da mudança é assim a própria pessoa. Desde que as pessoas estejam cientes disto, por si sós já participam no desenvolvimento.

⁸ FAO em Mikkelsen (2001), citado por Glenda A. Bayoa, *Partisipasi perempuan dalam implementasi kebijakan pengelolaan program keluarga dan masyarakat sejahtera (Participação das mulheres na implementação da política de gestão do programa familiar e bem-estar da sociedade)*, 2008, p. 6. Disponível em: <https://ejournal.unsrat.ac.id/index.php/governance/article/view/1526/1221>. Data de consulta: 2 de agosto de 2016.

A realidade mostra que as mulheres têm a sua própria maneira de participar no desenvolvimento. Elas fazem-no de acordo com as suas capacidades e há-as que participam de uma maneira profissional. Algumas até se tornam líderes na realização de desenvolvimento. Tal como diz E. F. Schumacher, *"O desenvolvimento não deve ser iniciado a partir dos materiais, mas a partir de seres humanos. Porque o homem é a fonte de todas as riquezas do mundo."*⁹

Portanto, em Timor-Leste, que é uma nova nação, as mulheres precisam ser dotadas das capacidades e competências adequadas para participar no desenvolvimento. Especialmente as mulheres que vivem nas áreas remotas, já que elas não podem desenvolver plenamente a sua vida social e económica porque os seus conhecimentos e competências são limitados. Desde que estes sejam expandidos, elas poderão vir a participar plenamente no processo de desenvolvimento do país em todos os seus aspetos. Só assim a intenção Schumacher será alcançada: devido à qualidade dos recursos humanos serão produzidos bens ou produtos de qualidade. Isso significa a capacitação é muito importante, tal como Mahbub ul Haq sublinhou: *"A capacitação das pessoas, e particularmente das mulheres, é uma maneira de vincular o crescimento e desenvolvimento humano. Na verdade, a capacitação deve acompanhar todos os aspetos da vida. Se as pessoas podem exercer as suas escolhas nas esferas política, social e económica, há uma boa perspectiva de que o crescimento vai ser forte, democrático, participativo e durável."*¹⁰

Mas para participar no desenvolvimento, as mulheres sempre enfrentaram muitas dificuldades e desafios. As historiadoras Arlette Farge e Natalie Zemon Davis assim o atestam: *"É a evidência: os trabalhos e os dias das mulheres conhecem tensões formidáveis. Estreitamente controladas pelo olhar masculino, mas também pelos constrangimentos*

⁹ E. F. Schumacher, *"Kecil Itu Indah (O Pequeno é Lindo)"* Jakarta, LP3ES, 1979", citado por Madekhan Ali, *Orang Desa Anak Tiri Perubahan (As Pessoas do Suco são esquecidas)*, Jawa Timur, Averroes Press, 2007, p. 83.

¹⁰ Mahbub ul Haq, "Human Development Paradigm", in Sharad Chari and Stuart Corbridge (eds.), *The Development Reader*, London/New York, Routledge, 2008, p. 32.

*económicos e sociais, a sua análise minuciosa mostra sempre como as mulheres se adaptam, melhor ou pior, às condições que lhes são destinadas.”*¹¹ As mulheres em Timor-Leste têm sido sempre subestimadas pelos homens porque a cultura é patriarcal. Porque há a sensação que a sua tarefa principal é dar à luz, cuidar das crianças e cozinhar. Na realidade, existem muitas mulheres que trabalham mais e com mais diligência do que os homens. Mas às vezes, os homens não reconhecem o seu trabalho. Por isso, as mulheres precisam urgentemente da ajuda de ONGs locais e internacionais, e também do governo, para melhorarem as suas capacidades e competências.

Baseado na pesquisa realizadas em seis municípios de Timor-Leste, este trabalho tem a intenção de mostrar que a participação das mulheres no processo de desenvolvimento, e especialmente a das mulheres das áreas remotas, não foi tão grande quanto seria possível, devido às condições existentes não o permitirem. Por causa das estradas danificadas não é possível aceder ao mercado, embora existam produtos agrícolas que precisam ser vendidos nele. As produtoras e vendedoras também têm equipamentos limitados, e conhecimentos e capacidades mínimas, porque muitas não foram à escola ou, se foram, só completaram os estudos secundários e não puderam ir para a universidade por motivo de incapacidade económica.

As mesmas condições são reveladas pelo Relatório Específico para a CEDAW sobre o setor da educação e saúde em Timor-Leste, que mostra que os seguintes fatores têm sido identificados como contribuindo para as crianças abandonarem a escola, incluindo as meninas:

1. A dificuldade de acesso às escolas pelas crianças que moram longe;
2. Os pais não perceberem quão importante é a escola para as crianças, porque têm um baixo nível de educação;

¹¹ Arlette Farge e Natalie Zemon Davis, “Os trabalhos e os dias”, *História das Mulheres do Renascimento à Idade Moderna*, Lisboa, Edições Afrontamento, 1994, p. 21.

3. As dificuldades financeiras dos pais para pagarem a educação das crianças e comprarem uniformes e outros materiais escolares;
4. As condições das escolas não serem boas (sem água nem casa de banho);
5. A violência nas escolas poder fazer as meninas terem medo de irem para a escola.¹²

Se revirmos os problemas que a CEDAW enumerou acima, torna-se um grande desafio para as mulheres timorenses participarem no desenvolvimento. Com efeito, muitas meninas abandonam a escola e, então, vão ter poucos conhecimentos e menos capacidades e competências para participar no processo de desenvolvimento. Torna-se assim uma grande responsabilidade para o governo e o povo de Timor-Leste procurar as soluções para este problema, especialmente para o Ministério da Educação. No entanto, há mulheres que, mesmo com facilidades e capacidades mínimas, participam no processo de desenvolvimento.

1.2. A situação da mulher timorense durante a ocupação indonésia

Ao longo dos séculos, a mulher timorense viveu em condições de submissão. O homem era detentor do poder familiar e na aldeia, sendo que à mulher era reservada a tarefa de criar os filhos e cuidar dos trabalhos domésticos. A educação e instrução de raparigas só começou a partir do segundo quarto do século XIX, quando foi aberto, em Díli, o Colégio de Santa Júlia de São José, entregue às irmãs canossianas. Mas, ainda na segunda metade do século XX, o número de escolas para o sexo feminino podia ser contado pelos dedos de uma mão. Foi apenas com a

¹² *Relatório Específico para a CEDAW sobre o Setor da Educação e Saúde* preparado pela Secretária de Estado para a Promoção da Igualdade (SEPI), 2010.

ocupação indonésia que a frequência das raparigas timorenses às escolas deu um salto extraordinário, tanto em quantidade como em qualidade.¹³

Depois da Revolução dos Cravos em Portugal, algumas mulheres timorenses começaram a envolver-se na organização das mulheres. Em Maio de 1975, devido à situação emergente no país, Rosa Bonaparte Soares, aluna da Universidade de Lisboa, também conhecida como "Muki", abandonou os seus estudos e regressou a Timor-Leste. Juntamente com algumas amigas, envolveu-se no desenvolvimento da organização estudantil UNETIM (União Nacional dos Estudantes Timorenses). Entre essas amigas, contavam-se Maria José Boavida (Soimali), Silvina Epifania Namuk, Alexandrina (Bi Hare), Aicha Bassarewan, Filomena Aniceto (Lybe), Deolinda Bonaparte Soares (Sossek), Josefina Moniz (Bete), Margarida Filomena de Araújo (Bi Nae), Filomena Ramiro (Bilou), etc. Neste movimento, criado por Rosa Bonaparte Soares, os estudantes lutavam pelos direitos das mulheres, com especial atenção à dignidade das mulheres vulneráveis e marginalizadas. Os membros daquele movimento aproximavam-se e trabalhavam junto de mulheres, para compreenderem os seus papéis nas esferas da família, da comunidade e da sociedade. Por isso, como princípio central dos valores e tradições sociais de Timor-Leste, a dignidade do ser humano esteve também no centro do trabalho deste movimento.¹⁴

Neste ponto, é de salientar que a luta pela igualdade das mulheres timorenses teve uma influência europeia, especialmente de Portugal: todas as estudantes envolvidas no movimento tinham estudado em Portugal, como foi o caso de Rosa Bonaparte, Aicha Bassarewan, entre outras, que lutaram e apoiaram a libertação das mulheres. Mas também mulheres iletradas e que nunca tinham saído do território timorense, como a guerrilheira Maria de Tapo (Maria Gorete A.

¹³ *Lian ba Igualdade* (A Voz da Igualdade), Secretaria de Estado Para o Apoio e Promoção Socio-Económica de Mulher (SEM), Edisaun 9, janeiro-março, 2017.

¹⁴ Maria Domingas Fernandes Alves, Laura Soares Abrantes e Filomena B. Reis, *Written With Blood*, Office for Promotion of Equality, Prime Minister's Office, RDTL, 2002, p. 12.

Joaquim), participaram na luta emancipatória. Maria de Tapo morreu a 3 de novembro de 1975, na linha de frente da luta pela libertação nacional, tendo sido muito eficaz contra a infiltração do inimigo em Timor-Leste.¹⁵

Depois do referendo, em outubro de 1999, com a Administração Transitória das Nações Unidas, foi dado um grande impulso à igualdade de género em Timor-Leste. No mês de julho do ano de 2000, realizou-se em Dili o Primeiro Congresso da Mulher; nele foram estabelecidas importantes linhas de ação: a reconciliação, a erradicação da violência, os direitos humanos, a participação das mulheres na economia e na política. Assim, aquando da independência da nação, a 20 de maio de 2002, a mulher timorense estava representada no parlamento nacional e também no governo. Nessa altura, havia 27% de mulheres no Parlamento Nacional, 9 mulheres eram membros do Governo, duas eram diplomatas e 23% dos cargos na administração pública eram desempenhados por mulheres. Em 2016, o Parlamento Nacional já contava com 24 mulheres como deputadas, no governo havia 8 mulheres e eram 11 as mulheres consideradas como chefes do suco. Na carreira diplomática, atualmente, há 4 embaixadoras timorenses e dezenas de mulheres continuam a desempenhar cargos como funcionárias de serviços públicos, enquanto outras desenvolvem as suas atividades no setor privado.¹⁶

Como foi explicado anteriormente, mesmo antes da restauração da independência, as mulheres em Timor-Leste viram ser realizado o seu primeiro congresso sobre igualdade de género, congresso em que, especialmente, os intelectuais e os estudantes aprenderam muitas coisas sobre esse assunto. Além disso, atualmente existem programas sobre igualdade de género realizados pelo UNIFEM (United Nations Development Fund for Women, Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres), UNDP (United Nations Development

¹⁵ M. D. F. Alves, L. S. Abrantes e F. B. Reis, *Written With Blood*, p. 12.

¹⁶ *Lian ba Igualdade* (A Voz da Igualdade), Edição 9, janeiro-março 2016, p. 14.

Program, Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas) ou USAID (United States of America International Development, fundo dos Estados Unidos da América para o Desenvolvimento Internacional), que prestam apoio às mulheres de Timor-Leste e financiam organizações de mulheres e outros programas que envolvem as mulheres no processo de desenvolvimento do país. A partir dos resultados do Congresso e pela experiência adquirida através de organizações internacionais, as mulheres intelectuais e estudantes começaram a criar muitas organizações de mulheres, tanto a nível nacional como a nível municipal. Todas estas organizações estiveram envolvidas nas áreas de trabalho das mulheres, para poderem ajudá-las e apoiá-las através da capacitação de grupos de mulheres, como descrito no capítulo III; estas organizações contaram com o apoio de organizações internacionais, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas, até que a sua missão em Timor-Leste terminou, em outubro de 2012.

O campo de luta e das realizações das mulheres timorenses não se restringe à sociedade civil, seja através das suas organizações nacionais e internacionais, ou de iniciativas mais locais. Apesar de, em geral, terem pouca experiência de governação ao mais alto nível, elas compreenderam, desde logo, que os desafios que o país enfrentava, após a violência e a destruição de 1999, e a perspectiva real da independência a curto prazo tinham que contar com a sua experiência e as suas competências.¹⁷

A interacção entre a experiência de governação cosmopolita em pequena escala e as necessidades e visões locais das mulheres de Timor Leste está longe de ser simples. Se por um lado é fácil detectar uma colagem demasiado óbvia às directrizes internacionais, apoiando a tese de que Timor Leste não foi, também nesta matéria, senão um laboratório da actuação da ONU,

¹⁷ Teresa Cunha, *Vozes das Mulheres de Timor Leste*, Porto, Edições Afrontamento, Centro de Estudos Sociais, 2006, p. 93.

por outro lado, podemos perceber que foram criados espaços de governação que as mulheres locais aproveitaram para ocupar e reinterpretar à luz dos seus dados socioculturais. Parece ser mais evidente a *colagem* ao discurso cosmopolita dominante do que no conteúdo. Estas são preocupações centrais para as mulheres nesta fase pós-conflito e considerados direitos próprios que devem ser garantidos a todas as mulheres timorenses por qualquer governação timorense: o acesso à educação, ao trabalho remunerado, à saúde e a uma maternidade segura. Também o acesso à participação política e ao reconhecimento, pela sua história e pelas funções sociais que desempenham, são substância da reflexão das mulheres timorenses. Os espaços de governação apropriados pelas mulheres locais são, eminentemente, as organizações não-governamentais mas também órgãos governamentais.¹⁸

Para promover a igualdade de género, em 2007, o governo timorense criou uma Secretaria de Estado que apoiava os envolvidos na defesa das mulheres, a SEPI (Secretaria Estado para Promoção da Igualdade). Em 2015, o nome desta secretaria foi mudado para SEM (Secretaria de Estado para o apoio e promoção socio económica da Mulher). Todos estes acontecimentos impulsionaram e motivaram as mulheres timorenses a tornarem-se ativas e a participarem no processo de desenvolvimento, sob os aspetos da vida política, económica e sociocultural.

A luta pela igualdade de género tem contado com o cuidado e apoio de sucessivos governos, como comprova a intervenção do Primeiro-Ministro Rui Maria de Araújo, no seu discurso da celebração do dia internacional da mulher, a 8 de Março 2015; ele afirmou que “*Através da intensificação dos esforços para a igualdade de género, se estivermos unidos,*

¹⁸ Ibidem, pp. 93-94.

*poderemos criar um estado de Timor-Leste em que as mulheres e as crianças podem exercer a liberdade de escolher e decidir.”*¹⁹

Contudo, as próprias mulheres têm ocupado o espaço público e enumerado as suas reivindicações e prioridades:

- Participação igualitária nos processos de tomada de decisão;
- Criação de mecanismos legais e serviços que promovem e garantam os direitos das mulheres;
- Justiça e reparação das mulheres vítimas da violência da guerra militar de ocupação;
- Que o processo de construção da Constituição da República seja inclusivo e assegure a contribuição das mulheres;
- Que sejam providenciados serviços de apoio e proteção dos direitos humanos dos grupos vulneráveis;
- Implementação de programas de saúde especificamente orientados para os problemas das mulheres;
- Programas de educação e literacia para mulheres e raparigas;
- Uma economia organizada de baixo para cima, na qual as mulheres tenham direitos iguais no que diz respeito ao acesso à terra, ao emprego e às oportunidades de investimento;
- Aumento de participação e acesso das mulheres à expressão e aos processos de decisão nos e através dos meios de comunicação social.²⁰

¹⁹ Rui Maria Araújo, *Lian ba Igualdade* (A Voz da Igualdade), Ed. 5, janeiro-março, 2015, p. 12.

É nestes espaço de decisão ao nível da comunidade que a atuação das mulheres se intensifica. Elas pretendem apoiar-se no seu conhecimento privilegiado dos locais e das populações fiscalizando os actos do governo e do Estado no que diz respeito aos princípios da igualdade perante a lei e da não discriminação baseada no sexo ou noutra qualquer identidade. Tudo isto é uma prova do amadurecimento da sociedade feminina timorense, que, apesar de todas as dificuldades, não prescinde de participar, ativamente, na governação do país.²¹

1.3. Questão de partida

A questão que norteou a nossa pesquisa desde o seu início foi a seguinte: “Como se tem processado a participação das mulheres em desenvolvimento em Timor-Leste depois da independência (2002-2016)?”

1.4. Objetivos

1.4.1. Objetivos Gerais:

- a. Descobrir como se processa a participação as mulheres em desenvolvimento em Timor-Leste;
- b. Revelar os problemas que dificultam a participação das mulheres no desenvolvimento em Timor-Leste;
- c. Propor soluções para esses problemas;

²⁰ REDE, *Relatório Narrativo do Primeiro Congresso de Mulheres de Timor Loro-Sa'e*, Rede Feto Timor Leste, 2000 e GAPI, *Relatório do Gabinete de Assessora para a Promoção da Igualdade*, Dili, 2002, citados por Teresa Cunha, *Vozes das Mulheres de Timor Leste*, pp. 92-93.

²¹ *Ibidem*, p. 93.

- d. Sensibilizar os homens para o facto de que as mulheres têm um papel importante nas suas vidas e no processo de desenvolvimento.

1.4.2. Objectivos Particulares:

- a. Descobrir como se faz a participação das mulheres no desenvolvimento, especialmente na área económica;
- b. Conhecer o papel e a participação das mulheres no desenvolvimento dos recursos humanos, em particular das responsáveis pela educação informal e formal em Timor-Leste.

1.5. Metodologia

Ao desenvolver este projeto, adotamos o método qualitativo, sustentado numa análise descritiva, a partir de fontes orais. Para tal foram realizadas entrevistas com a intenção de conhecer a participação das mulheres em actividades económicas e educativas. Este método permitir-nos-á descrever e explicar diferentes facetas da participação das mulheres no desenvolvimento de Timor-Leste depois da independência. A razão de escolher uma metodologia descritiva e qualitativa deve-se à necessidade de recolher informação primária, porque são muito limitados os documentos disponíveis sobre a participação das mulheres no desenvolvimento em Timor-Leste. Além disso, a abordagem qualitativa permite recolher informação mais diversificada e complexa.

1.5.1. A metodologia qualitativa e a sua utilização neste projeto

O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenómeno por parte de pesquisador. Por isso a metodologia adoptada na pesquisa depende do objetivo do estudo, da sua natureza e dos objetivos do investigador.

Para Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, “*a intenção dos pesquisadores em ciências não é só descrever, mas compreender os fenómenos e para isso torna-se fundamental recolher dados que mostrem o fenómeno de forma inteligível.*”²² Isto mostra que o propósito de um pesquisador científico não é apenas descrever, mas também compreender todos os fenómenos em estudo e os dados recolhidos são a base para entender e compreender os fenómenos.

Por outro lado, de acordo com Teresa Duarte, no modelo de investigação qualitativo, apesar de a teoria estar igualmente presente, esta é não claramente “apriorística” na investigação, mas os pressupostos teóricos vão sendo descobertos e formulados à medida que se dá a incursão no campo e que se vão analisados os dados.²³

1.5.2. Métodos de recolha de dados.

Nesta pesquisa há três técnicas que vão ser usadas: entrevistas, observação direta e grupo de discussão ou FGD (Focus Group Discussion).

²² Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1992, p. 41.

²³ Teresa Duarte, *A Possibilidade da Investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*, Lisboa, CIES, 2009, p. 7.

a. Entrevistas

Em relação à entrevista, Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt afirmaram: “*Os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. Os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca diretividade por parte daquele.*”²⁴

As entrevistas são realizadas pelo entrevistador com o objetivo de obter dados através da realização de conversas diretas com os entrevistados. Entrevistar é a forma mais eficaz de recolher dados primários no campo porque o entrevistador enfrenta diretamente o entrevistado. Assim, ele pode obter qualquer informação do inquirido: factos, mas também opiniões e percepções, até mesmo sugestões.

Por outro lado, Jenny Rogers também afirmou: “*A entrevista não é uma sala de tribunal onde estará a ser julgado. Nem tão-pouco foi capturado e levado para território inimigo onde irá ser sujeito a um interrogatório cruel e humilhante.*”²⁵ Isto significa que na entrevista o investigador deve tentar evitar as coisas que coloquem pressão sobre a pessoa entrevistada.

b. Observação direta

Sobre observação direta, Quivy e Van Campenhoudt disseram: “*Proceder-se-á por observação direta quando a informação procurada estiver diretamente disponível. O guião de observação destina-se então ao próprio observador, e não a um eventual entrevistado. Por*

²⁴ R. Quivy e L. Van Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, pp. 191-192.

²⁵ Jenny Rogers, *Entrevistas Eficazes*, Lisboa, Livros e Livros, 2002, p. 37.

*consequente, a sua redação não está sujeita a restrições tão precisas como, por exemplo, as do questionário.”*²⁶

Também iremos coligir dados através da observação direta na área de pesquisa sobre os problemas analisados. Neste caso, a observação continua focada no tema que foi selecionado: a participação das mulheres no desenvolvimento em Timor-Leste depois da independência, de acordo com a finalidade ou objetivo do estudo.

c. Grupo de Discussão (FGD)

Também utilizaremos o Grupo de Discussão ou *Focus Group*. Segundo David Morgan, “*Os grupos focais são basicamente entrevistas em grupo, cujo foco principal está no grupo e não no mero intercâmbio de perguntas e respostas entre o pesquisador e integrantes do grupo. A interação entre os membros do grupo está baseada em tópicos específicos que são trazidos pelo pesquisador, que geralmente assume o papel de moderador do grupo.*”²⁷

Trata-se, portanto, de um processo de recolha de dados ou informações sobre um assunto ou fenómeno por meio de discussões conjuntas. Para o grupo de discussão deve-se convidar aqueles que têm conhecimento ou experiência sobre o problema ou fenómeno a ser discutido ou as questões estudadas pelos pesquisadores.

²⁶ R. Quivy e L. Van Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, pp. 183-184.

²⁷ David L. Morgan, *Focus Group as Qualitative Research*, London, Sage, 1997, p. 2.

CAPÍTULO II

OS CONCEITOS DE GÉNERO E DE DESENVOLVIMENTO

“Género” e “desenvolvimento” são dois conceitos relativamente recentes na história do pensamento humano, mas que têm uma importância fundamental para o nosso trabalho. Neste capítulo iremos procurar defini-los, primeiro separadamente e depois na sua articulação um com o outro, de forma a explicitar o uso que deles faremos nos restantes capítulos.

2.1. Género

Segundo a historiadora Ana Maria Rodrigues, *“A palavra género existe há muito na literatura (romance, poesia, drama são géneros) e na gramática (as palavras pertencem ao género masculino ou feminino em algumas línguas, a estes ou ao neutro em outras) com significados precisos.”* Acrescenta ainda que foi em 1968 que o sociólogo Richard Stoller propôs pela primeira vez, no seu livro *Sex and Gender*, o uso desse termo para designar as noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade, vindo Ann Oakley a populariza-lo, quatro anos mais tarde na sua obra *Sex, Gender and Society*, que conheceu uma grande divulgação.²⁸

De acordo com Joan Scott, a palavra género foi depois apropriada *“pelas feministas americanas que queriam realçar a qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. O termo exprime a rejeição do determinismo biológico implícito na utilização de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. “Género” também enfatizava o aspecto relacional das*

²⁸ Ana Maria S. A. Rodrigues, “La identidad de género en la Edad Media: Una cuestión polémica”, in Flocel Sabaté (ed.), *Identitats*, Lleida, Pagès, 2012, p. 43.

*definições normativas da feminilidade. Quem se preocupava com o facto de os estudos sobre as mulheres se centrarem de forma demasiado redutora e segregante sobre as mulheres utilizava o termo “género” para introduzir o conceito relacional no nosso vocabulário analítico. Nesta perspectiva, os homens e as mulheres eram definidos em função um do outro e seria impossível a compreensão de qualquer deles isoladamente do outro através de estudos inteiramente separados.”*²⁹ Neste ponto, Scott enfatiza, por um lado, que a distinção entre homens e mulheres não radica nas suas características anatómicas ou biológicas diferenciadas mas é socialmente construída, e, por outro lado, que essa construção é feita de forma articulada, não podendo ser apreendida se apenas for analisado um dos elementos do binómio.

No que toca à investigação histórica, já em 1975 Natalie Zemon Davis afirmava “*Parece-me que nos devemos interessar tanto pela história das mulheres quanto pela dos homens, e que da mesma maneira que a história das classes sociais não foca exclusivamente os camponeses não devemos também trabalhar exclusivamente sobre a história do sexo oprimido. O nosso objectivo é compreender a importância dos sexos, dos grupos de género no passado histórico. O nosso objectivo é descobrir a gama de papéis de sexo e de simbolismo sexual nas diferentes sociedades e períodos, descobrir o que significavam e como é que funcionavam para manter a ordem social ou levar à mudança.*”³⁰

Importa ainda salientar que a adopção do conceito de género na investigação em história e nas ciências sociais reforça o papel fundamental desempenhado pelos estudos sobre mulheres na transformação dos paradigmas disciplinares próprios à análise social. Com efeito, há muito

²⁹ Joan Wallach Scott, “Género: uma categoria útil de análise histórica”, in Ana Isabel Crespo, Ana Monteiro-Ferreira, Anabela Galhardo Couto, Isabel Cruz e Teresa Joaquim (org), *Variações Sobre Sexo e Género*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 50.

³⁰ Natalie Zemon Davis, “Women’s History in Transition: The European Case”, *Feminist Studies*, 3 (Winter 1975-1976), p. 90, citado em *Ibidem*.

que as feministas faziam notar que os estudos sobre mulheres não eram um mero tema de investigação adicional mas exigiriam, mais cedo ou mais tarde, uma reavaliação crítica das premissas e das metodologias correntes: “[...] o trabalho de inscrever as mulheres na história implica necessariamente uma redefinição e um alargamento das noções tradicionais do que é historicamente significativo, de forma a incluir experiências pessoais e subjectivas tanto quanto actividades públicas e políticas. Não é demais dizer que, embora com um começo ainda hesitante, esta metodologia implica não somente uma nova história mas também uma nova história das mulheres.”³¹

Esta reavaliação crítica levou, entre outras coisas, ao desenvolvimento do conceito de género como categoria de análise em paralelo aos de classe e raça – trabalho que foi feito por Joan Scott no artigo que temos vindo a citar –, abrindo o caminho a uma história que inclui as vivências das oprimidas e realiza uma análise do significado e natureza dessa opressão, e conduzindo ainda à “tomada de consciência por parte das investigadoras de que as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de pelo menos três eixos.”³²

Márcia dos Santos Macedo, por exemplo, descreve as muitas situações de opressão vividas pelas mulheres brasileiras no tempo presente e sugere que o género constitui uma categoria que permite uma melhor compreensão do quotidiano diferenciado vivido por mulheres e homens, mesmo quando ambos compartilham a mesma situação de classe ou têm em comum uma mesma identidade étnica e racial.³³ O mesmo se pode dizer da sociedade timorense.

³¹ Ann D. Gordon, Mari Jo Buhle and Nancy Schrom Dye, “The Problems of Women’s History”, in Berenice A. Carroll (ed.), *Liberating Women’s History*, Urbana, University of Illinois Press, 1976, p. 89, citado por Joan Wallach Scott, “Género”, p. 50.

³² Joan Wallach Scott, “Género”, p. 51.

³³ Márcia dos Santos Macedo, “Relações de género no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres”, in Cristina Buarque et alii, *Perspectivas de Género. Debates e Questões Para as ONGs*, Recife, GTGénero – Plataforma de Contraparte Novib/Sos Corpo Género e Cidadania, 2002, pp. 59-79. Disponível em: <http://www.redemulher.org.br/generoweb/anexo/perspect.pdf>. Data de consulta: 26 de março de 2017.

Com base no conceito de género que temos vindo a definir, referimo-nos a uma situação em que os indivíduos nascem, biologicamente, com órgãos sexuais masculinos ou femininos.³⁴ Mais tarde, durante o crescimento, ganham características sociais, enquanto homens ou mulheres, através dos atributos e comportamentos associados à masculinidade e à feminilidade, que são apoiados pelo sistema de valores e de símbolos da comunidade em questão e geralmente estão, mas podem não estar, em acordo com o seu sexo de origem.³⁵ A sociedade timorense, por exemplo, marcada pelo sistema patriarcal, veicula uma visão de que apenas as mulheres podem cozinhar e tratar das crianças em casa. Ainda há homens timorenses que acreditam que a cozinha é o lugar das mulheres, pois os homens não têm lá nenhum dever a cumprir, seja cozinhar seja lavar pratos; mas também há mulheres que não permitem que os homens façam o que quer que seja na cozinha. Isto significa que entre homens e mulheres, em Timor-Leste, prevalece uma divisão do trabalho que entrega todas as tarefas domésticas às mulheres.

No entanto, mesmo na sociedade tradicional, há momentos em que se vive uma certa indiferenciação dos papéis. Por exemplo, quando, numa família, alguém morre, tanto homens como mulheres têm o igual dever de ir para a cozinha e cozinhar; os homens podem ser encarregues de matar um búfalo ou um porco, enquanto as mulheres têm o dever de limpar o arroz e cozinhá-lo. Aqui, mesmo havendo uma divisão de tarefas, ambos estão a trabalhar. Por outro lado, a nossa vivência, desde crianças até à idade adulta, permite-nos observar que, na sociedade timorense, composta sobretudo por agricultores, homens e mulheres, todos trabalham sempre juntos na horta e nos campos.

³⁴ Embora estejamos consciente de que, em termos biológicos, existem seres que nascem com órgãos mistos, o que leva os cientistas a considerar que há pelo menos cinco sexos, senão mais, como afirma Anne Fausto-Sterling, “The Five Sexes. Why Male and Female are not Enough”, *The Sciences*, March-April 1993, p. 21.

³⁵ Ana Maria S. A. Rodrigues, “La identidad de género”, p. 45.

Durante a transição da ocupação indonésia para a independência de Timor-Leste, momento de grande influência de organismos internacionais e ONGs, reforçou-se a visão de que os homens e as mulheres têm os mesmos direitos e obrigações, em todos os aspetos da sua existência. Por isso, depois da independência, a sociedade timorense, vivendo num país democrático, teve de se ajustar a leis e a convenções internacionais sobre a igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres, como aquela contida na Constituição RDTL do artigo 16-17.

Mas essa consciencialização também veio de dentro. Refira-se que a luta pelos direitos das mulheres em Timor Leste muito se deve à ação da UNETIM (União Nacional dos Estudantes Timorense) fundada por estudantes regressadas ao país após a sua formação académica na Universidade de Lisboa, como foi o caso de Rosa Muki Bonaparte Soares e Aicha Bassarewa. *“Dentro desse movimento, elas lutaram pelos direitos das mulheres, tendo em especial atenção os direitos e a dignidade das mulheres que eram vulneráveis e marginalizadas. Elas aproximaram-se e trabalharam com essas mulheres compreendendo o papel das mulheres na família, na comunidade e na sociedade. Como valor central entre os valores e tradições sociais timorenses, a importância da dignidade do ser humano era um valor central para o seu trabalho.”*³⁶

A independência de Timor-Leste foi conseguida pela contribuição de todo o povo timorense, através da luta armada na montanha e do apoio a ela dado quer no interior do país quer no exterior, na frente diplomática, assim como através da votação no referendo de 30 de agosto de 1999. Por esse motivo, os timorenses sentem que a independência é o resultado de uma luta compartilhada e, em consequência, todos têm os mesmos direitos e obrigações para desfrutar

³⁶ Maria Domingas Fernandes Alves, Laura Soares Abrantes e Filomena B. Reis, *Written With Blood*, Office For Promotion of Equality, Prime Minister’s Office, RDTL, 2002., p. 8.

dessa conquista. Isto significa que há uma igualdade formal de oportunidades para homens e mulheres participarem no processo de desenvolvimento, de acordo com as capacidades e as competências de cada um. Mas, tradicionalmente, os timorenses ainda enfrentam dificuldades neste campo, especialmente as mulheres. Portanto, tanto o governo como a sociedade têm a obrigação de solucionar essas dificuldades, tanto do ponto de vista cultural, como socioeconómico.

2.2.Desenvolvimento

Durante muito tempo, o desenvolvimento foi visto essencialmente em termos económicos, como resultando do crescimento do rendimento nacional e levando a uma melhoria na qualidade de vida; ou seja, devia incluir “*as alterações da composição do produto e a colocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar económico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia)*.”³⁷

A partir de 1990, porém, com o primeiro Relatório sobre Desenvolvimento Humano, produzido por Mahbub ul Haq e a sua equipa de peritos para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), passou-se a uma nova abordagem, intitulada de Paradigma do Desenvolvimento Humano, baseada nas ideias desse economista paquistanês e do prémio nobel indiano Amartya Sen.

Mahbub ul Haq não nega nem minimiza a necessidade de aumento do rendimento, mas acrescenta-lhe outros factores: “*Responder às necessidades humanas obriga a considerar as três*

³⁷ Marco António Vasconcellos e Manuel Enríquez Garcia, *Fundamentos de economia*, São Paulo, Saraiva, 1998, p. 205, citado por Gilson Batista Oliveira, *Uma Discussão Sobre O Conceito de Desenvolvimento*, Revista da FAE, Vol. 5, n. 2, 2002, p. 38.

dimensões do desenvolvimento humano, a saber: saúde, educação e rendimento.”³⁸ Com efeito, uma pessoa não pode obter educação se estiver sempre doente e o inverso também é verdade: uma pessoa pode estar permanentemente doente por não ter educação que lhe permita saber como ter uma boa saúde. Alguém sem saúde e sem educação terá, muito provavelmente, os seus rendimentos afetados e vice-versa, já que um menor rendimento também pode levar à falta de educação e de saúde. Indiscutivelmente, educação, saúde e rendimento são elementos constitutivos universais do desenvolvimento humano.

Já para a Amartya Sen, o desenvolvimento consiste no processo de aumentar as potencialidades³⁹ humanas, ou seja a “variedade de coisas que uma pessoa é capaz de fazer e de ser na sua vida”⁴⁰, acrescentando ainda: “*Ao contrário dos aumentos de rendimento, a expansão das potencialidades das pessoas depende quer da eliminação da opressão quer da satisfação de um conjunto de necessidades por parte das instituições públicas, tais como a educação básica, os cuidados de saúde ou as redes de segurança social. A educação básica, os cuidados de saúde e os direitos da mulher são, eles próprios, constitutivos e construtores de desenvolvimento. O crescimento da produção real, per capita, também é suscetível de expandir as potencialidades das pessoas, especialmente aquelas com níveis mais baixos de rendimento, mas não pode ser considerado, por si só, o critério definitivo de desenvolvimento ou de bem-estar.*”⁴¹

Ainda segundo Mahbub ul Haq, há um amplo consenso em torno dos seguintes aspectos do paradigma de desenvolvimento humano:

³⁸ *Training On Human Development Concept and Measurement*, Díli, PNUD, 2010.

³⁹ Traduzimos por potencialidades, aqui e ao longo de toda a dissertação, o termo inglês *capabilities* que designa, simultaneamente, capacidades e possibilidades.

⁴⁰ Amartya Sen, “Development as Capabilities Expansion”, *Journal of Development Planning*, 19, 1989, citado por Sakiko Fukuda-Parr, “The Human Development Paradigm: Operationalizing Sen’s Ideas On Capabilities”, *Feminist Economics* 9 (2-3), 2003, p. 303.

⁴¹ Amartya Sen citado por Peter Evans, “Collective Capabilities, Culture and Amartya Sen’s *Development as Freedom*”, *Studies in Comparative International Development*, vol. 37, n. 2, 2002, pp. 54-55.

- *“O desenvolvimento deve colocar as pessoas no centro das suas preocupações.*
- *O propósito do desenvolvimento é ampliar todas as escolhas humanas, não apenas o rendimento.*
- *O paradigma do desenvolvimento humano diz respeito tanto à construção de potencialidades humanas (através do investimento em pessoas), como ao pleno aproveitamento dessas potencialidades humanas (através de um enquadramento favorável ao crescimento e ao emprego).*
- *O desenvolvimento humano tem quatro pilares essenciais: igualdade, sustentabilidade, produtividade e capacitação. Considera essencial o crescimento económico, mas sublinha a necessidade de prestar atenção à sua qualidade e distribuição, analisa largamente a sua ligação com as vidas humanas e questiona a sua sustentabilidade a longo prazo.*
- *O paradigma do desenvolvimento humano define os fins do desenvolvimento e analisa opções sensatas para alcançá-los.”*⁴²

Trata-se, portanto, de uma abordagem mais flexível que, em vez de estabelecer metas e políticas rígidas, coloca a ênfase na determinação, pelos próprios indivíduos e comunidades, das capacidades e competências que mais valorizam, e desejam ou necessitam desenvolver. Porque, como afirma Sakiko Fukuda-Parr, *“A gama de potencialidades é infinita e o valor que os indivíduos atribuem a cada uma pode variar de pessoa para pessoa. Mesmo que algumas potencialidades mereçam maior atenção pública do que outras, a importância relativa das potencialidades pode variar com o contexto social - de uma comunidade ou país para outro, e de*

⁴² Mahbub ul Haq, “Human Development Paradigm”, in Sharad Chari and Stuart Corbridge (eds.), *The Development Reader*, London/New York, Routledge, 2008, p. 31.

*um ponto de tempo para outro. Assim, ‘a tarefa de especificação deve estar relacionada com a motivação subjacente ao exercício, bem como lidar com os valores sociais envolvidos’ (Sen 1989).”*⁴³

É deste modo que Sen concebe o desenvolvimento como uma condição da liberdade: “*O desenvolvimento como condição básica da liberdade conduz a que seja avaliado em termos de ‘expansão das potencialidades’ das pessoas para levarem o tipo de vida que mais valorizam - e têm razão para valorizar.*”⁴⁴ O primeiro governo constitucional da República Democrática de Timor-Leste (RDTL) tinha a intenção de realizar aquilo que Amartya Sen postula. Com efeito, durante esse governo, foi dada prioridade à saúde e à educação, como forma de garantir o bem-estar físico e o desenvolvimento intelectual dos timorenses, permitindo-lhes atingir outros patamares de realização. Assim, legislou-se no sentido de garantir a toda a população o acesso gratuito às escolas públicas e aos cuidados de saúde em todos os hospitais públicos em Timor-Leste.

No entanto, a sociedade timorense ainda sofre hoje em dia de uma grande precariedade e vulnerabilidade nas suas condições de vida: muitas pessoas permanecem na pobreza e, se olharmos para a existência da maioria dos residentes em áreas remotas, difíceis de alcançar, vemos que não têm um centro de saúde, as instalações de educação formal são ainda mais limitadas, as estradas encontram-se danificadas, etc. O desenvolvimento continua a ser uma utopia ainda não realizada. Ora, a execução de um programa de desenvolvimento obriga a avaliar as necessidades da sociedade, a identificar quais as potencialidades que as pessoas valorizam nas suas vidas e pretendem desenvolver.

⁴³ Sakiko Fukuda-Parr, “The Human Development Paradigm”, p. 305.

⁴⁴ Amartya Sen, *Development as Freedom*, New York, Alfred A. Knopf, 1999, p. 18, citado por Peter Evans, “Collective Capabilities” pp. 54-55.

Com efeito, como afirma Fukuda-Parr, *“As pessoas não são simplesmente beneficiárias do progresso económico e social numa sociedade, mas são agentes ativos de mudança. A abordagem de desenvolvimento humano partilha com outras abordagens a ideia de que investir na educação e na saúde das pessoas é um meio poderoso para alcançar o progresso económico e social global nas sociedades. Mas vai mais longe pelo menos de duas maneiras: primeiro na sua preocupação com o papel da ação humana para mudar a política, o compromisso social e as normas que exigem ação coletiva e em segundo lugar na sua preocupação com os direitos humanos.”*⁴⁵

Importa, assim, sublinhar que as mulheres desempenham hoje um papel importante neste processo. Com efeito, com as suas capacidades e os seus conhecimentos, procuram melhorar as suas vidas, através do aumento da renda familiar, ao perceberem que também são responsáveis pela vida económica, a qual não depende apenas da actividade dos homens. Assim, há mulheres que se tornam vendedoras de frutas, outras trabalhadoras de supermercado, há empresárias ou funcionárias públicas, etc. Em geral, as mulheres têm a oportunidade de participar no desenvolvimento, nas áreas económica, política e social, mesmo que elas tenham de enfrentar dificuldades, nomeadamente as que vivem em zonas remotas.

2.3.Género e desenvolvimento

Como foi referido anteriormente, importa que o processo de desenvolvimento seja conduzido a fim de responder às necessidades de todos os seres humanos que buscam a prosperidade e o bem-estar. Mas, no processo de desenvolvimento, acontece haver injustiças ou

⁴⁵ Sakiko Fukuda-Parr, “The Human Development Paradigm”, p. 308.

discriminação em relação às mulheres. Elas tornam-se, assim, ativistas ou formam grupos para lutar pela igualdade de direitos e de obrigações no processo de desenvolvimento.

Uma abordagem que cruza género com desenvolvimento, a partir de uma perspetiva de totalidade da organização social, económica e política, permite compreender a subordinação das mulheres na sociedade. Esta abordagem nasceu na década de oitenta do século passado, como uma abordagem alternativa para as mulheres no desenvolvimento. O género integrado no desenvolvimento reconhece a importância da análise de classes, mas também sublinha a ideologia do patriarcado que oprime as mulheres de todas as classes. Além disso, faz notar que os homens que têm preocupações com a justiça e a igualdade podem contribuir positivamente para as questões que envolvem as mulheres.⁴⁶

De acordo com Rathgeber, *“O paradigma de género e desenvolvimento adquiriu um lugar central em muitos estudos sobre o impacto do desenvolvimento e da modernização sobre as mulheres nas sociedades em desenvolvimento. Contudo, a natureza dinâmica dessas sociedades, a complexidade do processo de mudança e os resultados conflituosos do desenvolvimento levaram à evolução de quatro fases no seio do paradigma: mulheres em desenvolvimento (WID), mulheres e desenvolvimento (WAD), género e desenvolvimento (GAD) e mulheres, cultura e desenvolvimento (WCD).”*⁴⁷

A abordagem *Mulheres em Desenvolvimento* (WID):

1. *“Foi introduzida em meados da década de 70*

⁴⁶ Eko Setyo Utomo, *Advokasi Pengarusutamaan Gender (Advocacy da Integração do Género)*, Institut Hak Asasi Perempuan, 2005.

⁴⁷ E. M. Rathgeber, “WID, WAD, GAD - Trends in Research and Practice”, *Journal of Developing Areas*, 244, 1990, pp. 489-502, citado por Shweta Singh, *Deconstructing “Gender And Development” for “Identities of Women”*, *International Journal of Social Welfare*, 16, 2007, p. 101.

2. *Vê as mulheres como recursos inexplorados que podem contribuir para o desenvolvimento nas suas famílias, comunidades e países.*
3. *Dá ênfase à melhoria do seu estatuto económico e social, sem plena consideração dos contextos sociopolíticos, das relações de género e das ideologias que produzem a desigualdade.*
4. *As desigualdades entre os sexos não são explicitamente abordadas.”*⁴⁸

Quanto à abordagem de *Género e Desenvolvimento* (GAD), por seu turno:

1. *“Dá ênfase a uma perspectiva de género mais ampla e à construção social dos papéis e relações de género.*
2. *O termo género refere-se aqui às regras e papéis específicos para homens e mulheres numa sociedade.*
3. *Salienta que há uma série de atributos sociais, económicos, políticos e culturais, e de oportunidades associadas a ser do sexo feminino e masculino. Homens e mulheres têm acesso e controle diferentes sobre recursos e participação na tomada de decisões, o que se reflete em instituições económicas, sociais, jurídicas e culturais.*
4. *Reconhece que estas diferenças podem mudar ao longo do tempo e que a posição dos que estão em desvantagem em termos de acesso a recursos e/ou direitos pode ser melhorada.*
5. *Considera que a igualdade entre os sexos, definida como o gozo igual, por mulheres e homens, de bens, direitos, oportunidades e recursos socialmente valorizados, pode ser alcançada.”*⁴⁹

⁴⁸ *Training On Human Development Concept and Measurement*, Díli, PNUD, 2010.

⁴⁹ *Training On Human Development Concept and Measurement*, Díli, PNUD, 2010.

Note-se que, no âmbito das abordagens WID e GAD, as mulheres são vistas como parte integrante do próprio desenvolvimento. Mulheres e desenvolvimento não podem ser separados, porque as mulheres têm o direito de participar no processo de desenvolvimento e de desfrutar dos seus resultados. Mas também é necessário perceber que participar no desenvolvimento é um direito de todos e há sempre uma competição entre as pessoas; há competição dos homens entre si, das mulheres entre si e ainda entre homens e mulheres. Por isso, todas as pessoas devem ter iniciativa e criatividade.

Como foi sublinhado por Domingas Gama Barbosa, *“Temos de sair de casa para encontrar um emprego. Somos nós que estamos à procura de um emprego, não é o emprego que vem encontrar-nos.”*⁵⁰ Aqui, Barbosa ensina que, se as mulheres querem participar no desenvolvimento, devem sair de casa. É também enfatizada a ideia de que a iniciativa e a criatividade das pessoas não deve depender dos outros; qualquer mulher deve ser capaz de procurar oportunidades, porque as oportunidades pertencem a todos e exigem capacidades e competências. Portanto, estando fora de casa a procurar oportunidades ou um emprego, as mulheres estarão a melhorar as suas capacidades e competências para participar no processo de desenvolvimento.

Finalmente, *Género e Desenvolvimento Humano* (GHD) surge como uma abordagem específica de GAD, para a qual:

1. *“Há um foco específico em mulheres (e homens), mas coloca necessariamente a análise dentro do contexto do desenvolvimento humano total.*
2. *Salienta a crescente atenção dos analistas e peritos em questões de género relativamente às relações entre as políticas macroeconómicas e de*

⁵⁰ Barbosa, Domingas Gama, Entrevista, Díli, 23 de novembro de 2016.

*desenvolvimento, e o seu impacto diferenciado nos homens e mulheres, bem como ao impacto negativo (económico, social e outros) da desigualdade de género no desenvolvimento humano global.”*⁵¹

No contexto da abordagem GHD, é dada uma maior ênfase às preocupações de Mahbub ul Haq quanto à realização do processo de desenvolvimento, o qual deve ser capaz de responder ao desenvolvimento humano integral. Todos os aspetos do desenvolvimento e o seu impacto na saúde precisam de atenção, para que seja encontrada uma solução que não prejudique os seres humanos. Em relação às mulheres, são exigidas condições favoráveis para que elas se preparem e organizem para poderem participar do processo global de desenvolvimento. A solução encontrada pelo governo timorense foi criar uma Secretaria de Estado especificamente consagrada a esse fim, a SEPI (Secretaria de Estado Promoção e Igualdade) ou SEM (Secretaria de Estado para o Apoio e Promoção Socio-Económica da Mulher), de que falaremos mais adiante. Mas há também organizações de mulheres que trabalham com o governo, para o ajudar a criar e executar programas, a fim de responder às exigências do WID, GAD e GHD.

É de esperar que Timor-Leste responda a estas exigências no futuro, tal como foi demonstrado no processo de desenvolvimento durante o período de independência. Na realidade, verifica-se hoje um número crescente de mulheres que participam em todos os aspetos da vida do país, seja a nível económico político ou sociocultural.

⁵¹ *Training On Human Development Concept and Measurement*, Díli, PNUD, 2010.

CAPÍTULO III

ORGANIZAÇÕES DE MULHERES EM TIMOR-LESTE

Neste capítulo, vamos descrever as organizações de mulheres que estão activamente a realizar os seus programas em Timor-Leste. Algumas destas organizações foram criadas antes da independência, outras depois. As organizações de mulheres têm ajudado o povo timorense, especialmente as mulheres, a participar em vários aspectos do desenvolvimento em Timor-Leste de acordo com os objectivos e programas de cada organização.

3.1. A Rede Feto Timor-Leste - Rede das Mulheres de Timor-Leste

A Rede Feto Timor-Leste é uma rede nacional, constituída por 14 organizações de mulheres que se espalham por 13 distritos, e tem um programa para defender as questões e preocupações das mulheres e promover o desenvolvimento sustentável através da capacitação das mulheres, nomeadamente as que se integram em partidos políticos. Sendo esta uma rede dinâmica de organizações de mulheres, os membros da Rede Feto estão focados em áreas como a educação, a saúde, a violência de género, a agricultura, a política e tomada de decisões, questões de juventude, o empoderamento económico das mulheres, entre outros.⁵²

Filomena Fuca, oficial de capacitação, afirma que, além de fornecer capacitação e monitorização das actividades em cada município, as activistas da Rede Feto também têm programado a realização de uma reunião mensal com o Parlamento Nacional. Durante a reunião, fornecem um relatório sobre a sua avaliação acerca da participação das mulheres no

⁵² *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

desenvolvimento. Além disso, também podem fornecer recomendações ao Parlamento Nacional, no que toca a inscrição, no Orçamento de Estado de cada ano, de verbas direcionadas ao apoio das atividades de capacitação e desenvolvimento económico das mulheres.⁵³ Foi com essa intenção que, a 18 de novembro de 2016, lhes foi dada a oportunidade de uma reunião com a Bancada FRETILIN e a Frente Mudança.⁵⁴

Se olharmos para os programas e atividades da Rede Feto, enquanto aglutinadora da ação de todas as organizações de mulheres em Timor-Leste, o seu papel é da maior importância dado o poder de influência que exerce junto ao governo e ao parlamento nacional. Igualmente interessante, contudo, é a abertura do Governo e do Parlamento Nacional para aceitar e ouvir qualquer organização cívica, incluindo todas as mulheres que se estão a esforçar para ajudar os outros a conhecer e perceber a igualdade de género, os direitos e as obrigações de todos, homens e mulheres. Todas as pessoas têm o direito de participar no desenvolvimento nacional de Timor-Leste.

Visão e missão da Rede Feto

Segundo a Constituição Nacional, as mulheres timorenses estão livres de qualquer tipo de discriminação, gozando dos mesmos direitos que os homens e podendo como eles contribuir para o desenvolvimento global. A missão da Rede Feto é lutar para defender os interesses das mulheres, dotando-as de meios que lhes permitam gozar desses direitos e capacitando-as para participar no desenvolvimento. A luta das mulheres, em Timor-Leste, não é diferente da das mulheres no Brasil ou na Europa. Portanto, é possível dizer que *“A luta por reconhecimento específico tendeu a mesclar-se com as lutas por democratização, implicando reivindicações por*

⁵³ Fuca, Filomena, Entrevista, Díli, 30 de novembro de 2016.

⁵⁴ *Calendário Rede Feto*, Díli, 2016.

direitos políticos e inclusão geral dos diversos segmentos sociais nas democracias emergentes.”⁵⁵

Do ponto de vista político, tais desenvolvimentos colocam em debate as noções de igualdade e direitos referenciados no indivíduo como sujeito privilegiado. No âmbito específico do feminismo, um dos seus principais reflexos tem sido a crítica à categoria da igualdade como princípio que norteia as reivindicações políticas das mulheres.⁵⁶ Com efeito, importa que homens e mulheres em conjunto percebam que a luta pela igualdade não é uma luta de uns contra os outros, mas uma luta para apreciar e reconhecer os direitos de todos. Cada homem e cada mulher têm os seus direitos. É por isso relevante que todos se esforcem para melhorar a convivência e participar igualmente no desenvolvimento nacional e assim no bem-estar da sociedade e na consolidação do Estado.

Objetivos da Rede Feto

O principal objetivo da Rede Feto é ser reconhecida como defensora dos direitos das mulheres e da igualdade de género, nacional e internacionalmente, e também como um centro de capacitação de organizações associadas e afiliadas. Desde 2000, a Rede Feto vem fazendo isso, facilitando a participação das mulheres no processo pós-conflito de construção da paz e da nação, bem como através do fortalecimento das capacidades organizacionais e individuais das pessoas que trabalham para o empoderamento das mulheres. A Rede Feto coordena, entre os seus membros, a partilha de recursos, informações e soluções para atingir os objetivos organizacionais de toda a rede.⁵⁷

⁵⁵ Clara Araújo, “Mulheres e Representação Política: A Experiência das Cotas no Brasil”, *Revista Estudos Feministas*, 6-1, 1998, p. 4. Disponível em: [https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12035/11312%20\(25\)](https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12035/11312%20(25)). Data de consulta: 25 de maio de 2016.

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

Programação de atividades em 2016

1. Coordenação e facilitação da rede: coordenação das actividades de todas as partes interessadas, incluindo os membros da Rede Feto, os órgãos governamentais, as organizações não-governamentais nacionais e internacionais, etc.;
2. Gestão do secretariado: execução das tarefas administrativas e burocráticas;
3. Coordenação do conselho e da secretaria: coordenação entre o órgão consultivo e o órgão de gestão do secretariado;
4. Relações entre doadores e parceiros: coordenação das relações entre os doadores, os parceiros e os membros da Rede Feto;
5. Mobilização de recursos: procura e mobilização dos recursos necessários para atingir os objetivos pretendidos.⁵⁸

Capacitação das Mulheres

Atendendo às necessidades identificadas de capacitação (Capacity Assessment of Partner, CAP 2016), a Rede Feto pretende desenvolver as seguintes atividades:⁵⁹

1. Fornecer formação em redacção de propostas;
2. Fornecer formação em escrita de relatórios-sombra (CEDAW - Convention for the Elimination of Discrimination Against Women - Shadow Report Writing Training);
3. Monitorizar e avaliar a formação fornecida;
4. Continuar a CAP com a IWRAW (International Women's Rights Action Watch)

⁵⁸ *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

⁵⁹ *Ibidem*.

Luta contra a discriminação das mulheres

No âmbito da luta contra a discriminação das mulheres, a Rede Feto desenvolve também os seguintes programas:⁶⁰

1. CEDAW (formação sobre CEDAW, assistência à CEDAW, recolha de dados e elaboração de relatórios-sombra);
2. Quarta plataforma de ação (POA - Platform of Action) do Congresso (finalizar e distribuir a POA, formular planos/estratégias de abordagem, monitorizar ativamente a POA);
3. Representação da Rede Feto em órgãos externos e em documentos de tomada de posição para a reunião de parceiros nacionais de desenvolvimento;
4. Atividades de continuidade, iniciadas em 2013: acompanhamento com o Ministro da Educação da questão da política de reentrada na escola de alunas que foram expulsas por causa de gravidezes precoces;
5. Centro de comunicação e informação para membros e para outras partes interessadas que promovam e reforcem capacidades;
6. Publicação da SALURIK (revista da Rede Feto) e de outras publicações de membros da Rede Feto, com grupos de trabalho;
7. Organização de um debate na TVTL (Televisão de Timor-Leste) para discutir as questões das mulheres e promover a campanha sobre igualdade de género.

⁶⁰ *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

Implementação dos resultados do 4º Congresso Nacional de Mulheres de 2013 (POA - Platform of Action):⁶¹

1. Mulheres e tráfico de seres humanos
2. Mulheres, terras e propriedades
3. Mulheres e educação
4. Mulheres e alterações climáticas
5. Mulheres e economia
6. Trabalho de mulheres
7. Mulheres e saúde
8. Mulheres e município

A Rede Feto e o seu histórico de conquistas dos últimos 15 anos:⁶²

1. Organizou o Congresso Nacional de Mulheres a cada quatro anos (2000, 2004, 2008 e 2013⁶³), resultando numa Plataforma Nacional de Ação;
2. Sugeriu mudanças legislativas favoráveis às mulheres, como a lei contra a violência doméstica (2010) e lei sobre uma quota de 38,5% para as mulheres no Parlamento (2012);
3. Submeteu pareceres sobre as leis e políticas governamentais de Timor-Leste, como a lei fundiária, a tributação, a orçamentação, para as tornar sensíveis ao género;
4. Coordenou o relatório-sombra das ONG de Timor-Leste à CEDAW.

⁶¹ *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ Não houve Congresso em 2012 porque foi o ano das eleições presidenciais e parlamentares.

5. Dirigiu e contribuiu para atividades de defesa dos direitos das mulheres e consciencialização em parceria com atores nacionais e internacionais, como jornadas nacionais e internacionais de mulheres, *16 Dias de Ativismo Contra Violações de Género*, “*Dili Cidade Segura*” (para garantir às mulheres um acesso seguro a espaços públicos) e “*100% Hau Prontu*” (para assegurar que as mulheres estejam representadas nas eleições para os Sucos).
6. Apoiou os seus membros no acesso às oportunidades de capacitação.

3.2. Os membros da Rede Feto de Timor-Leste

3.2.1. Feto Iha Kbiit Servisu Hamutuk (FKSH) – A Força das Mulheres a Trabalhar em Conjunto

De acordo com a diretora da FKSH, Gizela de Carvalho, as mulheres contribuíram para a luta pela independência. Em seguida, depois da independência, continuaram a contribuir para o desenvolvimento de Timor-Leste de acordo com as suas capacidades e competências, tais como a tecelagem, a costura e a culinária. Na sua opinião, para que as mulheres desenvolvam os seus talentos e competências não podem agir só individualmente, mas devem estar num grupo ou organização forte. Foi por isso que em 2002 foi fundada a organização FKSH, uma iniciativa que partiu de quatro mulheres jovens, Edith Neto, Leonor Barros, Gizela de Carvalho e Teresa Barros. A constituição da organização foi feita com base no artigo 17º da Constituição da RDTL. Os objetivos da FKSH centram-se sobretudo na formação de mulheres na área economia.⁶⁴

⁶⁴ Carvalho, Gizela de, Entrevista, Díli, 15 de novembro de 2016.

Perfil da FKSH⁶⁵

1. Visão da FKSH: alcançar a prosperidade das mulheres e a justiça social, cultural e económica;
2. Missão: a missão da FKSH é desenvolver as capacidades das mulheres nas pequenas empresas. Lutar pelos direitos e pela dignidade das mulheres. Organizar a atividade das mulheres para a sua independência, auto-estima e capacitação;
3. História: as fundadoras cresceram numa cultura patriarcal; porém, a sua educação desenvolveu nelas força e autodeterminação. Com a independência de Timor-Leste, a liderança da nova nação estabeleceu a igualdade de género e a liberdade como direitos básicos. As quatro jovens assumiram este desafio de desenvolvimento, trabalhando em primeiro lugar para o Coletivo de Apoio da Ásia-Pacífico e, em 2002, estabelecendo a FKSH, para trabalharem diretamente nesta transformação de género, particularmente nas zonas rurais. Ao longo dos anos, a FKSH sobreviveu através da expansão e contração, aprendendo, ano após ano, com parceiros, partes interessadas e doadores, como o Canadá, a Irlanda e o Ministério das Mulheres de Timor. A equipa é formada por membros ativos do movimento de mulheres, representando várias organizações, que beneficiam de oficinas no exterior e de viagens de pesquisa;
4. Filosofia: a FKSH sempre quis ser um recurso responsivo, dotado de competências e capaz de dar apoio a grupos de mulheres. A sua filosofia é facilitar, ajudar a consolidar, incentivar e construir pontes para o uso de competências que permitam aumentar a capacidade de sustento. Entende que as mulheres que trabalham

⁶⁵ *Feto Iha Kbiit Servisu Hamutuk* (FKSH), folheto, Díli, 2015.

eficazmente em conjunto criam confiança e estabilidade económica, e sabe que construir a confiança através da escuta e de aprendizado sobre o contexto local é de vital importância. A FKSH é uma organização de funcionamento local, que está nas comunidades para o longo prazo. Valoriza a aspiração das mulheres ao respeito e quer caminhar ao lado delas, construindo o respeito mútuo;

5. Áreas de trabalho e programas: a FKSH tem respondido às necessidades das mulheres rurais dos municípios de Ermera, Aileu e Bobonaro, envolvendo e proporcionando capacitação económica a mulheres de todas as áreas. Um segundo conjunto de programas denominados “Desenvolvimento Juvenil Equitativo de Género” foi implementado nos municípios de Aileu, Manatuto, Liquiçá e no posto Administrativo de Maubisse. A FKSH oferece programas em comunidades rurais, onde a necessidade é maior, respondendo aos pedidos ou identificando necessidades em certas áreas. Os cursos incluem: gestão financeira, marketing, competências de vida, liderança, gestão organizacional, preparação para o emprego, género e cultura, violência baseada no género, comida tradicional. O curso de contabilidade é muito popular. Quando uma comunidade tem extrema necessidade e ao mesmo tempo entusiasmo para lançar pequenos negócios particulares, a FKSH tem sido capaz de responder com a ajuda de doadores, fornecendo equipamentos e materiais, tais como máquinas de costura, equipamentos de cozinha, tecidos, corantes ou materiais de construção. Os membros dos grupos de trabalho comunitários trabalham a partir dessas premissas, em sua jornada de sustentabilidade, pedindo à FKSH mais formação e orientação, quando necessário;

6. Histórias de Sucesso: Em Aileu, Deolinda trabalhava duramente na sua terra até abriu uma pequena loja (quiosque), mas embora trabalhasse mais de 14 horas por dia, não tinha nenhum lucro. Quando contactou a FKSH, estava cansada e não conseguia mesmo passar algum tempo com amigos e familiares. A FKSH e Deolinda fizeram uma avaliação da sua situação e foi-lhe dito para pedir à comunidade de mulheres para compartilharem os seus bens e trabalharem a terra juntas. A FKSH ajudou Deolinda a reunir pessoas adequadas e a organizar um grupo para trabalharem todas de forma eficaz e eficiente em conjunto. Aprenderam, assim, em conjunto, aumentando os seus rendimentos e diversificando a produção. Obtiveram uma boa produção de vegetais e uma receita estável e mais consistente. *"FKSH foram maravilhosas, a ideia de partilhar o meu trabalho foi tão boa, é bom para o grupo partilhar o trabalho e partilhar os lucros. Eu já não luto com o lado do dinheiro. Posso gerir as finanças e até mesmo ajudar os outros. A formação em contabilidade da FKSH me deu as ferramentas e a confiança, eu me sinto totalmente diferente em relação ao futuro agora"*, afirmou Deolinda.

Por seu turno confessou Aliança, em Ermera: *"Educar 10 crianças juntas foi fácil até que o meu marido teve um ataque de coração em 2004."* Aliança foi obrigada, de repente, a conciliar a sua atividade económica com a maternidade, os cuidados ao marido e o trabalho doméstico. Felizmente, as suas competências na tecelagem de Tais (roupa tradicional de Timor) deram-lhe uma renda, mas a família lutou para sobreviver. Ela produzia os seus têxteis desde o nascer do sol, fazendo-os tão atraentes quanto possível para garantir que cada peça se vendia. Foi uma vida solitária, dura, que atingiu o seu ponto mais baixo com a morte do seu marido, em

2012. Posteriormente Aliança viria a juntar-se às mulheres da sua família num curso de liderança FKSH, experiência que lhe abriria os olhos para outras possibilidades. Fez, então, mais quatro cursos e ajudou a estabelecer um novo grupo de confeção de Tais, o qual tem sua própria sala de trabalho e equipamentos. Aliança gere muitos pedidos e ajuda os 12 membros do grupo Ermera Tais Kabas Rohan, dos quais seis são viúvas, a ganhar um salário justo pelo seu trabalho. *"Estou muito contente agora, eu trabalho neste negócio colectivo que fornece sociabilidade assim como um rendimento mais seguro. Gosto de ver crescer as competências do grupo."*

Com base nas histórias de Deolinda e de Aliança, podemos ver que a FKSH tem ajudado as mulheres no desenvolvimento de capacidades e competências. A FKSH também ajuda as mulheres a melhorar situação económica das suas famílias e pode encontrar soluções para as mulheres que tiveram problemas na economia familiar. A FKSH tornou-se uma organização que pode ajudar e aumentar o rendimento familiar em certos municípios, como os de Aileu e Ermera.

3.2.2. Feto Hadomi Familia (FHF) - A Mulher Ama A Sua Família

A diretora da Feto Hadomi Familia, Martinha da Silva, afirma que *"A FHF foi fundada por causa da experiência da crise de 2006. Na época, muitos dos que sofreram eram mulheres e crianças. Além disso, a realidade mostra que ainda há mulheres que são dependentes de seus maridos ou de outros homens. Às vezes, há mulheres que estão casadas, mas não percebem que o marido é um parceiro ou colega de trabalho. Elas sentem que o marido poderia ser responsável por todas as necessidades, que poderia fazer tudo."*⁶⁶ Com base nessa realidade, em 2007, Martinha da Silva fundou a FHF para motivar as mulheres a serem auto-suficientes e a ganharem a vida por conta própria, sem dependerem do marido ou de outro homem.

⁶⁶ Silva, Martinha da, Entrevista, Díli, 25 de novembro de 2016.

A FHF aconselha e apoia as mulheres em busca de independência económica. Trabalha em Díli, Aileu, Anairo, Bobonaro e Covalima, em programas de horticultura, agricultura, microcrédito, empréstimos mutualistas, bem como no desenvolvimento e promoção de produtos alimentares locais. Também trabalha para promover a liderança das mulheres e a igualdade de género na comunidade, especialmente a liderança de mulheres jovens.⁶⁷

Com base nas palavras da diretora da FKSH e da diretora da FHF acima referidas, podemos afirmar que as organizações de mulheres em Timor-Leste têm procurado implementar a igualdade de género, assim definida pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) *“A igualdade de género significa que as mulheres e os homens têm condições iguais para realizar os seus direitos humanos e contribuir para o desenvolvimento económico, social, cultural e político e beneficiar deste. A igualdade de género é, portanto, a igual valorização, pela sociedade, das semelhanças e diferenças entre homens e mulheres e dos papéis que desempenham. Baseia-se em mulheres e homens que são parceiros plenos nos seus lares, nas suas comunidades e nas suas sociedades. A igualdade de género começa com a igualdade de valor entre meninas e meninos.”*⁶⁸

3.2.3. Psychosocial Recovery and Development in East Timor (PRADET)

A organização Recuperação Psicossocial e Desenvolvimento em Timor-Leste (PRADET) fornece serviços psicossociais para pessoas que sofrem de algum trauma, doença mental, violência doméstica, agressão sexual, abandono, maus-tratos, tráfico, prisão ou tortura.

Os programas principais do PRADET são:⁶⁹

⁶⁷ *Feto Hadomi Familia* (FHF), folheto, Díli, 2016

⁶⁸ *Training On Human Development Concept and Measurement*, Díli, PNUD, 2010.

⁶⁹ *Psychological Recovery and Development in East Timor* (PRADET), folheto, Díli, 2016.

1. Fatin Hakmatek (Um lugar calmo ou sossegado), que fornece segurança, alojamento de emergência, aconselhamento, tratamento médico, exames médicos forenses e documentação de lesões a pessoas que sofram de violência doméstica, agressão sexual, abuso e abandono. Têm serviços em Díli, Oecusse, Baucau, Maliana e Suai.
2. Programa de Assistência à Doença Mental (PAMM), que fornece avaliação, acompanhamento psicossocial, apoio, informações, encaminhamento e um centro de dia em Díli para pessoas que sofrem de doença mental e trauma, e suas famílias.
3. *Tau Matan* (Prestar ajuda), que suporta as necessidades de apoio psicossocial, médico e de alojamento de emergência de pessoas que foram traficadas interna ou internacionalmente.
4. Programa de Assistência à Paz e à Democracia para a Justiça Juvenil (PDAJJ), que apoia jovens infratores entre os 17 e os 23 anos, assim como pessoas que sofrem 72 horas de detenção, todos de sexo masculino, na prisão de Becora, e a mulheres na prisão de Gleno.
5. Programa de Educação Comunitária sobre Álcool e Drogas e Curso de Desenvolvimento Pessoal (PDC), que são programas de educação comunitária sobre o abuso de álcool e de drogas, e como gerir eficazmente as emoções e ter uma boa comunicação.

Silvina Dulce dos Santos, como coordenadora de aconselhamento no PRADET, declarou que tem trabalhado como terapeuta desde 2005 até a data (2016). Ela ama o seu trabalho embora todos os dias encontre um grande número de desafios. Como terapeuta, é, às vezes espancada, pisada e insultada pelo paciente. Mas com paciência e firmeza, continua a sua tarefa em

benefício da vida futura dos pacientes. Assim, Silvina trabalha em conjunto com a Polícia Comunitária para levar os doentes mentais desde o local de origem até Díli para serem assistidos de acordo com a doença a cada um. Também, juntamente com os médicos do hospital, ela pode ajudar o seu paciente, que ao melhorar é transferido de volta para sua família, ficando ela a assisti-lo até que esteja totalmente recuperado. Por exemplo, em 15 de dezembro de 2016, foi entregar sete pacientes às suas famílias. As sete mulheres estavam curadas da doença mental. Silvina Dulce afirmou que a maior parte das vítimas de saúde mental em Timor-Leste são mulheres por causa do sistema patriarcal.⁷⁰

Com base na experiência de Silvina Dulce dos Santos, podemos observar que ser terapeuta de doentes mentais não é uma tarefa fácil. Requer paciência e fidelidade à sua missão de acompanhar e servir os pacientes. Silvina Dulce dos Santos é uma mulher empenhada no trabalho que realiza na organização PRADET há 11 anos. Silvina e as suas colegas têm ajudado e curado muitas pessoas que sofrem de transtornos mentais ou traumáticos. Elas são verdadeiras heroínas para os doentes mentais em Timor-Leste, e assim, pela sua contribuição para a saúde do povo de Timor-Leste elas também participam no desenvolvimento do seu país.

3.2.4. Forum Komunikasi Perempuan Timor Lorosa'e (Fokupers) – Fórum Comunicação das Mulheres de Timor Leste

Fundada em 1997, a Fokupers é a principal organização que se ocupa da violência de género em Timor-Leste. Ela presta um serviço de 24 horas para ajudar as mulheres vítimas desse tipo de violência. Tem quatro áreas programáticas:⁷¹

⁷⁰ Santos, Silvina Dulce dos, Entrevista, Díli, 13 de dezembro de 2016.

⁷¹ *Forum Komunikasi Perempuan Timor Lorosa'e* (Fokupers), folheto, Díli, 2016.

1. Assistência às vítimas de violência doméstica, incluindo um abrigo e uma casa de trânsito;
2. Educação e formação públicas sobre violência doméstica;
3. Promoção da justiça e dos direitos de mulheres;
4. Knua ba Labarik, um centro para crianças baseado na promoção da igualdade de género, sem violência.

A Fokupers oferece um serviço integrado para mulheres nos municípios de Díli, Covalima, Bobonaro, Liquiçá, Ermera, Manatutu, Viqueque e Same. Presta assistência na violência de género em todos os 13 municípios.

Tal como afirmam Alves e Coura-Filho, *“No campo da saúde coletiva, a violência recebeu da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993) a denominação de “causas externas” na Classificação Internacional das Doenças (CID-10), mas desde 1980 tem sido reconhecida como uma questão de saúde pública, não somente do ponto de vista dos traumatismos físicos, mas também sobre os sérios efeitos para a saúde mental de quem a sofre. E a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 1993) analisa que a violência, pelo número de vítimas e a magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um carácter endémico e se converteu em um problema de saúde pública em vários países.”*⁷²

As mulheres timorenses já perceberam que a violência doméstica é um problema de saúde e uma violação dos direitos humanos. Por isso, elas criaram organizações de mulheres para prevenir e combater esse problema. Elas fizeram isso por que existem muitas organizações

⁷² OMS e OPAS, citadas por Andréa Matias Alves e Pedro Coura-Filho, “Avaliação das Ações de Atenção às Mulheres sob Violência no Espaço Familiar, Atendidas no Centro de Apoio à Mulher, Belo Horizonte, 1996 e 1998”, *Ciência & Saúde Coletiva*, 6-1, 2011, p. 244. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v6n1/7040.pdf>. Data de consulta: 23 de abril de 2016.

internacionais que lutam para prevenir e combater a violência doméstica, como as organizações mencionadas acima.

3.2.5. Fundasaun Moris Foun (FMF) – Fundação Nova Vida

A FMF foi criada em 2013 no município de Liquiçá. Desenvolve a liderança local, tanto na sociedade civil quanto nos sistemas governamentais, e trabalha para fortalecer a comunidade local. Tem quatro áreas de programação: educação, promoção da igualdade, monitorização e capacitação. Ela faz formação não-formal na comunidade local. Atualmente não tem fundos, portanto opera com uma capacidade voluntária.⁷³

3.2.6. Asia Pacific Support Collective Timor-Leste (APSC-TL)

A APSC-TL é uma organização de defesa das mulheres focada na educação, na construção da paz e na capacitação económica em Timor-Leste. Fundada em 2000, a sua missão é promover a plena participação das mulheres em todos os aspetos da sociedade. Desde 2000, a APSC-TL desenvolveu e implementou vários projetos que ajudam milhares de mulheres e meninas em todo o país a tornarem-se participantes ativas no desenvolvimento de Timor-Leste.

Estes projetos têm-se centrado na capacitação das mulheres na prevenção da violência, proporcionando-lhes acesso à educação, promovendo a igualdade e a paz em toda a comunidade. As principais beneficiárias do trabalho da APSC-TL são mulheres vulneráveis, mulheres veteranas, viúvas e meninas. A APSC-TL tem três funcionários permanentes, dos quais duas são mulheres e um, homem.

As suas realizações incluem:⁷⁴

⁷³ *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Dili, 2016.

⁷⁴ *Ibidem*.

1. Em parceria com as Blue Mountains East Timor Sisters, permitiram a 105 mulheres e raparigas prosseguir os seus estudos na escola e na universidade, 80 das quais atingiram a graduação e mais de metade estão em empregos a tempo inteiro;
2. Deram assistência a mais de 400 mulheres vulneráveis, estabelecendo 45 grupos de auto-ajuda, numa iniciativa de construção de paz liderada pela comunidade;
3. Mais de 1000 autoridades locais foram equipadas para responder melhor à violência na comunidade e compreender os direitos das mulheres;
4. Mais de 100 mulheres têm partilhado a sua experiência de resistência para conseguir um maior reconhecimento do papel das mulheres.

3.2.7 Alola Foundation

A Fundação Alola opera em Timor-Leste para melhorar a vida das mulheres e das crianças. Fundada em 2001 por Kirsty Sword Gusmão, foi assim nomeada em homenagem a Juliana “Alola” dos Santos, uma menina de 14 anos que foi brutalmente estuprada e levada pelas milícias pró-Indonésio para Timor Ocidental no mês de setembro de 1999. Esta organização procura nutrir a liderança feminina e defender os direitos das mulheres, abordando problemas relacionados com a educação, o desenvolvimento económico, a saúde materna e infantil, e defendendo os direitos das mulheres. A Fundação Alola tem mais de 100 funcionários trabalhando em todos os municípios.

A visão da Fundação Alola é que as mulheres de Timor-Leste tenham um estatuto igual ao dos homens em todos os aspetos da vida (acesso, participação, papel na tomada de decisões, gozo dos benefícios do desenvolvimento) através da educação, desenvolvimento económico, saúde e liderança comunitária. A fundação opera programas extensos para aumentar a qualidade

e o acesso à educação para mulheres e crianças, melhorar o seu estado de saúde, fortalecer as pequenas empresas de mulheres ao nível das bases e promover, em geral, os direitos e aumentar a capacidade de liderança das mulheres.⁷⁵

A Alola também opera através da 'Alola Esperance', numa estratégia com o objetivo de permitir que as mulheres façam e vendam tecelagem tradicional e artesanato de primeira classe. Nos últimos anos, a Fundação Alola deu mais ênfase a dois programas, um de saúde materno-infantil e outro de educação, especialmente formal. O programa de saúde materno-infantil foi definido em 2013 com o objetivo de dar mais atenção a esse aspeto; foi dada formação a enfermeiros e parteiras, mas também explicações à comunidade sobre como prevenir o HIV. Na realização de programas educacionais, a fundação Alola deu formação a professores, especialmente àqueles que não têm formação específica na área em que ensinam. Este programa é mais focado nos professores do ensino pré-escolar e primário, havendo concessão de bolsas a estudantes ou alunos provenientes de famílias pobres ou até mesmo órfãos. Além disso, há distribuição gratuita de livros em escolas com necessidade.⁷⁶

3.2.8. CAUCUS – Women in Politics

A CAUCUS visa aumentar a equidade de género na política, fortalecendo o envolvimento das mulheres no processo democrático, capacitando e motivando as mulheres para a vida política, promovendo a liderança das mulheres e estabelecendo processos em rede para comunicação, partilha de informações e cooperação entre mulheres, em todos os níveis de governo. Tem programas em defesa de direitos, capacitação, órgãos de comunicação social e

⁷⁵ *Alola Foundation*, folheto, Díli, 2016.

⁷⁶ *Lian ba Igualdade* (A Voz da Igualdade), Secretaria de Estado para o Apoio e Promoção Socio-Económica da Mulher (SEM), Edição 5, janeiro-Março 2015.

relações públicas. O seu pessoal é tanto remunerado como voluntário, proporcionando valiosa experiência de trabalho para muitas mulheres jovens.⁷⁷

Este tipo de apoio é importante porque Timor-Leste conhece a mesma situação que ocorre no Brasil, tal como observam Carmen Silva e Sílvia Camurça. Com efeito, a organização política das mulheres faz-se no plano local, onde se enfrenta a política tradicional e, ainda, onde ocorrem os debates sobre ser ou não relevante e necessária a existência das organizações de mulheres. Mas também se realiza dentro dos outros movimentos sociais, que por tradição não consideram importante a organizações das mulheres, uma vez que os homens e mulheres que ocupam as direções desses movimentos não reconhecem a opressão e a exploração vividas pelas mulheres, não reconhecem a dominação patriarcal como um problema político coletivo. Algo que constitui um dos grandes desafios da luta feminista no contexto dos s movimentos sociais, tanto no campo como na da cidade.⁷⁸

3.2.9. Centro Nossa Senhora do Rosário (CNSR)

O Centro Nossa Senhora do Rosário faz capacitação de mulheres nos municípios de Ermera e Manatutu. Fornece escolaridade a órfãos e visita famílias que precisam de apoio material para a educação dos filhos. O CNSR também apoia, junto ao Ministério da Solidariedade Social (MSS), os indivíduos que precisam de ajuda. O Centro tem ainda um plano para estabelecer grupos de mulheres para se concentrarem no desenvolvimento económico, com tecelagem de Tais, fabrico de cestas, cremes para a pele e pomadas calmantes em Díli e numa

⁷⁷ *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

⁷⁸ Carmen Silva e Sílvia Camurça, *Feminismo e Movimentos de Mulheres*, Recife, Edições SOS Corpo, 2013, p. 29.

aldeia isolada em Manatutu. Atualmente, não tem financiamento para apoiar o seu trabalho; os funcionários são voluntários.⁷⁹

3.2.10. Fundação da Esperança Enclave Oe-cusse (FEEO)

A FEEO opera no âmbito da prevenção da violência através da criação de ligações com o governo e com outras instituições para formação de homens e mulheres como líderes locais. Além disso, trabalha com 16 grupos de mulheres em Oe-cusse, focando-se na capacitação económica de mulheres e meninas através da formação, defesa de direitos, capacitação e constituição de redes. A FEEO dispõe igualmente de uma bolsa da Embaixada da Nova Zelândia para trabalhar no desenvolvimento de produtos com estes grupos.

A FEEO trabalha ainda com grupos de mulheres em Oe-cusse e Díli para construir planos de formação específica, nomeadamente em parceria com a ONU Mulheres. A FEEO também trabalha em questões ambientais e na adaptação às mudanças climáticas.⁸⁰

3.2.11. Fundação Hari Moris Foun (FHMF) – Formar uma Nova Vida

A FHMF tem como objectivo promover o bem-estar das mulheres e crianças através da melhoria do seu acesso à formação económica, educação e igualdade de género. Tem três programas principais:⁸¹

1. Educação e Alfabetização - aulas de alfabetização e sobre atividades de poupança e crédito;
2. Melhoramento da economia das mulheres através do treino de competências na gestão de pequenas empresas, atividades de poupança e

⁷⁹ *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ *Ibidem*.

crédito, atividades de agricultura e jardinagem doméstica (com foco especial no cultivo e uso de corantes naturais para têxteis) e ainda de tecelagem, usando as técnicas tradicionais e corantes naturais;

3. Outros programas, centrados na defesa dos direitos das mulheres e das crianças, no treino de competências de liderança com foco na Paz e Segurança das Mulheres (UN 1325), no desenvolvimento da consciencialização de género, etc.

3.2.12. Grupo Feto Foin Sae Timor-Leste (GFFTL) – Grupo de Mulheres Jovens Timor-Leste

O GFFTL foi fundado em 1998 como uma organização estudantil que trabalhava com mulheres jovens de áreas rurais. O seu programa abrange:

- 1) Alfabetização e numeracia das mulheres: educação para o envolvimento das mulheres em processos democráticos - executado em 50 sucos e em 10 municípios;
- 2) Programa de pensamento social: género, direitos, democracia e violência doméstica.

Basicamente, o GFFTL foi formado com base em que, durante a ocupação pela Indonésia, muitas mulheres jovens não podiam frequentar a escola por causa da situação da luta pela independência e também sob a pressão dos militares indonésios, assim como havia muitas famílias que não podiam pagar para enviar todos os seus filhos ou filhas para a universidade para continuarem os seus estudos. Portanto, os estudantes tomaram a iniciativa de formar o GFFTL com vista a organizar e motivar os jovens a continuarem a lutar pelo seu futuro.⁸²

⁸² *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

3.2.13. Hamahon Feto Timor-Leste (HAFOTI) – Proteger as Mulheres de Timor Leste

A HAFOTI é uma organização líder em capacitação económica, baseada em Díli, que trabalha com mulheres rurais de sete municípios do país para melhorar sua geração de renda, apoiando o desenvolvimento de pequenas empresas. Há três programas principais executados pela HAFOTI: programas de formação, um fundo de crédito e o marketing, distribuição e venda dos produtos dos seus membros. A HAFOTI está prestes a construir centros de processamento de alimentos em todos os sete municípios em que trabalha.⁸³

3.2.14. Organização Partido da Mulher Timorense (OPMT)

A OPMT, estabelecida em 1975, é uma das estruturas de desenvolvimento das mulheres mais antigas em Timor-Leste, centrada na emancipação das mulheres em todos os aspetos da vida, particularmente através da educação e da organização comunitária. As estruturas da OMPT estendem-se a nível nacional, ao nível do suco e ainda da aldeia, com conselhos de coordenação em sub-municípios. As suas atividades locais incluem programas de alfabetização e costura para o desenvolvimento económico.

Com base na visão, na missão e nos programas de todas estas organizações de mulheres em Timor-Leste, podemos dizer que, após a independência, as mulheres timorenses têm vindo a realizar o seu próprio programa de independência. Com os recursos de cada uma e os das instituições parceiras – governo, organismos internacionais, ONG, empresas –, todas estas organizações têm ajudado e motivado meninas, raparigas e mulheres em Timor-Leste a se educarem e capacitarem para irem mais longe. Muitas dessas mulheres conseguiram bons empregos, entraram para a vida política, criaram os seus próprios negócios e têm, em retorno,

⁸³ *Rede Feto de Timor-Leste*, folheto, Díli, 2016.

dado uma grande contribuição para o desenvolvimento nacional, como veremos nos próximos capítulos.

Trata-se de uma realização que vai no sentido do conceito de desenvolvimento proposto pelo ex-presidente tanzaniano Julius Nyerere. Ele definiu o desenvolvimento como *"um processo que permite aos seres humanos realizar o seu potencial de auto-confiança, e levar uma vida de dignidade e realização. É um processo que liberta as pessoas do medo da carência e da exploração. É um movimento longe da opressão política, económica ou social. Através do desenvolvimento, a independência política adquire seu verdadeiro significado. E é um processo de crescimento, um movimento essencialmente surgindo de dentro da sociedade que está se desenvolvendo."*⁸⁴

⁸⁴ The Report of South Commission, citado por Gilbert Rist, *The History of Development*, London & New York, Zed Books, 3ªed., s.d., p. 9.

CAPÍTULO IV

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA ECONOMIA

O crescimento económico é um fator que afeta positivamente a vida de cada pessoa e ao mesmo tempo de cada país. Por isso, todos tentam contribuir para o crescimento económico, ainda que de diferentes maneiras. As mulheres de Timor-Leste não se deixaram ficar para trás e realizam uma grande variedade de atividades para melhorar a sua situação económica, como iremos mostrar em seguida.

4.1. As mulheres como vendedoras, artesãs e membros de cooperativas

Barack Obama disse: *“Acredito que, se todos nós estivermos dispostos a partilhar os fardos e os benefícios desta nova economia, todos nós prosperaremos [...] porque isso significa que estivemos prontos a assumir a responsabilidade individual de trabalhar mais arduamente, pensar mais e inovar mais.”*⁸⁵ Esta declaração de Obama assume que o crescimento económico é uma responsabilidade de todos, tanto homens como mulheres. Portanto, todos devem esforçar-se para desenvolver o estado da economia. Isto significa que as mulheres, em Timor-Leste, têm uma grande responsabilidade na participação no desenvolvimento, especialmente no âmbito económico; as mulheres timorenses devem esforçar-se por pensar e trabalhar bastante, com o objetivo de ajudar o desenvolvimento económico de Timor-Leste.

Nos quotidianos da vida moderna, as pessoas estão sempre a procurar novas e variadas maneiras de responder às suas necessidades e, assim, impulsionar o crescimento económico.

¹ Barack Obama, *Acreditar Na Mudança: O Plano de Obama Para Renovar a América e o Mundo*, Alfragide, Casa das Letras, 2009, p. 77.

Homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres, havendo, indiscutivelmente, uma mútua capacidade entre os géneros para aumentar o crescimento económico da família. Tal como Enilde Sarmiento afirma, “[...] *no que diz respeito ao envolvimento da mulher no desenvolvimento do país, encontramos o sector informal que é responsável por uma grande parcela do crescimento económico de quase todos os países em desenvolvimento.*”⁸⁶ Em Timor-Leste, a história não podia ser diferente e neste sector existe um número elevado de mulheres a operar, sendo o seu contributo para a economia do país indiscutivelmente visível.

Por sua vez, Shakti Gawain afirma: “Acredito que todos somos génios, cada um à sua maneira, que é única. Descobriremos a natureza particular do nosso génio quando desistirmos de nos tentarmos adaptar aos nossos modelos ou aos dos outros e quando aprendermos a ser nós mesmos e a permitir a abertura dos nossos canais. Confiando e agindo de acordo com a nossa intuição, é possível aprender a viver enquanto canal, em cada instante e em todas as áreas da nossa vida.”⁸⁷

A realidade em Timor-Leste mostra que muitas mulheres lutam para melhorar a sua situação económica de uma maneira diferente. Henriqueta Guterres, com 42 anos, tem sete filhos. Comerciante de frutas, foi após o referendo de 1999 que começou a vender limão. O capital que lhe deram para ela iniciar o negócio foi \$1,50 dólar americano. Com esse pequeno capital, Henriqueta tentou vender todos os dias, no mesmo lugar (Lecidere) e, no dia a dia, registou progressos que lhe permitiram alargar as suas mercadorias para outras frutas, provenientes de vários municípios como a melancia de Suaís, o mamão de Liquiça, o tomate de

⁸⁶ Enilde Sarmiento, “O Papel da Mulher no Desenvolvimento: O Caso de Moçambique”, *Comunicação apresentada na Conferência Internacional Sobre Mulher e desenvolvimento, Madrid, 15/05/2011*, p. 6. Disponível em: https://www.academia.edu/7903043/O_Papel_da_Mulher_no_Deenvolvimento_O_Caso_de_Mo%C3%A7ambique_Autora. Data de consulta: 14 de Abril de 2017.

⁸⁷ Shakti Gawain, *Vivendo na Luz*, Cascais, Pergaminho, 2000, p. 46.

Aileu ou as bananas de Viqueque.⁸⁸ Pela observação da vida de Henriqueta, dedicada ao comércio de fruta, podemos aprender algumas coisas: apesar de ser pouco o dinheiro que ela ganhava, tal não a impediu de se empenhar na melhoria do negócio. Assim, mercê dos seus esforços, tem sido capaz de financiar a escola dos seus filhos e responder às necessidades familiares. É assim que Henriqueta, ao mandar os filhos para a escola, melhorando os recursos humanos do país, tem contribuído indiretamente para o desenvolvimento da economia nacional.

Henriqueta insiste, no entanto, que não é apenas responsável por sete crianças, mas também pelos quatro sobrinhos que vivem com ela. Esses quatro sobrinhos estão na universidade e Henriqueta tenta ajudá-los, a par de responder às necessidades diárias dos seus filhos.⁸⁹ Além disso, a natureza do seu negócio permite a esta comerciante conhecer a peculiaridade ou idiossincrasia de cada um dos municípios produtores e abastecedores de fruta de Timor-Leste.

Henriqueta confessou-nos que, no início, vendia sob uma lona, mas em 2009, o governo ajudou-a a substituir a lona por uma pequena e simples loja onde ela pode vender as suas frutas. Com este apoio do governo, os negociantes sentem-se mais incentivados e os compradores mais atraídos, ficando cada vez mais interessados pela mercadoria. Henriqueta, que inicialmente só contava com um capital de \$1,50 dólar americano, agora é capaz de fazer compras de frutas no valor de \$500,00 dólares americanos, dinheiro que consegue recuperar em três ou quatro dias com a venda da fruta. O resto é lucro. E, numa semana, consegue ter um lucro entre os \$250,00 e os \$300,00 dólares americanos.⁹⁰

Se olharmos para as condições e lugar de venda de Henriqueta e das suas amigas antes de terem conseguido uma loja, elas podiam ser classificadas como “*vendedores ambulantes*” tal

⁸⁸ Guterres, Henriqueta, Entrevista, Díli, 21 de novembro de 2016.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

como são definidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil: “[...] *são aqueles que exercem suas atividades laborais por meio de venda de mercadorias em vias e logradouros públicos. São responsáveis por comprar, preparar e transportar mercadorias para venda, planejando suas atividades e definindo itinerários.*”⁹¹ Henriqueta e as suas colegas de profissão conseguira beneficiar dos seus negócios de venda de fruta; nota-se que houve progressos no rendimento da família passíveis de melhorar o crescimento económico. Porém, é notório que as condições de venda não garantem saúde às vendedoras, dado que estão submetidas ao calor no verão e ao frio durante a estação chuvosa. Mesmo assim, não tendo em conta a sua saúde, estas mulheres lutam para conseguir responder às necessidades da família e ao futuro dos filhos.

J. D. Oliveira, num estudo sobre as condições de trabalho dos vendedores ambulantes, observa que estes vivem numa situação de trabalho precário. Na realidade, dado que não têm um lugar reservado à sua atividade, estes vendedores estão sujeitos a longas jornadas de trabalho, de cerca de 10-12 horas diárias, sem intervalos para descanso, e as suas refeições são feitas num local inadequado, muitas vezes na rua, com poeiras e gases poluentes. De facto, estes comerciantes estão expostos a fatores ambientais como o calor, a radiação solar, a chuva, o frio, a poluição do ar, o ruído, e estes aspetos podem afetar a sua saúde.⁹² A mesma ideia é postulada pelas vendedoras Domingas Gama Barbosa e Angelina Monteiro: muitas mulheres estão dispostas a vender em qualquer condição por causa do futuro dos seus filhos. Para elas, o ponto de venda cedido pelo governo, em Lcidere, é melhor do que outros lugares que são usados pelos

⁹¹ Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil, citado por Débora Cristina de Almeida Mariano Bernardino, *As Condições de Vida, Trabalho e Saúde de Mulheres Vendedoras Ambulantes: Um Estudo Observacional*, dissertação de Mestrado em Ciências do Cuidado em Saúde, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2015, p. 13. Disponível em: <http://www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/2579/1/Debora%20Cristina%20de%20Almeida%20Mariano%20Bernardino.pdf>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

⁹² J. D. Oliveira, *Trabalhadores por conta própria: o trabalho de vendedores ambulantes na passarela do Natal Shopping e do Via Direta*, dissertação de Mestrado em Serviço Social, Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009, citado em *Ibidem*.

seus confrades. Estas mulheres tiveram de vender para obterem o dinheiro necessário para o sustento das suas famílias e para a educação das crianças. A partir do produto que vende, Domingas pôde financiar a educação do seu primeiro filho, que se licenciou na Indonésia, em 2015; os seus outros filhos ainda estão a estudar na universidade e no ensino secundário.⁹³ Os rendimentos da venda diária podiam significar um ganho entre \$50-80 dólares americanos; entre 2009 e 2012, as vendedoras conseguiam ganhar por dia entre \$100 e \$200 dólares americanos. Todavia, a partir do ano de 2013 e até 2016, os resultados das vendas começaram a diminuir devido à concorrência existente com o supermercado, que vende fruta importada e, também, produtos locais. Em geral, os empresários chineses são grandes investidores e proprietários da maioria dos supermercados em Díli, dominando assim o mercado. Os chineses podem comprar as máquinas de conservar frutas e vegetais, mas as vendedoras timorenses não o podem fazer.⁹⁴

Enquanto isso, Lúcia Maia, de 57 anos, residente no município de Ermera, era uma vendedora de hortaliças no Mercado Taibesi; esta vendedora afirma que, desde a ocupação indonésia, o seu trabalho é vender vegetais, a fim de responder às necessidades da família e, especialmente, às necessidades escolares dos seus filhos. Ela tem sete filhos; a primeira e a segunda filhas já conseguiram um emprego, o que lhes confere um rendimento próprio. A primeira é professora do ensino primário e a segunda trabalha numa ONG nacional em Ermera. No entanto, e mesmo assim, Lúcia afirma que não há outro caminho para si a não ser vender vegetais para fazer face a todos os seus encargos familiares.⁹⁵

A experiência relatada pelas vendedoras, acima, revela bem uma situação definida pela Organização Mundial de Saúde: os determinantes sociais podem ser compreendidos como as

⁹³ Barbosa, Domingas Gama, Entrevista, Díli, 23 de novembro de 2016 e Monteiro, Angelina, Entrevista, Díli, 7 de janeiro de 2017.

⁹⁴ *Ibidem*.

⁹⁵ Maia, Lúcia, Entrevista, Díli, 25 de novembro de 2016.

condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham. Torna-se, assim, claro que o trabalho possui um papel primordial no que diz respeito às possibilidades de conduzir a vida, moldando as hipóteses das pessoas e das coletividades serem saudáveis. Por isso o trabalho é necessário e tem um papel fundamental que ao contribuir para o poder de compra do indivíduo, sua situação económica e status social, quer também por promover o bem-estar e lhe conferir um sentimento de utilidade.⁹⁶

Tal como observa a Organização Mundial de Saúde e corroborando o que diz Débora Bernardino para o caso do Brasil, a análise da vida económica das vendedeiras de fruta em Timor-Leste permite-nos afirmar que as mulheres desempenham atividades com a finalidade consciente de melhorarem a condição da sua família e a situação geral do país. Elas percebem que existem desafios e riscos a enfrentar, mas também sabem que podem ter benefícios dado que estão cientes do seu propósito e dos resultados que podem obter na sua actividade. É assim que participam no desenvolvimento do país, ao contribuírem para o sustento económico e bem estar da família. Note-se que as mulheres desempenham estas atividades não para ganhar o mesmo dinheiro que os homens: elas fazem-no para satisfazer as necessidades da família e assegurar a educação das crianças. Mais do que isso: elas fazem-no sem qualquer pressão ou ordens de ninguém, seja o marido ou os homens em geral. As mulheres trabalham livremente e por iniciativa própria.

Isto significa que o povo de Timor-Leste tem sido consciente ao implementar a igualdade de género. Todas as pessoas podem desenvolver as atividades que quiserem, participando no desenvolvimento, desde que não interfiram nos direitos dos outros. Na verdade, o povo timorense já reconhecia valores de género desde os seus antepassados, que tinham uma cultura

⁹⁶ Débora C. A. M. Bernardino, *As Condições de Vida*, p. 44.

de respeito e de aceitação das mulheres, preferencialmente na “*casa sagrada*”; cada filha casada com um homem de outra família tinha eventos personalizados na “*casa sagrada*” e era aceite pela família do homem numa cerimónia tradicional, um dos momentos mais importantes do casamento. Encontramos raízes desta cultura, até aos dias de hoje, na cultura do povo timorense. Na cultura de base deste povo, não podia haver discriminação entre homens e mulheres, o que faz com que o povo timorense contemporâneo compreenda e implemente a igualdade de género. Este assume que homens e mulheres têm direitos iguais, quer na “*casa sagrada*”, quer na vida familiar, apesar de existirem diferentes deveres e responsabilidades em cada parte. Nesta base, as mulheres de Timor-Leste desempenham diferentes atividades com impacto no sustento da família.

Por exemplo, Maria Pompeia Ximenes, de 64 anos, natural do município de Baucau, é viúva desde 1999. Com criatividade, ela tornou-se vendedora depois da morte do seu marido. Agora, com a sua filha, Eulalia Marques, Maria Pompeia recebeu ajuda do Ministério do Comércio, Indústria e Ambiente (MCIA) para vender comida tradicional timorense; estas mulheres vendem bolos feitos de mandioca, caixas de arroz com arroz originário de Timor-Leste e outras comidas tradicionais, tais como sumo de papaya, taro cozido, batata doce cozida, etc.⁹⁷

De acordo com Apolo Justino França da Silva, presidente da Comissão do *Dili Weekend Market*, o Ministério do Comércio, Indústria e Ambiente (MCIA) presta assistência a mulheres que têm grupos cooperativos para impulsionar o crescimento económico. A partir de fevereiro de 2016, o MCIA tentou ajudar os grupos de cooperativas que existem em Dili, executando uma atividade de vendas que é o *Dili Weekend Market*. A atividade é assim chamada porque só ocorre durante três dias, sexta-feira, sábado e domingo. O Presidente da Comissão do *Dili Weekend*

⁹⁷ Ximenes, Maria Pompeia e Marques, Eulália, Entrevista, Díli, 11 de novembro de 2016.

Market confirma que as mulheres que receberam assistência sob a forma de dinheiro e equipamentos foram identificadas através de um estudo, de entre as que integram grupos cooperativos que se esforçam por melhorar o crescimento económico.⁹⁸ Apolo Silva entende que o crescimento económico depende, quer do desempenho de uma atividade individual concreta através da qual se pode ganhar dinheiro, quer do trabalho conjunto, em grupos ou cooperativas, porque assim as pessoas ajudam-se e complementam o trabalho uns dos outros.

Enquanto isso, Edgar Morin refere que o desenvolvimento e o crescimento são dois conceitos que fazem parte de um sistema e, portanto, não se podem separar: “*O crescimento é concebido como o motor evidente e infalível do desenvolvimento e o desenvolvimento como o motor evidente e infalível do crescimento. Os dois termos são simultaneamente fim e meio um do outro*”.⁹⁹ Qualquer pessoa ou Estado não pode ser considerado avançado se não estiver marcado por mudança. Há desenvolvimento porque há crescimento, assim como se não houver crescimento, não há desenvolvimento. Este último foi sempre caracterizado pelo crescimento ou pelo progresso.

Para responder a um programa do MCIA, Maria Pompeia e sua filha, Eulália Marques, obtiveram ajuda de um grupo cooperativo chamado Marpebakri. Segundo Maria e Eulália o custo das mercadorias destinadas ao seu comércio durante três dias é de \$100 dólares americanos e que, nesse período, podem ganhar até \$250 dólares americanos. Isto significa que, em três dias, estas vendedoras têm um lucro de \$150 dólares americanos sem ter em conta o custo do transporte das mercadorias. Maria Pompeia afirma que, como vendedora, pôde financiar a educação dos seus filhos. É desta forma que até hoje, os seus filhos e filhas conseguem aceder a empregos e ter o seu próprio rendimento, alguns deles grandes salários. Eles pedem a Maria

⁹⁸ Silva, Apolo Justino França, Entrevista, Díli, 7 de janeiro de 2017.

⁹⁹ Edgar Morin, *A via para o futuro da humanidade*, Lisboa, Edições PIAGET, 2016, pp. 23-24.

Pompeia para parar de vender, mas ela não quer porque ainda se sente forte para continuar o seu comércio.¹⁰⁰

Todos os negócios e atividades realizados para promover o crescimento económico são essenciais para o desenvolvimento nacional. Contudo importa prestar atenção ao que é dito por Ricardo Henriques: *“Como nos sugere o Prêmio Nobel de economia Amartya Sen, o desenvolvimento deve referir-se à melhoria da qualidade de vida que levamos e às liberdades que desfrutamos. Desse modo, redistribuir a renda e a riqueza [...] emerge como elemento central para erradicar a pobreza e criar as bases sólidas para o desenvolvimento sustentado e solidário.”*¹⁰¹

Maria da Costa Cabral, do município de Liquiça, criou, por iniciativa própria, um grupo de artesanato com o nome "Moris Kiak" (Vivem na Pobreza), no dia 14 de abril de 2000. Maria explica que criou este grupo porque Maubara é turístico e, como muitas mulheres viviam na pobreza e não tinham qualquer trabalho, quis melhorar a sua situação e contribuir para o crescimento económico do país. Juntou-se, assim, com quatro amigas e, em conjunto, iniciaram a atividade de tecelagem e costura, utilizando ferramentas e ornamentos tradicionais de Timor-Leste. Com a sua actividade vendem para ganhar entre \$0.25 a \$1 dólar americano por peça. Mercê da sua criatividade os produtos artesanais conheceram uma grande procura por parte dos turistas. Atualmente, estas mulheres vendem a mais empresas e o número de membros dos grupos de artesanato está a crescer.¹⁰²

¹⁰⁰ Ximenes, Maria Pompeia, Entrevista, Díli, 11 de novembro de 2016.

¹⁰¹ Ricardo Henriques, “Introdução: Desnaturalizar a Desigualdade e Erradicar a Pobreza: Por Um Novo Acordo Social no Brasil”, in Ricardo Henriques e Alexandre Rands Barros (org.), *Desigualdade e Pobreza no Brasil*, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000, p. 3. Disponível em: <http://empreende.org.br/pdf/Programas%20e%20Pol%C3%ADticas%20Sociais/Por%20um%20novo%20acordo%20social%20no%20Brasil.pdf>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

¹⁰² Cabral, Maria da Costa, Entrevista, Díli, 4 de dezembro de 2016.

A iniciativa e criatividade de Maria da Costa Cabral e das suas amigas traduzem aquilo que é preconizado no Relatório de Desenvolvimento Humano, de 1991, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que declara: *"O objetivo básico do desenvolvimento humano é ampliar o leque de escolhas das pessoas para tornar o desenvolvimento mais democrático e participativo. Esta escolha deve incluir o acesso a oportunidades de emprego e renda, educação e saúde, e um ambiente físico limpo e seguro. Cada indivíduo deve também ter a oportunidade de participar de decisões da comunidade e de gozar as liberdades humanas, económicas e políticas."*¹⁰³ Livremente, Maria e as suas colegas lançaram-se numa atividade que criou oportunidades de emprego para outras mulheres, entretanto atraídas para o grupo de artesanato. Assim, em 2016, o grupo reunia já 45 membros, organizados em três grupos de 15 participantes: o grupo "Moris Dame" (Vivem em Paz), o "Moris Hakmatek" (Vivem em Tranquilidade) e o "Moris Hamutuk" (Vivem em Unidade). Maria da Costa Cabral é coordenadora do primeiro, Agostinha Saldanha do segundo e Iria dos Santos do terceiro.¹⁰⁴ Do grupo Moris Kiak surgiram três novos grupos com um novo nome também. Em poucos anos os esforços de Maria e das amigas fizeram progredir e melhorar o funcionamento dos grupos e assim participaram no crescimento económico do país.

Susilo Martoyo expressa que *"Uma grande abundância de recursos humanos deve ser transformada em um ativo útil para o desenvolvimento. Por isso, as competências, habilidades e oportunidades devem ser adquiridas de acordo com as capacidades de recursos humanos de natureza biológica e espiritual. No entanto é indiscutível, que os recursos humanos têm realmente o papel fundamental e central no desenvolvimento de qualquer nação e Estado em*

¹⁰³ UNDP, *Human Development Report 1991*, Oxford, Oxford University Press, 2001, p. 1, citado por Gilbert Rist, *The History Of Development, From Western Origins To Global Faith*, 3rd ed., London and New York, Zed Books, 2008, p. 9.

¹⁰⁴ Santos, Iria dos, Entrevista, Maubara-Liquicá, 14 de dezembro de 2016.

qualquer lugar.”¹⁰⁵ Maria da Costa Cabral também explica que, no exercício das suas atividades sempre tentou obter o apoio de organizações de mulheres como foi o caso da Rede Feto, da Fundação Alola e da FKSH, referidas no capítulo anterior. Assim, no ano de 2008 recebeu o apoio do Ministério de Educação e Cultura para obter formação e participar numa feira de artesanato em Macau. No ano de 2009, em Jakarta, integrou uma formação sobre a criatividade das mulheres no desenvolvimento da produção local. Maria insiste em que, depois de receber formação em vários lugares, tornou-se numa formadora para dar formação a outras mulheres. Foi ainda premiada com um contrato da World Vision para dar formação no município de Baucau e no posto administrativo de Metinaro, durante o ano de 2013. Além disso, a Rede Feto empenha-se também em mobilizar mulheres de outros municípios, como Suai ou Ainaro, para se formarem em Maubara – Liquiça, lugar onde se encontra o grupo cooperativo de Maria da Costa Cabral.”¹⁰⁶

A experiência de Maria da Costa Cabral, descrita acima, permite-nos concluir que a sua actividade e dinamismo não só contribuíram para o crescimento económico, mas também para o desenvolvimento dos recursos humanos em Timor-Leste. Maria partilhou com outras mulheres o que ela aprendeu no estrangeiro. Fê-lo especialmente com mulheres do grupo cooperativo de artesanato, que querem dar o seu contributo ao desenvolvimento do país. Maria mostrou que a educação é um processo de desenvolvimento de recursos humanos. E os recursos humanos são a parte mais importante do próprio processo de desenvolvimento. Ao fornecer formação, uma pessoa pode aprender e melhorar a capacidade e competências para realizar uma atividade que é benéfica para si mesma. Isto é o que diz Andrew E. Sikula, quando afirma que “*A formação é um processo educacional de curto termo utilizando um procedimento sistemático e organizado*

¹⁰⁵ Susilo Martoyo, *Manajemen Sumber Daya Manusia (Gestão de Recursos Humanos)*, 5ª ed., Yogyakarta, BPFE, 2000, p. 9.

¹⁰⁶ Cabral, Maria da Costa, Entrevista, Díli, 4 de dezembro de 2016.

*através do qual o pessoal não administrativo ganha conhecimentos técnicos e competências com um propósito definido.”*¹⁰⁷

A existência de organizações de mulheres em Timor-Leste tem uma grande influência no crescimento económico e no desenvolvimento de recursos humanos, como divulgado por Maria, anteriormente. Isto significa que as mulheres, tanto através de organizações e de grupos como em termos individuais, podem participar e contribuir no processo de desenvolvimento timorense. E o mais interessante é que há homens que defendem a participação das mulheres no crescimento económico, como é o caso do presidente da comissão do *Dili Weekend Market*, Apolo Justino França da Silva. Tal foi-nos revelado por Maria Pompeia e por Maria da Costa Cabral. Note-se que também o governo coopera com as organizações de mulheres timorenses com o mesmo objetivo.

Uma outra realidade mostra que as mulheres em Timor-Leste, com as suas capacidades e competências, tentam contribuir para o processo de desenvolvimento do país; isto é evidente ao observarmos a criatividade das mulheres de cada município. Por exemplo, um grupo de mulheres do Suco Barikafa, município de Lautem, estabeleceu uma cooperativa de comerciantes sob o nome de Oan Kiak (Grupo dos Pobres) constituída por 24 membros. Este grupo foi criado em 2003, com o apoio de Concern Internacional, com um financiamento de \$100 dólares americanos, para comprar artigos como chá, café, açúcar, que depois são vendidos à população. Helena Miranda, membro desta cooperativa, disse que “esta, visa arranjar dinheiro para enviar as crianças à escola. Através da cooperativa, as mulheres podem ganhar dinheiro para atender a necessidades fundamentais, tais como a compra de uniformes para as crianças da escola e outras

¹⁰⁷ Andrew E. Sikula, citado por Susilo Martoyo, *Manajemen Sumber Daya Manusia (Gestão de Recursos Humanos)*, 5ª ed., Yogyakarta, BPFE, 2000, p. 63.

necessidades domésticas. No primeiro ano, *cada membro* recebeu \$12 dólares e daí por diante foi em crescendo, até que em 2012 cada membro pode ganhar \$60 dólares americanos por mês.”¹⁰⁸

Atividade semelhante é realizada por grupos de mulheres de outros municípios, como acontece no Suco Ponilala, município de Ermera. O grupo cooperativo Café Xacoco tem como objetivo a produção de café moído; o pó de café produzido é vendido aos consumidores em Dili, através da ONG Kadalak Sulimutu Institut (KSI). Cada membro dá parte da sua colheita de café branco para que possa ser produzido o pó de café preto, diz Balbina Sequeira Martins.¹⁰⁹ Angelina da Silva dos Santos, chefe de grupo e ativista feminina em Maubisse, município de Ainaro, afirma que o seu grupo pode fazer batata-doce, banana chips, chá orgânico e mel, e que estes produtos também são vendidos aos consumidores em Dili e noutros municípios. Angelina insiste que os resultados do trabalho das cooperantes foram transportados pelo carro de uma ONG japonesa, PARCIC, que tem ajudado as comunidades de habitantes de sucos, tais como o Suco Manetu e o Suco Maneloba, capacitando-as para saberem onde e como devem escoar os seus produtos.

No suco Maubara Lisa, município de Liquiça, há também grupos de mulheres que procuram aumentar os seus rendimentos produzindo vegetais; são os grupos Maneja Facilidade (GMF) e Credit Union (CU). Angelina dos Santos afirmou que “Com estes esforços podemos conseguir dinheiro para manter as crianças na escola e dar o nosso apoio à família.”¹¹⁰

Olhando para os esforços das mulheres, através dos grupos cooperativos formados nos municípios referidos, vemos que elas, com a sua iniciativa e criatividade, e apesar das suas limitações, têm contribuído para o desenvolvimento da economia timorense. Portanto, importa

¹⁰⁸ Miranda, Helena, Entrevista, Luro-Lautem, 27 de Fevereiro de 2012.

¹⁰⁹ Martins, Balbina Sequeira, Entrevista, Letefoho-Ermera, 26 de Fevereiro de 2012.

¹¹⁰ Santos, Angelina da Silva dos, Entrevista, Maubisse, 11 de maio de 2012.

não apenas observar o que é produzido, mas também ver e apreciar como, mesmo com as limitações existentes, as mulheres de Timor-Leste conseguem fazer algo tanto pelas suas famílias como em benefício do país, contribuindo assim, de diferentes maneiras, para o desenvolvimento.

Pode ser útil estabelecer uma comparação entre as mulheres de Timor-Leste e as da América Latina, pois, como salienta o relatório do Banco Mundial, *“Sem o trabalho delas, os índices de pobreza extrema na região em 2010 teriam sido 30% maiores. Ainda há obstáculos a vencer, incluindo a diferença salarial marcante entre homens e mulheres. A imagem de mulheres indo trabalhar todas as manhãs nas ruas da América Latina há muito deixou de ser algo novo. Na verdade, a participação feminina no mercado de trabalho vem aumentando, em particular nos últimos 10 anos. Esse crescimento deu origem a transformações sociais significativas e à melhoria das condições económicas da região.”*¹¹¹

Baseando-nos quer nos dados disponíveis sobre os grupos cooperativos timorenses quer nos do relatório do Banco Mundial acerca da participação das mulheres no desenvolvimento da América Latina, e ainda no que observamos em Portugal, podemos afirmar que o mundo do comércio é quase sempre dominado pelas mulheres. Em Timor-Leste, os mercados tradicionais, os mercados modernos, as lojas e as barracas foram sempre dominados pelas mulheres e empregam a maioria de mão-de-obra feminina. Isto significa que o mundo do comércio é um mundo de mulheres; porque o mundo do comércio precisa de paciência e simpatia, e as mulheres têm ambas, de forma que não podem ser subestimadas pelos homens. Assim, as mulheres desempenham um papel importante no aumento do rendimento e no desenvolvimento económico de um país.

¹¹¹ WORLD BANK, Reportagem, 29 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.worldbank.org/pt/news/feature/2012/08/29/women-play-key-role-in-economic-gains-in-latin-american-and-caribbean>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

4.2. As mulheres como trabalhadoras de supermercado

Neste subtópico, é nossa pretensão observar especificamente como é que as mulheres jovens, em Timor-Leste, são escolhidas para trabalhar no supermercado. Foi-nos dado observar que, geralmente, os trabalhadores de supermercado timorenses são mulheres jovens que não tiveram oportunidade de continuar a sua educação no ensino universitário, seja por incapacidade económica ou por terem que trabalhar para garantir um futuro aos seus irmãos mais novos. Deste modo, se por um lado o seu contributo é relevante para a sustentabilidade sócio económica do país, por outro, também se tornaram vítimas das condições de precaridade próprias ao processo de desenvolvimento timorense.

Isto é evidenciado pela experiência de Arminda Fernandes Monteiro, de 27 anos, que diz ter escolhido tornar-se uma trabalhadora de Supermercado W. Four “devido ao meu conhecimento limitado e nível de educação mínimo. O meu nível de educação é o ensino secundário. Portanto, não posso competir com outras pessoas que têm níveis mais elevados de educação.”¹¹²

Simanjuntak afirma, por seu turno que “*Um elevado número de dependentes numa família sem ser seguido por um aumento em termos económicos exige que um membro da família que não seja o respectivo chefe ajude a ganhar a vida.*”¹¹³ A realidade de Terezinha Marques, aos 28 anos, é o espelho deste pensamento. Terezinha é a primeira filha de 13 irmãos; completou o ensino secundário em 2007 e, em 2010, começou a trabalhar como empregada do

¹¹² Monteiro, Arminda Fernandes, Entrevista, Díli, 8 de dezembro de 2016.

¹¹³ P. J. Simanjuntak, *Pengantar Ekonomi Sumber Daya Manusia (Introdução à Economia dos Recursos Humanos)*, Jakarta, Lembaga Penerbit Fakultas Ekonomi Universitas Indonesia, 2001, p. 55, citado por Putu Martini Dewi, “Partisipasi Tenaga Kerja Perempuan Dalam Meningkatkan Pendapatan Keluarga (Participação do Trabalho da Mulher no Aumento do Rendimento Familiar)”, *Jurnal Ekonomi Kuantitatif Terapan*, vol. V, nº 2, agosto de 2012, p. 123. Disponível em: <http://ojs.unud.ac.id/index.php/jekt/article/view/1906/1360>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

supermercado, recebendo um salário de \$115 dólares americanos, por mês. Com esse salário, ela respondia às necessidades da família e ajudava os irmãos mais novos, que ainda estavam na escola. Terezinha começou a sentir que aquele salário não era verdadeiramente suficiente, mas ela teve de aceitar o facto de que, muitas vezes, não basta esforçar-se para conseguir preencher todas as necessidades básicas, tanto dos pais como dos irmãos mais novos.¹¹⁴

Sedlacek e Santos analisaram esta situação no Brasil, socorrendo-se de um modelo com base na participação no mercado de trabalho, tendo chegado à conclusão de que a detenção de altos níveis de escolaridade por parte dos grupos observados, o facto de terem filhas ou filhos mais velhos e idades compreendidas entre os 20-29 anos, constituíam fatores que se correlacionavam fortemente com a decisão de trabalhar. Contudo, a conclusão mais importante do estudo é a que são as mulheres de famílias mais ricas, por um lado, e as de famílias mais pobres, por outro, que têm a maior taxa de participação no mercado trabalho¹¹⁵. Tal conduz-nos a sublinhar o seu papel no aumento do rendimento familiar.

Com base nas experiências de vida de Arminda F. Monteiro e de Terezinha Marques, comprova-se que, apesar de terem um nível de escolaridade médio e conhecimentos limitados, ambas tentaram ser responsáveis pelas necessidades da família. Ao usufruírem de um salário mínimo elas tentam responder às necessidades básicas das suas famílias, de forma a poderem ajudar os seus irmãos e irmãs mais novos, que ainda estão na escola. Assim, estas mulheres são privadas de continuar os seus estudos devido aos fracos rendimentos familiares e sentem-se na obrigação de ajudar os outros membros da família. Ao contribuírem para o sustento da família,

¹¹⁴ Marques, Terezinha, Entrevista, Díli, 8 de dezembro de 2016.

¹¹⁵ G. L. Sedlacek e E. C. Santos, *A mulher cônjuge no mercado de trabalho como estratégia de geração de renda familiar*, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1990, citados por Regi Soares e Rejane Sayuri Izuki, *A participação feminina no Mercado de Trabalho*, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2002, p. 2. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2819/1/TD_923.pdf. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

de acordo com as suas capacidades, as trabalhadoras de supermercado têm assim participado no processo de desenvolvimento de Timor-Leste.

Além disso, as mulheres que se tornam funcionárias de supermercado, regra geral, vêm de famílias pobres ou simples e trabalham apenas para conseguirem responder às necessidades da família. Estas mulheres trabalham para ajudar os pais, porque geralmente as suas famílias são numerosas. Todavia, há uma coisa positiva a ser observada nestas mulheres: o seu sentido de responsabilidade para com a família. Elas podem ter dificuldades em manter a vida familiar mas são jovens que lutam pelo futuro dos seus irmãos e irmãs mais novos, que ainda estão na escola. Mais: elas sacrificam o seu futuro para garantir um futuro aos seus irmãos e irmãs mais novos.

Há que estar ciente de que o trabalho como empregado de supermercado não é fácil; é preciso, além de capacidade, habilidade. Isto é confirmado por Leoniza Ximenes, de 26 anos, que trabalha no supermercado W. Four como coordenadora de todos os funcionários. Ela começou a trabalhar ali depois de completar a sua licenciatura em contabilidade e está satisfeita com a sua profissão. Leoniza afirma que, ao trabalhar num supermercado, irá “*aprender um monte de coisas*” para no futuro poder abrir o seu próprio negócio, tornando-se uma empreendedora, dona da sua própria companhia ou empresa.¹¹⁶ Esta mulher mostra, desta forma, que está a trabalhar num supermercado com um objetivo claro: ganhar experiência para o futuro. Verifica-se assim que, se os patrões contratam trabalhadores com um propósito específico, os que procuram trabalho fazem-no porque têm a sua própria finalidade.

¹¹⁶ Ximenes, Leoniza, Entrevista, Díli, 6 de dezembro de 2016.

4.3. As mulheres como empresárias

Em Timor-Leste, além das mulheres que formam grupos cooperativos, há também mulheres que se tornam empresárias. Ana Gama Lobo é exemplo disso mesmo; é diretora e proprietária da empresa Vizio Dei Unip., Lda., uma empresa nacional que atua na construção civil e também na ajuda humanitária. A Visio Dei começou por vencer um projeto para o governo, em março de 2004, com um pequeno capital no total de \$6.000 dólares americanos, mas havia a perspectiva de, ao ganhar o projeto, poder incorporar a venda de alimentos crus para a prisão de Becora. Havia muitos desafios e dificuldades, porque era a primeira vez que era ganho um projeto do governo de Timor-Leste com tão pouco capital e com trabalhadores sem nenhuma experiência para executar o projeto; mas, numa luta dura, paciente e firme, a empresa pôde executar o projeto adequadamente.”¹¹⁷

Com base na experiência da diretora do Visio Dei é observável que, dois anos após a restauração da independência timorense, havia já mulheres a tomarem a iniciativa de participar no desenvolvimento, através da criação de empresas, embora com inexperiência e pouco capital; mas elas atreviam-se a fazer algo para contribuir para o desenvolvimento de Timor-Leste. E o ensinamento obtido a partir da experiência da diretora do Visio Dei é que, para ser bem sucedida, é requerida uma luta dura, com paciência e força.

Além disso, Ana Gama Lobo confirma que queria criar a empresa Visio Dei porque queria ser patroa de si mesma, ao invés de ser regulada por outros. Ela queria organizar-se a fim de ter tempo para prestar atenção e educar os filhos. Porque, de acordo com a sua experiência, os funcionários das ONG ou do governo muitas vezes não têm tempo para a família e as crianças . Ana Gama Lobo afirma que transforma a sua empresa, de modo a fazer progressos e a ganhar a

¹¹⁷ Lobo, Ana Gama, Entrevista, Díli, 22 de dezembro de 2016.

confiança do governo timorense, para que possa receber um projeto a cada ano. Liderando, e enquanto executava o projeto, ela seguia sempre o princípio de que *“O lucro é número 2, enquanto a confiança das pessoas ou do governo deve ser o número um.”*¹¹⁸

Este princípio de Ana Gama Lobo é o mesmo do ex-presidente da Ford, Don Petersen, que comentou *“Falou-se muito de uma sequência de valores-pessoas, produtos e lucros. Ficou decidido que as pessoas viriam absolutamente em primeiro lugar (os produtos em segundo e os lucros em terceiro).”*¹¹⁹ A partir das declarações de Ana Gama Lobo e de Don Petersen, é patente que o ser humano está a tornar-se um ator principal em todos os aspetos do desenvolvimento: o ser humano, além de agente, é um dos objetivos do próprio desenvolvimento. É desta forma que o ser humano consegue operar em todos os aspetos do desenvolvimento e também desfrutar dos seus frutos, ainda que o desenvolvimento esteja em execução. Além disso, a confiança é também um dos fatores mais importantes para o sucesso de um indivíduo ou de uma empresa. Ana Gama Lobo tornou-se uma mulher empresária bem sucedida, de acordo com as características e tamanho de Timor-Leste, pelos seus princípios e seus esforços.

Ana Gama Lobo acrescenta que a sua empresa está a progredir e cada vez conta mais com a confiança do governo timorense. Foi desta forma que, em 2016, ela ganhou alguns projetos, como o de F-FDTL Mertinaro, o de Naval Hera, o do Hospital Nacional Guido Valadares, o da Academia da Polícia Nacional de Timor-Leste, o do Hospital de Baucau e o da Prisão Becora. Ela trabalha com cerca de 149 pessoas, sendo os salários mais baixos de \$125 dólares americanos e o mais alto de \$320 dólares americanos. Os funcionários que ganham o salário

¹¹⁸ Lobo, Ana Gama, Entrevista, Díli, 22 de dezembro de 2016.

¹¹⁹ Don Petersen citado por James C. Collins e Jerry I. Porras, *Empresas de Sucesso*, Lisboa, Livros do Brasil, 1997, p. 74.

mais baixo é por serem novos e apenas 10 pessoas estão nesta situação, enquanto outros trabalhadores recebem um salário entre os \$140 e os \$320 dólares americanos. O orçamento total de salários, por mês, é de mais de \$20.000 dólares americanos.¹²⁰ No início, a Visio Dei só ganhava \$6.000 dólares americanos num ano; agora, é capaz de pagar \$20.000 dólares americanos de salários, por mês. Isto significa que Ana Gama Lobo, diretora de Visio Dei, atingiu um patamar de grande sucesso. Aqui tem prevalecido teoria David McClelland – “n-Ach: The need for achievement” – segundo a qual a necessidade de realização é muito importante para o crescimento económico¹²¹. Portanto, se numa sociedade há muitas pessoas que têm um alto n-Ach, como é o caso de Ana Gama Lobo, pode-se esperar que a comunidade venha a gerar um crescimento económico elevado. Ana Gama Lobo não só contribuiu para o desenvolvimento nacional, mas criou empregos para outras mulheres, já que a maioria dos seus trabalhadores são mulheres. Assim, Ana Gama Lobo e alguns dos seus trabalhadores lucraram com o crescimento económico, embora ainda não haja uma boa e completa resposta para as necessidades de todos os trabalhadores

Noutros municípios timorenses, também existem empresas de propriedade feminina ou lideradas por mulheres; por exemplo, no município de Viqueque, há uma empresa chamada Habere Unip. Lda, cuja proprietária e diretora é Anastácia Trindade, e outra empresa chamada Talena Unip. Lda, cuja proprietária e diretora é Inês Fernandes. As duas empresas estão envolvidas na área da construção civil.¹²² Anastácia Trindade explicou que, entre 2016 e 2017, a empresa Habere Unip. Lda e a Unimon Unip. Lda ganharam o projecto de electricidade no posto administrativo de Uatolari, numa totalidade de 16 km, desde Diribu'u até Uluso. Ela afirmou que,

¹²⁰ Lobo, Ana Gama, Entrevista, Díli, 22 de dezembro de 2016.

¹²¹ David McClelland, citado por Arief Budiman, *Teori Pembangunan Dunia Ketiga (Teoria do Desenvolvimento do Terceiro Mundo)*, Jakarta, PT Gramedia Pustaka Utama, 2000.

¹²² Trindade, Anastácia, Entrevista, Díli, 14 de dezembro de 2016 e Fernandes, Inês, Entrevista, Viqueque, 7 de junho de 2015.

embora existam muitos desafios e dificuldades, já que muitos veteranos também queriam este projeto, a sua empresa deve concluir o projeto de eletricidade, com toda a responsabilidade. A empresa Habere, por sua vez, emprega cerca de 25 pessoas, com um salário mínimo de \$120 dólares americanos. Anastácia acrescenta que, em 2017, as comunidades de áreas rurais, como Liacidi, Iraler ou Uluso, vão ter eletricidade e vão poder usá-la para responder às suas necessidades.¹²³

A experiência de Anastácia Trindade e das suas colegas empresárias podem ser expressão da declaração de José Eduardo Carvalho, quando este diz que “*Desta forma «silenciosa» – step by step – a participação feminina no mercado de trabalho cresceu significativamente nas últimas décadas e os dados estatísticos mostram que as mulheres estão hoje presentes em praticamente todos os segmentos e classes empresarias. O trabalho profissional surge para as mulheres como arma de autonomia; a possibilidade de afirmação pessoal, a sua realização em diferentes dimensões e maior afirmação por terem mais poder de decisão no casal.*”¹²⁴

Com base nos negócios e no seu esforço para participarem no desenvolvimento, as mulheres, em Timor-Leste, poderiam realizar o que foi enunciado por Meier e Baldwin a propósito do desenvolvimento económico: “A economia do desenvolvimento é um processo pelo qual se dá um aumento real do rendimento nacional da economia em um longo período de tempo. E se a taxa de crescimento *do rendimento* é maior do que a taxa de crescimento da população, *a renda real per capita, em seguida*, irá aumentar.”¹²⁵

Suryana também tentou explicar o desenvolvimento económico através de três elementos:

¹²³ Trindade, Anastácia, Entrevista, Díli, 14 de dezembro de 2016.

¹²⁴ José Eduardo Carvalho, *As Mulheres dominam a Economia... e a Economia Gosta!* Lisboa, Edições Sílabo, 2015, p. 23.

¹²⁵ Gerald Marvin Meier e Robert Edward Baldwin, *Economics Development: Theory, History and Policy*, John Wiley and Sons, 1957, pp. 2-3.

1. O desenvolvimento económico é um processo que significa um progresso constante com sua própria força para obter novos investimentos;
2. Inclui as atividades ou esforços para aumentar o rendimento;
3. O aumento de rendimento teria que ser prolongado e sustentável.¹²⁶

Com base na opinião destes três economistas sobre o desenvolvimento económico e nas situações observadas até este ponto, posso afirmar que as mulheres timorenses têm procurado realizar e contribuir para o desenvolvimento económico. Geralmente, elas participam em todos os aspetos do desenvolvimento: há mulheres que participam em domínios ligados à economia, muitas afirmam-se como empreendedoras (na construção de estradas, na distribuição de eletricidade, no desenvolvimento da irrigação, na construção de pontes, canais, entre outros) e outras estão envolvidas na política. De acordo com a nossa observação, em Timor-Leste um grande número de mulheres tornaram-se empresárias e atuam em diferentes áreas.

Além disso, Bernardete de Jesus Fátima, coordenadora do Programa Nacional Desenvolvimento Suco (PNDS), no posto administrativo de Suai Vila, município de Suai, disse que "As mulheres em áreas remotas têm uma alta motivação para participar do Programa Nacional Desenvolvimento Suco. Elas estão envolvidas em todas as atividades e qualquer programa de desenvolvimento que está sendo executado em sua área."¹²⁷

No entanto, há quem entenda que as mulheres podem fazer melhor, e, assim, não devem estar satisfeitas com o que tem sido feito, devendo esforçar-se por melhorar as suas condições de vida. Importa, então, reconhecer que também há mulheres que não procuram participar no desenvolvimento. Com efeito, o primeiro ministro Xanana Gusmão, no seu discurso de 23 de outubro de 2014, afirmou: "*Sei também que fazer progressos ao nível do género, significa mais*

¹²⁶ Suryana, *Ekonomi Pembangunan (Desenvolvimento Económico)*, Jakarta, Salemba Empat (Quatro), 2000.

¹²⁷ Fátima, Bernardete de Jesus, Entrevista, Díli, 5 de dezembro de 2016.

do que falar sobre direitos. Significa igualmente falar sobre as obrigações de cada pessoa na comunidade ou na sociedade em que vive.”¹²⁸ Aqui Xanana Gusmão transmite ao povo timorense que é necessário que cada pessoa cumpra as suas obrigações, em vez de apenas exigir os seus direitos; por vezes, os cidadãos são mais exigentes nos seus direitos do que executores das suas obrigações. Qualquer pessoa que cumpra as suas obrigações fica definitivamente com os seus direitos. Isto significa que direitos e obrigações são noções não podem ser separadas uma da outra, embora as obrigações devam ter uma precedência.

4.4. Os problemas das mulheres no crescimento económico

Como foi descrito, as mulheres timorenses têm procurado participar no desenvolvimento, mas ainda encontram alguns entraves que constituem um desafio para elas. Por exemplo, Maria Pompeia Ximenes e Domingas Gama Barbosa afirmam que *“Um grande problema para o crescimento económico são os costumes e ritos tradicionais.”* Elas dizem que vendem todos os dias e têm um monte de dinheiro, mas não veem a face do dinheiro por causa dos usos e costumes tradicionais. Elas gastam muito dinheiro devido aos usos e costumes tradicionais.¹²⁹ A deputada Domingas Alves (Bilou Mali), como veterana, também sustenta que *“estes usos e costumes tradicionais não são apenas um obstáculo para o crescimento económico, mas, mais precisamente, são uma barreira para todos os aspetos do desenvolvimento em Timor-Leste, incluindo a educação das crianças ou dos estudantes”*.¹³⁰

¹²⁸ Gusmão, Xanana, Discurso por Ocasão da Conferência Internacional sobre Género no Parlamento, Díli, 23 de outubro de 2014, p. 6. Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2014/10/G%C3%A9nero-no-Parlamento-23.10.141.pdf>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

¹²⁹ Ximenes, Maria Pompeia, Entrevista, Díli, 11 de novembro de 2016, e Barbosa, Domingas Gama, Entrevista, Díli, 23 de novembro de 2016.

¹³⁰ Alves, Domingas, Entrevista, Díli, 13 de novembro de 2016.

Os costumes tradicionais referidos consistem em *lia moris* ou dote pago pelo homem à família da mulher por ocasião do casamento e *lia mate* ou pagamento por ocasião da morte. De acordo com a nossa experiência e observação, no que toca aos usos e costumes tradicionais, estes podem, realmente, tornar-se um obstáculo ao crescimento económico e à educação das crianças timorenses, porque há pessoas ou anciãos indígenas que fazem deles um negócio ou comércio. A maioria dos timorenses encara esses costumes como algo muito importante, especialmente entre as populações de áreas remotas. Para estas, os usos tradicionais têm uma componente mítica, que muitos temem: elas acreditam que um homem pode morrer se não fizer um uso verdadeiro e correto daqueles costumes. No entanto, as pessoas também percebem que os usos tradicionais podem constituir um problema ou ser motivo de queixa em todas as comunidades de Timor-Leste, embora, até agora, não tenha havido qualquer partido a legislar, regulamentar ou tentar encontrar uma solução para este problema. Os usos tradicionais têm um valor positivo para o povo de Timor-Leste: simbolizam a unidade e a paz. Portanto, o governo ou os intelectuais devem procurar uma solução para estes usos, para que os costumes tradicionais deixem de ser um problema porque as comunidades consideram os usos tradicionais mais importantes do que o crescimento económico e a educação dos jovens, desta forma também afetando o processo global de desenvolvimento.

Paralelamente, Regina Fernandes, como membro da cooperativa Oan Kiak, no suco Barikafa, município de Lospalos, disse que, na sua cooperativa, “*tivemos de transportar mercadorias desde o posto administrativo, em Luro, até ao suco Barikafa, ao longo de 8km, porque não havia transporte e a estrada estava danificada.*”¹³¹ O mesmo problema refere Angelina da Silva dos Santos, do Posto Administrativo de Maubisse: na sua cooperativa, deviam

¹³¹ Fernandes, Regina, Entrevista, Barikafa, 3 de fevereiro de 2012.

trazer os resultados do trabalho a cavalo, porque não havia transporte e a estrada estava danificada.¹³²

Os problemas nas estradas são comuns a todas as comunidades em Timor-Leste e podem significar um obstáculo para o crescimento económico timorense. Por exemplo, Cândida Belo, membro do Conselho do Suco, no município de Viqueque, disse que “há produtos agrícolas para vender, *mas as estradas* não são boas e o transporte é difícil, por isso, há quem não queira trabalhar mais.”¹³³ Com isto, Cândida quer mostrar que há um aspeto externo que pode ser um obstáculo à participação das mulheres e também dos homens no desenvolvimento; embora as questões de construção de estradas sejam problema do governo, tanto do local como do central, eles devem prestar atenção a todos os aspetos do desenvolvimento que possam significar oportunidades de todos participarem no desenvolvimento, incluindo as mulheres de áreas mais remotas.

Enquanto isso, Cesaltina Lúcia Amaral, em Dili, salienta que “um dos problemas que se tornam um obstáculo à participação das mulheres no desenvolvimento é a questão do número de filhos. Porque nós, as mães, devemos prestar atenção e manter as crianças em casa para que *os* pais possam ir trabalhar bem.”¹³⁴ Um exame mais profundo a esta afirmação permite dizer explicitamente que esta mulher não participa no desenvolvimento. Mas, implicitamente, ela tem contribuído para o desenvolvimento porque, ao manter as crianças em casa e dando atenção a questões domésticas, na verdade, ela apoia o seu marido, para que este possa participar no desenvolvimento. Além disso, Cesaltina mostra quanto afeto e responsabilidade tem enquanto

¹³² Santos, Angelina da Silva dos, Entrevista, Maubisse, 11 de maio de 2012.

¹³³ Belo, Cândida, Entrevista, Uatolari, 3 de novembro de 2014.

¹³⁴ Amaral, Cesaltina Lúcia, Entrevista, Díli, 4 de novembro de 2014.

mãe; ela enfatiza que o trabalho doméstico é um trabalho da responsabilidade das mulheres e que apenas as mulheres podem fazer.

Luciana Aguiar confirma esta ideia, no seu artigo sobre “8 coisas que as mulheres fazem melhor que os homens.” Uma dessas coisas é tratar das lides domésticas: *“todos sabemos que há um risco de erro muito elevado quando se pede a um homem para passar uma camisa a ferro, colocar a loiça na máquina, estender a roupa no estendal, mudar os lençóis da cama, entre muitas outras tarefas domésticas. Quem nunca se atreveu a pedir ao marido, pai ou irmão para colocar roupa na máquina de lavar e se arrependeu no momento em que viu a roupa toda tingida”*¹³⁵ Portanto, não se deve subestimar o trabalho das mulheres, mas sim melhorar a sua autoconfiança, a fim de que elas participem no desenvolvimento. Uma boa divisão do trabalho levaria a que todos estivessem satisfeitos, pois o justo é que os direitos e obrigações sejam iguais para as mulheres e para os homens.

Linda Gordon alerta-nos para o “trabalho invisível” das mulheres. Esta autora distingue o making a living (o trabalho do homem que ganha o dinheiro) do making a life (o trabalho das mulheres na família). A sua análise parte da constatação de que “depois da revolução industrial, o trabalho doméstico se transformou em tarefas de manutenção, não de produção” e que “a manutenção da vida humana é um processo complicado e societal”. De todas as tarefas enumeradas por Gordon a propósito do trabalho invisível das mulheres, quero citar algumas, por muitas vezes não serem mencionadas: “As mulheres têm de dar apoio emocional aos maridos e aos filhos. É tarefa da mulher doméstica reparar os danos que a sociedade provoca nos membros da sua família, consolar, encorajar e proporcionar distrações. [...] Têm de organizar as

¹³⁵ Luciana Aguiar, “8 Coisas que as mulheres fazem melhor que os homens”, Disponível em: <https://www.feminina.pt/8-coisas-que-as-mulheres-fazem-melhor-que-os-homens/>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

atividades sociais e os tempos livres da família. Têm de manter as relações com a família (alargada) e os amigos. (...) os homens são, na manutenção dos contactos sociais, muito dependentes das mulheres.”¹³⁶

Verónica Lopes, de Suco Maubara Lisa, município de Liquiça, afirma que as mulheres têm a iniciativa e a criatividade necessárias para participar no desenvolvimento, mas enfrentam um problema: a falta de equipamentos e de formação.¹³⁷ Em Timor-Leste, uma nação recente que ainda está em processo de desenvolvimento, deve reconhecer-se que existem muitos problemas para as populações, incluindo a facilidade de promover o crescimento económico, como revelou Verónica Lopes. A falta de equipamentos e a falta de conhecimentos são questões que afetam o crescimento económico e também dificultam o processo de desenvolvimento. Segundo Lincoln Arsyad, “existem três *componentes* principais que afetam o crescimento económico, são terra, *ferramentas* (máquinas) e recursos humanos.”¹³⁸ A mesma coisa é também expressa por Angelina Monteiro, uma vendedora de frutas em Lecidere; ela salientou que as condições de venda e as facilidades de que dispõe são inadequadas e, por isso não pode competir com os comerciantes da China. Estas vendedoras não têm material que lhes permita preservar a sua mercadoria, neste caso frutas; faltam-lhes frigoríficos ou outros meios de conservação.¹³⁹

Atentando no que foi dito anteriormente, podemos afirmar que a maioria da sociedade timorense, em geral, e, num caso mais particular, as mulheres trabalham apenas para responder à vida quotidiana. Elas não podem trabalhar para impulsionar o crescimento económico pois carecem de equipamentos (como máquinas) e também de formação. Habitualmente, estes

¹³⁶ Linda Gordon, “Kostwinnen en koesteren (Making a living, making a life)”, in *Socialisties-Feministiese Teksten* 2, 1978, pp. 31-32 citado por Maria Helena Marijke de Koning, *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher: Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento, 2006, p.108.

¹³⁷ Lopes, Verónica, Entrevista, Maubara Lisa, 11 de maio de 2014.

¹³⁸ Lincoln Arsyad, *Ekonomi Pembangunan (Desenvolvimento Económico)*, Yogyakarta, Edição V, UPP STIM YKPN, 2010, p. 270.

¹³⁹ Monteiro, Angelina, Entrevista, Díli, 7 de janeiro de 2017.

problemas são obstáculos ao desenvolvimento timorense, especialmente para as mulheres. Timor-Leste possui uma terra agrícola fértil, mas esta não é aproveitada devido à falta de conhecimentos e de equipamentos. Esta questão é da responsabilidade de todo o povo timorense, especialmente do governo, que deve encontrar soluções e criar condições favoráveis para que as mulheres participem no desenvolvimento, como está escrito na Constituição. Domingas Gama Barbosa afirma que a falta de facilidades afeta gravemente a sua renda diária. A partir do ano 2013 até 2016, os resultados das suas vendas diárias variavam entre \$50 e \$80 dólares americanos, porque ela não dispunha de material de preservação. Enquanto isso, os comerciantes chineses têm facilidades e um forte capital. Barbosa pensou que o povo timorense estava a lutar pela independência, e não para que os outros se divirtam através da sua pobreza.

Há, portanto, uma necessidade emergente de um bom controlo por parte do governo, para que haja justiça na forma de participação de todas as pessoas no desenvolvimento.¹⁴⁰ A realidade de mercado em Timor-Leste, evidenciada acima por Domingas Gama Barbosa, é contrária à do mercado económico dos países da OCDE, como refere Gilbert Rist: *“Nas trocas de mercado, os indivíduos encontram-se um ao outro não diretamente, mas “em torno” de um objeto vendido por um e comprado pelo outro - depois do qual cada um retoma sua liberdade inicial. Esta autonomização do objeto legitima a autonomização da economia, que agora procura manter-se livre de qualquer “interferência” política, ética e pessoal.”*¹⁴¹

Em Timor-Leste, uma nova nação asiática, tudo é ainda influenciado pelo sistema político do país. As pessoas sentem que as suas vidas ainda dependem do sistema político vigente. Na vida económica, as pessoas precisam da intervenção do governo; acontece isto com as

¹⁴⁰ Barbosa, Domingas Gama, Entrevista, Díli, 23 de novembro de 2016.

¹⁴¹ *Market Economy in OECD countries*, citado por Gilbert Rist, *The History Of Development, From Western Origins To Global Faith*, 3rd ed., London and New York, Zed Books, 2008, p. 17.

vendedoras de frutas, com as vendedoras de produção local e de artesanato: todas ainda precisam de ajuda do governo, que, infelizmente, não consegue responder a todas as necessidades. Aos comerciantes, faltam ainda equipamentos. Então, cumprir a ideia de mercado económico descrita por Gilbert Rist obriga a um longo processo em que é requerida a contribuição de todos os timorenses, através de recursos humanos competentes e estáveis. Com um grande esforço de todos cidadãos, muitos mais poderiam alcançar uma vida digna e próspera. É por isso que indiscutivelmente, as vendedoras se apresentam como gentes que promovem o crescimento económico e o processo de desenvolvimento.

Note-se, contudo, que as comunidades locais não têm sido capazes de competir com os comerciantes de países estrangeiros, como a China, as Filipinas, Singapura ou outros. Com efeito, do ponto de vista dos conhecimentos, das disponibilidades de capital, das capacidades e competências, o povo de Timor-Leste não pode competir com outros comerciantes que entrem no país, o que constitui um grande desafio para o crescimento económico timorense.

De facto, a escassez de capital e de recursos humanos representa um problema para os empresários em Timor-Leste, tanto mulheres como homens. Para além disso, muitas vezes, a concorrência desleal entre empresários tem efeitos nocivos no desenvolvimento da actividade económica do país. Como foi salientado por Anastacia Habere Trindade, diretora de uma empresa, há empresários que tentam bloquear projetos já ganhos por uma empresa. Por essa razão, esta empresária decidiu apresentar os seus problemas e outros assuntos ao parlamento nacional em Díli; ela afirma que há também veteranos da luta pela independência envolvidos no bloqueio de projetos.¹⁴² A mesma opinião é expressa por Elia dos Santos Fernandes, diretora da empresa Silver Queen Unip. Lda, que tinha ganhado o projeto Jardim dos Heróis em Lugaça, em

¹⁴² Trindade, Anastácia, Entrevista, Díli, 14 de dezembro de 2016.

Viqueque, e viu o seu projeto cancelado pelos veteranos.¹⁴³ Estes ex-combatentes que lutaram pela independência de Uatolari ganharam grande influência política depois da independência, ao nível do governo local e nacional.

A candidatura de um projeto é uma competição normal entre os empregadores dos mais diversos países. Mas o problema, em Timor-Leste, é que, se algum empregador não ganhar, é capaz de criar barreiras para quem ganhou o projeto. Isto tem uma implicação muito simples: qualquer empresário ou veterano que impeça um projeto, não quer o desenvolvimento, tal como qualquer empresário que ganhe o projeto terá uma boa contribuição para o processo de desenvolvimento e beneficiará toda a sociedade, incluindo aqueles que querem obstruir o projeto. Além disso, se um veterano faz um impedimento, então esse veterano é egoísta e não entende o processo de desenvolvimento o qual requer a participação de todas as pessoas, tanto veteranos como não veteranos, homens e mulheres. Importa assim sublinhar que a luta pela independência de Timor-Leste, depende da contribuição de todo o povo timorense ainda que em diferentes dimensões e de diferentes maneiras. Assim, o cumprimento da independência e a execução do desenvolvimento são uma obrigação de todo o povo, que convoca uma responsabilidade total e um alto espírito de nacionalismo.

Apresentar e ganhar um projeto é uma das formas de participação no processo de crescimento económico, que, rapidamente, contribuirá para o processo de desenvolvimento. Graças ao sucesso na execução de um projeto, os empresários aumentarão os seus rendimentos. Assim há quem entenda que *“A rendibilidade é uma condição necessária para a existência e um*

¹⁴³ Fernandes, Élia dos Santos, Entrevista, Díli, 3 de janeiro de 2017.

*meio para fins mais importantes, mas não é o fim em si, [...]. O lucro é como o oxigênio, a água e o sangue para o corpo; não são eles o ponto nuclear da vida, mas sem eles não há vida.”*¹⁴⁴

¹⁴⁴ James C. Collins e Jerry I. Porras, *Empresas de Sucesso*, Lisboa, Livros do Brasil, 1997, p. 78.

CAPÍTULO V

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA EDUCAÇÃO

A educação é essencial para que todos possam aumentar as suas qualificações e melhorar a sua qualidade de vida. Portanto, nas democracias modernas todos têm direito a uma educação formal e os Estados têm particular responsabilidade em proporcioná-la aos cidadãos. Porém, a educação não se esgota nos conhecimentos e competências que são transmitidos e treinados nas escolas. A família, a comunidade também transmitem valores, sancionam atitudes e comportamentos. Em Timor-Leste, as mães, as avós, as irmãs e ainda outras mulheres têm um papel muito importante nesta educação informal. Neste capítulo, vamos portanto analisar como se faz a participação das mulheres na educação, quer como professoras quer como mães e cuidadoras.

5.1. O papel das mulheres na educação formal

Segundo Gohn, a educação formal é metodicamente organizada, o que significa que é seguido um currículo dividido em disciplinas, são seguidas regras e leis e, além disso, o ensino divide-se tanto por idades como pelo nível de conhecimento.¹⁴⁵

Durante a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, funcionava um sistema de ensino formal em que a maioria dos professores provinha desse país. Após a vitória do movimento pró-

¹⁴⁵ Maria da Glória Gohn, “Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas”, *Ensaio: aval. pol. públ. educ.*, vol. 14, nº 50, jan./mar. 2006, p. 28, citado em Maria das Graças Alves Cascais e Augusto Fachín Terán, “Educação Formal, Informal e Não Formal em Ciências: Contribuições dos Diversos Espaços Educativos”, *Ciência em Tela*, vol. 7, nº 2, 2014, pp. 1-2. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>. Data de consulta: 14 de abril de 2016.

independência no referendo feito pela UNAMET a 4 de setembro de 1999, esses professores voltaram para a Indonésia e o território ficou numa situação de grande carência de docentes. Por isso, a fim de reconstruir o sistema de ensino, alguns académicos e estudantes tomaram a iniciativa de reativar as atividades de ensino e aprendizagem; entre eles havia algumas mulheres, embora estas tivessem de enfrentar muitos desafios e problemas. Por exemplo, Verónica Rangel, que na época frequentava apenas o quarto semestre de especialização em biologia, na Universidade de Udayana Bali, em outubro de 1999, juntamente com os seus amigos, conseguiu restabelecer a escola pré-secundária Uatolari-Viqueque. Verónica Rangel, neste contexto, ficou responsável por ensinar biologia, porque não havia ninguém mais capacitado do que ela para ensinar tal ciência.¹⁴⁶

Maria Lúcia Soares, de 60 anos, também explicou que, tendo obtido o diploma do posto escolar (ensino secundário) na época da expansão do português em Timor-Leste, em 1974, se aventurou a ensinar a língua portuguesa no ensino pré-secundário a partir de outubro de 2000. Ao mesmo que lecionava no Colégio Paulo VI, continuou os seus estudos na Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL). Conjuguar uma atividade profissional, neste caso o ensino, com estudos universitários é muito duro; mas, apesar das dificuldades, Maria Lúcia Soares completou o seu ciclo de estudos e atualmente é licenciada em Língua Portuguesa.¹⁴⁷

Com base na experiência de Rangel e Soares, podemos ver que as mulheres foram, também, participantes no desenvolvimento da educação formal em Timor-Leste, depois de anunciado o resultado do referendo pela UNAMET. Apesar de todos os problemas que surgiram e das limitações que existiram, as mulheres deram um contributo muito útil ao desenvolvimento dos recursos humanos em Timor-Leste. A história mostra que, neste momento, o povo timorense

¹⁴⁶ Rangel, Verónica, Entrevista, Díli, 1 de dezembro de 2016.

¹⁴⁷ Soares, Maria Lúcia, Entrevista, Díli, 16 de novembro de 2016.

continua a enfrentar uma crise de recursos humanos, mas, através de um esforço conjunto entre homens e mulheres, pode haver uma expansão do sistema de ensino formal em Timor-Leste. As mulheres podem estar envolvidas na criação de escolas nas várias regiões de Timor-Leste, quer estas sejam de ensino básico, secundário ou mesmo universitário, pois há também algumas universidades em Díli, como a UNTL e a Universidade de Díli (UNDIL); isto significa que o desenvolvimento da educação em Timor-Leste tem de partir da contribuição de todos os timorenses, sem diferenças de género.

Se examinarmos a educação formal realizada em Timor no momento pós-referendo, observamos uma situação de privação e limitação: ainda não existia um currículo, não havia quaisquer leis ou regulamentação, e havia outros problemas incidindo sobre as instituições de educação formal. Contudo, naquele momento, com coragem e vontade de reconstruir o sistema de educação formal, tanto homens como mulheres, com os seus conhecimentos e experiências, começaram a estabelecer escolas em todos os municípios, enquanto se aguardava a criação do currículo e de regulamentos pelo governo transitório das Nações Unidas. Neste ponto, quero salientar que as mulheres também foram importantes impulsionadoras do desenvolvimento da educação formal em Timor-Leste, que até ao presente momento tem vivido grandes mudanças e progressos de forma a ser posto a par da educação formal de outros países.

Após a restauração da independência, o governo de Timor-Leste, especialmente o primeiro governo constitucional, deu prioridade à educação formal tornando a escola pública gratuita para todas as crianças timorenses. Além disso, o governo de transição e o governo timorense trabalharam em conjunto para melhorar as condições de ensino, recrutando professores habilitados de acordo com as necessidades das escolas. Em 2005, por exemplo, o governo deu

contratos para professores a tempo parcial tanto no ensino básico como no secundário, nos 13 municípios.

A cada ano o governo timorense recruta novos professores de acordo com as necessidades de cada município, como ilustrado por Verónica Salsinha, que afirma ter-se tornado professora permanente em 2006¹⁴⁸ e por Antónia Maria Salomé, que testemunha ter-lhe acontecido o mesmo em 2009. Explica esta última: "Fui professora voluntária de 2003 a 2008. Durante esses 6 anos, não recebi salário do governo timorense. Mas continuei a servir porque queria contribuir para o processo de desenvolvimento da nação e do Estado. Em 2009, tornei-me funcionária permanente, senti-me feliz porque poderia receber um salário a cada mês. Mas em 2014, as condições obrigaram-nos a abrir mais pré-escolar para 76 alunos. E eu fiquei como coordenadora do pré-escolar, com um grande número de alunos de que tenho de cuidar como se fossem os meus próprios filhos. Por causa da sua tenra idade, quando eles chamam então vou mimá-los e carregá-los com cautela. Eles têm idades entre os 3 e os 4 anos, portanto, a minha responsabilidade é grande para educar e dar atenção a estas crianças de acordo com as condições deles. Às vezes sinto que é um peso, mas tenho de fazê-lo porque é o meu dever e responsabilidade. Esta é a minha atividade diária como professora do ensino básico."¹⁴⁹

Quanto a Cecília Pereira, em 1 de Julho de 2011 tomou posse como professora na UNTL, já que o primeiro-Ministro daquele tempo, Xanana Gusmão, ordenou que todos os funcionários que tinham contratos com o governo de Timor-Leste fossem nomeados funcionários permanentes, incluindo os professores contratados espalhados pelos 13 municípios, desde o ensino básico até à universidade.¹⁵⁰ Agapito Ribeiro, Diretor da Escola de Ensino Básico Nobel

¹⁴⁸ Salsinha, Verónica, Entrevista, Mertuto-Ermera, 28 de novembro de 2016.

¹⁴⁹ Salomé, Antónia Maria, Entrevista, Mertuto-Ermera, 28 de novembro de 2016.

¹⁵⁰ Pereira, Cecília, Entrevista, Lisboa, 20 de março de 2017.

da Paz em Díli também assinou um contrato para se tornar professor efetivo em 22 de dezembro de 2011. Naquele tempo, 4.442 professores nos 13 municípios assinaram tais contratos. Todos eles haviam concluído os seus estudos universitários de bacharelato e licenciatura, especialmente na Faculdade de Educação, nos departamentos de química, matemática, inglês e língua portuguesa.¹⁵¹

Com base nas minhas observações das escolas de ensino básico em Timor-Leste, posso dizer que este é geralmente dominado por mulheres. As mulheres têm uma grande capacidade para ensinar e educar crianças; fazem-no com paciência e compaixão, como ilustra o testemunho dado por Antónia Salomé. Por seu turno, Verónica Salsinha afirma que há 28 professores que ensinam na Escola de Ensino Básico Central 199 Mertuto, dos quais 18 são mulheres.¹⁵² Esta realidade mostra que as mulheres dão um importante contributo à educação formal. Elas também fundaram escolas em Timor-Leste, quer privadas quer públicas, e iniciaram a escolarização, desde o nível básico até ao universitário.

No exercício das suas funções e responsabilidades, enquanto professora, Verónica Salsinha relata que encontrou sempre muitos problemas. Ela afirma que o número de alunos é demasiado alto por sala, havendo casos em que uma turma pode ter, por exemplo, 70-80 alunos. Além disso, há falta de professores, de salas, de bibliotecas e por vezes mesmo de fornecimentos básicos como eletricidade, água ou saneamento. Estes problemas podem conduzir a uma ineficácia do processo de ensino e aprendizagem.¹⁵³ Na generalidade, as escolas de Timor-Leste, especialmente as do ensino básico, carecem de bibliotecas e de instalações adequadas. Estes

¹⁵¹ Ribeiro, Agapito, Entrevista, Díli, 6 de janeiro de 2017.

¹⁵² Salsinha, Verónica, Entrevista, Mertuto-Ermera, 28 de novembro de 2016.

¹⁵³ *Ibidem*.

aspectos afetam a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, tendo influência tanto nos professores como nos alunos.

Apesar de todos estes problemas e desafios, a escola é muito importante para as crianças em Timor Leste, tal como refere Paulo Oom: *“Ao refletir a diversidade da comunidade em que se insere, e das famílias que dela fazem parte, a escola tem um papel único na promoção da tolerância, aceitação da diferença e interiorização do papel que cada um, sendo diferente, pode dar à sua família, à comunidade e à própria escola. Este clima deve estender-se, para além dos alunos, às suas famílias, professores e auxiliares.”*¹⁵⁴

Em 2015, eram estes os dados estatísticos do Ministério Estatal sobre o total de alunos, professores e escolas dos ensinos básico e secundário em Timor-Leste:¹⁵⁵

a. Tabela do Ensino Básico:

Ensino Básico	Alunos	Professores	Escolas
Escolas públicas	276, 335	9,330	1,076
Escolas privadas	45,116	1,554	188
Total	321,451	10,884	1,264

¹⁵⁴ Paulo Oom, *Filhos Mais Felizes*, Lisboa, Zero a Oito, 2015, p. 18.

¹⁵⁵ Ministério Estatal, *Timor Leste Em Números*, Díli, Direção Geral de Estatística, Edição VI, 2015, pp. 36-38.

b. Tabela do Ensino Secundário:

Ensino Secundário	Alunos	Professores	Escolas
Escolas públicas	31,524	1,257	47
Escolas privadas	13,876	429	37
Total	45,400	1,686	84

c. Tabela do Ensino Técnico Secundário:

Ensino Técnico Secundário	Alunos	Professores	Escolas
Escolas públicas	3,476	308	14
Escolas privadas	2,546	93	8
Total	6,022	401	22

5.2. A responsabilidade das mulheres na educação informal

A educação das crianças é da responsabilidade dos pais, mas geralmente quem dá mais atenção aos filhos é a figura materna. Uma mãe vai estar sempre mais perto dos seus filhos e por isso há um ditado popular na Indonésia que diz “O céu está nos pés da mãe”. Este ditado transmite a ideia de que, se alguém perder a mãe, perde também atenção e carinho. Embora pai e mãe tenham uma igual responsabilidade perante as crianças, a mãe é aquela que, tipicamente, dá mais carinho. Tal como afirma Saturlina Ximenes, “*A responsabilidade de uma mãe para com as*

crianças é primordial; atenção e carinho dados por outras pessoas ou até mesmo por um pai não são o mesmo que por uma mãe."¹⁵⁶

Claro que, se as mães quiserem trabalhar fora de casa, isso pode constituir um problema porque em Timor-Leste ainda não há creches. Em geral, se ambos os pais trabalham em escritórios ou lojas, as crianças muito pequenas que ainda não vão à escola são cuidadas e alimentadas por irmãos mais velhos ou pelas avós. Isto é ilustrado por Bernardete de Jesus Fátima, que afirma: "*Quando eu vou para o trabalho no escritório, quem cuida dos meus filhos são os irmãos velhos, a avó ou os sobrinhos e sobrinhas que vivem comigo.*"¹⁵⁷ A mesma experiência é descrita por Henriqueta Guterres: "*Quando eu vou vender as frutas, quem trata do meu filho mais novo são os seus irmãos mais velhos ou os quatro sobrinhos que vivem comigo.*"¹⁵⁸ Mas, em geral, o cuidado e carinho das crianças são da responsabilidade da mãe.

Todas as declarações e experiências relatadas até agora têm revelado que há um papel importante da mãe na educação informal das crianças. Podemos analisar também os casos de Ana Gama Lobo e Antónia Maria Salomé; ambas têm um total de 8 filhos. Ana Gama Lobo é diretora das empresas Visio Dei e Antonia Maria Salomé é professora no ensino básico. Elas dizem que, mesmo estando ocupadas, procuram ter tempo para os filhos; estas mulheres não querem abandonar as crianças porque são elas o seu maior bem. É entendível, neste sentido, que o futuro das crianças seja muito importante para estas mães, daí que elas procurem ter tempo para educá-las e orientá-las para aquilo que consideram ser um bom futuro.

A primeira filha de Ana Gama Lobo tornou-se médica e o segundo filho está nas Filipinas, a fazer um mestrado na área do *design*. No caso de Salomé, o seu primeiro filho

¹⁵⁶ Ximenes, Saturlina, Entrevista, Díli, 24 de maio de 2014.

¹⁵⁷ Fátima, Bernardete de Jesus, Entrevista, Díli, 5 de dezembro de 2016.

¹⁵⁸ Guterres, Henriqueta, Entrevista, Díli, 21 de novembro de 2016.

tornou-se professor e a segunda filha trabalha como funcionária permanente em terras e propriedades, enquanto os outros ainda estão no ensino secundário e na universidade.¹⁵⁹ O próprio presidente da República Democrática de Timor-Leste, Taur Matan Ruak, deu o testemunho de que *“Também sou pai, os meus filhos nasceram já na nossa terra amada, livre e independente. Tal como eu e vós lutámos juntos pela liberdade do país, hoje temos de trabalhar juntos para um futuro melhor para as crianças timorenses. Eles são o futuro da nossa terra.”*¹⁶⁰

As condições económicas de Timor-Leste exigem de uma mãe uma grande responsabilidade na educação informal e formal dos seus filhos. Esta exigência é personificada pela figura de Eliseia Clementino Tavares Brites, funcionária pública do Ministério de Obras Públicas. Eliseia conta que, ao todo, a sua família é constituída por 10 pessoas, sendo o seu pai Clementino Tavares e a sua mãe Dulce Barros Brites. O pai de Eliseia era enfermeiro e trabalhava no Posto Administrativo de Railaco, enquanto a mãe cuidava dela e dos irmãos, em Díli. O salário de Clementino não era suficiente para todas as necessidades das crianças e, por isso, em 2000, Dulce começou um negócio de venda de cigarros. A venda progrediu e, assim, esta família tornou-se capaz de responder às necessidades definidas como básicas pela sociedade. Pelo seu exemplo como vendedora, a mãe de Eliseia ensinou os filhos a trabalhar para que pudessem ganhar dinheiro que os tornasse capazes de sustentar as suas próprias necessidades.¹⁶¹ Mas, além disso, Dulce também ensinou a moral e a disciplina aos seus filhos, a fim de que estes fossem boas pessoas e bons cidadãos no futuro. Eliseia insiste em que a sua mãe teve paciência e firmeza para educar e orientar os seus filhos; educou-os com ações e palavras, tornando-se um exemplo para eles. E o resultado da educação informal desta mãe está bem à vista: duas das suas

¹⁵⁹ Salomé, Antónia Maria, Entrevista, Mertuto-Ermera, 28 de novembro de 2016.

¹⁶⁰ Taur Matan Ruak, *Cidadania para o desenvolvimento. Discursos maio 2012 – maio 2014*, Díli, LIDEL: Sentru Publikasaun Presidência Repúblika, 2014, p. 282.

¹⁶¹ Tavares, Eliseia Clementino Brites, Entrevista, Díli, 15 de dezembro de 2016.

filhas tornaram-se médicas, um filho tornou-se professor universitário, enquanto outros se tornaram funcionários públicos do governo Timor-Leste.¹⁶²

Com base nos resultados das minhas entrevistas com algumas mães e também a partir da minha experiência e observação, posso dizer que o papel de uma mãe na educação informal afeta significativamente o sucesso dos seus filhos; as mães timorenses, no geral, têm uma grande responsabilidade, porque estão mais perto dos seus filhos. Todavia, é importante notar que os pais também participam na educação informal das crianças, embora de forma diferente. Um pai educa para que a criança atinja os objetivos desejados, enquanto para uma mãe, o mais importante é dar carinho e amor aos seus filhos. Vejamos: uma mãe, se os filhos tivessem fome, cozinaria e, depois de estes estarem alimentados, educava-os. Um pai, por seu turno, se vê que os seus filhos têm fome, ensina-os a cozinhar. Pai e mãe têm as suas próprias maneiras de educar os filhos, mas ambos são os primeiros promotores da aprendizagem das crianças. Por isso, Gohn diz que “*A educação informal [é] aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.*”¹⁶³

Nem sempre, porém, a família consegue sobrepor-se às outras influências. Esta ideia foi-nos comunicada por Zélia Soares de Carvalho, que afirmou transmitir valores e disciplina ao seu filho e aos seus sobrinhos em casa, através da educação informal. No entanto, eles não deixaram de ser influenciados pelas crianças vizinhas, o que dificultava a obediência e o cumprimento daquilo que ela ensinava quanto às horas de estudo, de descanso, etc..¹⁶⁴

¹⁶² *Ibidem.*

¹⁶³ Maria da Glória Gohn, “Educação não-formal”, p. 28, citado por M. G. A. Cascais e A. Fachín Terán, “Educação Formal, Informal e Não Formal em Ciências”, pp. 1-2.

¹⁶⁴ Carvalho, Zélia Soares de, Entrevista, Díli, 31 de dezembro de 2016.

A experiência de Zélia Soares de Carvalho é comum a várias famílias em Timor-Leste. O desenvolvimento das crianças é afetado pela educação de outras crianças, já que há um ambiente comunitário muito aberto. Torna-se, portanto, difícil, nestes casos, os pais educarem os seus filhos para um futuro melhor, sobretudo quando ambos são funcionários públicos e têm menos tempo para acompanhar os seus filhos. São as mães “donas de casa” que têm mais tempo e se dedicam mais à educação informal dos seus filhos.

Enquanto isto, cada família tem uma maneira diferente de educar: alguns pais podem educar os seus filhos para serem bem-sucedidos, mas essa não é a condição absoluta para que isso aconteça; há muitas crianças que não têm sucesso e não é por falta de educação informal. No entanto, deve ser reconhecido que há muitas mães em Timor-Leste, como as mães de Antónia Salomé e de Dulce Barros Brites, que estão sempre a educar e com atenção aos seus filhos, para que estes tenham um bom futuro.

Isto encontra eco no que foi dito pelo Presidente Taur Matan Ruak: *“Temos de melhorar as escolas e aperfeiçoar a educação para criar melhores condições para as próximas gerações. Mais uma vez, a ação do Estado é muito importante, mas não basta. Para melhorar a educação é indispensável o empenhamento das famílias. Só a participação e atenção dos pais para com os filhos pode ajudar o governo e as escolas a cumprirem a sua missão de preparar as crianças para se tornarem futuros cidadãos – educados, informados e profissionalmente preparados. A participação dos pais pode ajudar os professores a organizarem escolas melhores, com condições de trabalho melhores, com materiais de ensino melhores e para aperfeiçoar a educação.”*¹⁶⁵

¹⁶⁵ Taur Matan Ruak, *Cidadania para o desenvolvimento*, pp. 281-282.

5.3.As mulheres e a educação ao longo da vida

O conceito de educação ao longo da vida serviu de referência ao relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, sendo a educação colocada como uma das chaves de acesso ao novo século que naquele momento se iniciava. Assim sendo, não basta que as pessoas acumulem, no começo das suas vidas, uma grande quantidade de conhecimentos. Devem, sim, aproveitar todas as oportunidades para “*atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos,*” procurando compreender um mundo em constante mudança.¹⁶⁶

Quando falamos no desenvolvimento de um país, devemos pensar, tal como diz E. F. Schumacher, que “*O desenvolvimento não deve ser iniciado a partir de materiais, mas a partir de seres humanos. Porque o homem é a fonte de todas as riquezas do mundo.*”¹⁶⁷ A visão de Schumacher pode ser justificada pelo facto de o mundo poder ser mudado pela sofisticação do cérebro humano e não a partir de ferramentas sofisticadas. Neste sentido, se quisermos que as mulheres participem no desenvolvimento, primeiro as suas qualificações devem ser melhoradas, de forma a estarem prontas a utilizá-las em qualquer área.

Corroborando esta visão de Schumacher, Madekhan Ali afirma que, ao falarmos sobre participação, também estamos a falar sobre empoderamento e capacitação. Este autor postula que o empoderamento e a capacitação implicam um processo de formação da comunidade para que esta entenda a realidade em que vive. São aqui convocados fatores que compõem o ambiente, como forma de tomar medidas que pressionem e impulsionem mudanças; só assim poderiam ser

¹⁶⁶ Jacques Delors et alii, *Educação: Um Tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, São Paulo, Ed. ASA/Cortez, 1997, citado por M. G. A. Cascais e A. Fachín Terán, “Educação Formal, Informal e Não Formal em Ciências”, p. 2.

¹⁶⁷ E. F. Schumacher citado por Madekhan, Ali, *Orang Desa Anak Tirih Perubahan (As Pessoas do Suco são esquecidas)*, Jawa Timur, 2007, p. 83.

melhoradas as condições ambientais. A noção de empoderamento implica que as pessoas sejam ajudadas a libertarem-se da dependência física e mental; assim, elas poderiam pensar progressivamente, de forma a avançar com planos para implementar sistematicamente e receber resultados.¹⁶⁸

É possível perceber o que é dito por Madekhan Ali quando Gizela de Carvalho, diretora da FKSH (*Feto Iha Kbiit Servisu Hamutuk* – A Força das Mulheres a Trabalhar em Conjunto), diz que todas as organizações de mulheres em Timor-Leste, de acordo com os seus objetivos e as áreas de trabalho, dão formação às comunidades dos 13 municípios, especialmente para que as mulheres consigam impulsionar o seu crescimento económico e melhorar a sua qualidade de vida.¹⁶⁹ Por isso, FKSH fornece formação sobre gestão financeira, marketing, competências de vida, liderança, gestão organizacional, preparação para o emprego, género e cultura, violência baseada no género e comida tradicional.

Baseando-nos nas opiniões de E. F. Schumacher e de Madekhan Ali referidas acima, podemos afirmar com segurança que para alcançar um objetivo, são necessários recursos humanos; o fator “recursos humanos” é um fator determinante no processo de desenvolvimento. Logo, se queremos que as mulheres participem no desenvolvimento, devemos incrementar as suas oportunidades de capacitação e de empoderamento. Por exemplo, fornecendo formação sobre gestão financeira, liderança, artesanato, marketing, prevenção da violência doméstica, preparação para o emprego, etc., como é feito pelas organizações de mulheres como FKSH, FHF (*Feto Hadomi Família* – A Mulher Ama a Sua Família) e ainda por Maria da Costa Cabral, do grupo de artesãs *Moris Dame* – Vivem em Paz. Esta formação pode aumentar as capacidades e competências das mulheres, especialmente nas áreas rurais. Assim, elas ganhariam capacidades e

¹⁶⁸ Madekhan Ali, *Orang Desa Anak Tirih Perubahan (As Pessoas do Suco são esquecidas)*, p. 84.

¹⁶⁹ Carvalho, Gizela de, Entrevista, Díli, 15 de novembro de 2016.

competências para trabalharem sozinhas, sem dependerem de outras pessoas ou do próprio governo.

A formação ao longo da vida é muito importante para as mulheres timorenses; muitas não podem continuar os seus estudos na universidade por incapacidade económica. Portanto, há uma grande necessidade de ações de formação, para que essas mulheres sejam auto-suficientes e possam aumentar os seus conhecimentos, com o objetivo de participarem no desenvolvimento. Posso afirmar isto, porque a formação faz parte da educação, como disse Andrew E. Sikula “*A formação é um processo educacional de curto termo utilizando um procedimento sistemático e organizado através do qual o pessoal não administrativo ganha conhecimentos técnicos e competências com um propósito definido.*”¹⁷⁰ É preciso providenciar formação para aprimorar os conhecimentos e competências das mulheres em áreas específicas, como sejam a formação de grupos cooperativos, o empreendedorismo, a gestão de dinheiro, etc. É importante que todas as pessoas estejam cientes de que uma outra pessoa ou organização, ou até mesmo o governo, só podem ajudar e facilitar se elas mesmas se assumirem como atores principais na prossecução do desenvolvimento. O progresso e a mudança não vêm dos outros, mas devem começar sempre a partir de nós mesmos

Salutar seria também a intervenção do governo a fim de assegurar a sustentabilidade da atividade económica; como afirma Domingas Gama Barbosa “*É preciso um bom controlo do governo sobre todos os supermercados e o sistema do comércio em Timor-Leste, para que todas as vendedoras também possam ter acesso a ele.*”¹⁷¹ As expectativas positivas que Domingas Gama Barbosa deposita na intervenção pública são consistentes com os objetivos do

¹⁷⁰ Andrew E. Sikula e John Francis McKenna, *Personnel Administration and Human Resource Management*, R. E. Krieger Publishing Company, 1984, citado por Susilo Martoyo, *Manajemen Sumber Daya Manusia (Gestão de Recursos Humanos)*, Edição IV, Yogyakarta, BPFE-Yogyakarta, 2000, p. 63.

¹⁷¹ Barbosa, Domingas Gama, Entrevista, Díli, 23 de novembro de 2016.

desenvolvimento humano do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), tal como consagrado no seu ponto 5: *"As reformas políticas e institucionais a nível global que criam um ambiente económico mais propício para que os países pobres possam aceder a mercados globais, tecnologia e informação."*¹⁷²

Em nosso entender, a resolução dos problemas económicos, políticos e sócio culturais, onde se incluem os da educação formal e informal, obriga a que, tanto a comunidade como o governo timorense, atendam ao que salientou Sakiko Fukuda-Parr, inspirando-se em Amartya Sen: *"Constituem potencialidades essenciais ao desenvolvimento humano usufruir de uma vida longa e saudável, de educação, ter acesso aos recursos necessários a um padrão de vida digno e poder participar na vida da comunidade."*¹⁷³ Foi na mesma linha de pensamento que o atual Presidente de Timor-Leste, Taur Matan Ruak, sublinhou: *"O desenvolvimento social, a construção de uma economia competitiva, sustentável e inclusiva, que beneficie todos, aproveitando os recursos do país para o bem comum, requerem trabalho, sacrifício e vontade de vencer. Os novos desafios requerem de nós aquelas mesmas qualidades que nos ajudaram a conquistar a Independência. Sem participação e empenhamento não é possível termos êxito. Desenvolvimento económico e social é melhorar a economia familiar, desenvolver a produção alimentar, melhorar a saúde e condições da educação dos nossos filhos, construir uma administração pública com consciência, rejeitar o desperdício de recursos. Só com a participação dos cidadãos podemos garantir esses objetivos. O país precisa de nós."*¹⁷⁴

Para realizar todas estas dimensões do desenvolvimento e das suas atividades diárias, mulheres e homens apresentam-se como uma componente necessária e complementar para o

¹⁷² Consenso de Nova Iorque, ONU, citado por Sakiko Fukuda-Parr, "The Human Development Paradigm: Operationalizing Sen's Ideas On Capabilities", *Feminist Economics*, vol. 9, 2003, p. 312.

¹⁷³ Sakiko Fukuda-Parr, "The Human Development Paradigm", p. 308.

¹⁷⁴ Taur Matan Ruak, *Cidadania Para o Desenvolvimento*, p. 14.

estabelecimento uma boa cooperação. Tanto homens como mulheres têm os seus trunfos e as suas fraquezas; eles precisam completar os esforços uns do outros. Por isso, Garcia Leitão Ribeiro afirmou que *“É por isso que, se ontem se dizia ‘Atrás de um grande homem está uma grande mulher’, hoje, a julgar pelo acima exposto, e por tudo o que observamos um pouco pelo mundo inteiro, é profundamente realista dizer-se «Ao lado de um grande homem está sempre uma grande mulher», não para competir mas para partilhar e auxiliá-lo em tudo o que for necessário, em particular na gigantesca missão de promover o amor nos corações dos homens com base na inteligência em detrimento da violência.”*¹⁷⁵

Com Linda Gordon, aprendemos a analisar o *“trabalho invisível”* das mulheres. Com os fundamentos daquela autora, é possível distinguir o *making a living* (o trabalho do homem que ganha o dinheiro) do *making a life* (o trabalho das mulheres na família). A sua análise parte da constatação de que *“depois da revolução industrial, o trabalho doméstico se transformou em tarefas de manutenção, não de produção”* e *“a manutenção da vida humana é um processo complicado e societal”*. De todas as tarefas enumeradas por Gordon a propósito do trabalho invisível das mulheres, citemos algumas escassas vezes mencionadas: *“As mulheres têm de dar apoio emocional aos maridos e aos filhos. É tarefa da mulher doméstica reparar os danos que a sociedade provoca nos membros da sua família, consolar, encorajar e proporcionar distrações. (...) Têm de organizar as atividades sociais e os tempos livres da família. Têm de manter as relações com a família (alargada) e os amigos. (...) os homens são, na manutenção dos contactos sociais, muito dependentes das mulheres.”*¹⁷⁶

¹⁷⁵ Garcia Leitão Ribeiro, *Ser Mulher*, Luanda, Caxinde – Editora e Livraria, 2015, p. 22.

¹⁷⁶ Linda Gordon, “Kostwinnen en koesteren (Making a living, making a life)”, in *Socialisties-Feministiese Teksten* 2, 1978, pp. 31-32 citado por Maria Helena Marijke de Koning, *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher: Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento 2006, p. 108.

Atendendo ao que foi referido até agora, importa que os próprios homens estejam conscientes de que as mulheres são parte das suas vidas e são desesperadamente necessárias. Os homens devem perceber que as mulheres são o que eles precisam, mas também devem apreciar e respeitar os direitos e obrigações das próprias mulheres; porque a mulher é o ser mais próximo do homem e faz parte do próprio homem. A propósito disto, Garcia Leitão Ribeiro afirma: “*É necessário assegurar proteção especial à mulher, em todos os domínios, pois o ditado popular ensina-nos que «Educar um homem é educar um indivíduo, mas educar uma mulher é educar uma nação.» Por outras palavras, uma nação só se desenvolve se a mulher se desenvolver, porque ela é a fonte da vida humana, a gestora formada na «escola da vida», dotada de capacidade sem igual para gerir a família; ela sofre bastante com o nascimento, crescimento e morte do ser humano.*”¹⁷⁷ E sublinha ainda que “*É por isso que, se ontem se dizia ‘Atrás de um grande homem está uma grande mulher’, hoje, a julgar pelo acima exposto, e por tudo o que observamos um pouco pelo mundo inteiro, é profundamente realista dizer-se «Ao lado de um grande homem está sempre uma grande mulher», não para competir mas para partilhar e auxiliá-lo em tudo o que for necessário, em particular na gigantesca missão de promover o amor nos corações dos homens com base na inteligência em detrimento da violência.*”¹⁷⁸

¹⁷⁷ Ribeiro, Garcia Leitão, *Ser Mulher*, Luanda, Caxinde – Editora e Livraria, 2015, p. 24.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 22.

CONCLUSÃO

Baseando-nos na análise, feita nas páginas anteriores, à participação das mulheres no desenvolvimento em Timor-Leste depois da independência, e especialmente à sua participação na economia e na educação, podemos concluir que as mulheres timorenses têm efectivamente participado no processo de desenvolvimento, desde o nível do município até ao nível nacional, como vendedoras, artesãs, membros de cooperativas, empresárias, professoras, membros de organizações de mulheres, entre outras. As suas capacidades e competências têm-lhes permitido essa participação, mas a maioria das mulheres das áreas remotas não tem participado no máximo do seu potencial porque as suas qualificações ainda são mínimas. Algumas não puderam continuar os seus estudos na universidade por falta de capacidade económica, outras são analfabetas. Além disso, há outros problemas, como: falta de capital para investir, de fornecimentos básicos como electricidade e água, de equipamentos como máquinas e redes de frio, já para não falar do peso económico de usos e costumes tradicionais como o dote, ou das convicções religiosas que impedem o uso de anticoncepcionais, fazendo com que as famílias tenham um número de filhos difícil de sustentar e educar.

No sentido de resolver estas dificuldades, Lincolin Arsyad sugere que “*o desenvolvimento económico regional é um processo entre governos e comunidades para desenvolver todos os recursos disponíveis e estabelecer um sistema de cooperação entre os governos e o setor privado para criar empregos para melhoria da atividade económica.*”¹⁷⁹ O pensamento de Arsyad mostra que o governo precisa de cooperar com as comunidades no desenvolvimento de grupos cooperativos já existentes e na procura de uma maneira de enfrentar todos os desafios que elas

¹⁷⁹ Arsyad, Lincolin, *Desenvolvimento Económico*, Yogyakarta, Edição V, UPP STIM YKPN, 2010, p. 270.

enfrentam, particularmente no caso das mulheres. O governo poderia melhorar os recursos humanos de cada grupo cooperativo, fornecendo formação ou capacitação e construindo ou reparando estradas, por exemplo. Assim, como resultado dos esforços de cooperação, todas as pessoas poderiam intervir nas atividades diárias, com oportunidade de aceder ao mercado, o que promoveria o crescimento económico e a participação no processo de desenvolvimento do país.

Portanto, o governo, como o mais alto órgão no país, tem a responsabilidade de criar condições para resolver estes problemas. Tentando, também, melhorar a qualidade dos recursos humanos, como recomendado por E. F. Schumacher, que diz que o desenvolvimento deve começar a partir dos seres humanos e não de ferramentas porque as pessoas é que são a fonte de toda a riqueza do mundo. Isto significa que o governo deveria fazer um bom plano para melhorar as capacidades e competências de toda a comunidade, mas especialmente das mulheres, de forma a participarem no desenvolvimento mais completamente. Assim, poderia responder ao princípio das mulheres de Timor-Leste: “Feto Forte Nasaun Forte / A Mulheres Fortes, Nação Forte”.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES ORAIS INÉDITAS

Alves, Domingas (Bilou Mali), Entrevista, Díli, 13 de novembro de 2016.

Amaral, Cesaltina Lúcia, Entrevista, Díli, 4 de novembro de 2014.

Barbosa, Domingas Gama, Entrevista, Díli, 23 de novembro de 2016

Belo, Cândida, Entrevista, Uatolari, 3 de novembro de 2014.

Cabral, Maria da Costa, Entrevista, Díli, 4 de dezembro de 2016.

Carvalho, Gizela de, Entrevista, Díli, 15 de novembro de 2016.

Carvalho, Zélia Soares de, Entrevista, Díli, 31 de dezembro de 2016.

Fátima, Bernardete de Jesus, Entrevista, Díli, 5 de dezembro de 2016.

Fernandes, Élia dos Santos, Entrevista, Díli, 3 de janeiro de 2017.

Fernandes, Inês, Entrevista, Viqueque, 7 de junho de 2015.

Fernandes, Regina, Entrevista, Barikafa, 3 de fevereiro de 2012.

Fuca, Filomena, Entrevista, Díli, 30 de novembro de 2016.

Guterres, Henriqueta, Entrevista, Díli, 21 de novembro de 2016.

Lobo, Ana Gama, Entrevista, Díli, 22 de dezembro de 2016.

Lopes, Verónica, Entrevista, Maubara Lisa, 11 de maio de 2014.

Maia, Lúcia, Entrevista, Díli, 25 de novembro de 2016.

Marques, Eulália, Entrevista, Díli, 11 de novembro de 2016.

Marques, Terezinha, Entrevista, Díli, 8 de dezembro de 2016.

Martins, Balbina Sequeira, Entrevista, Letefoho-Ermera, 26 de Fevereiro de 2012.

Miranda, Helena, Entrevista, Luro-Lautem, 27 de Fevereiro de 2012.

Monteiro, Angelina, Entrevista, Díli, 7 de janeiro de 2017.

Monteiro, Arminda Fernandes, Entrevista, Díli, 8 de dezembro de 2016.

Pereira, Cecília, Entrevista, Lisboa, 20 de março de 2017.

Rangel, Verónica, Entrevista, Díli, 1 de dezembro de 2016.

Ribeiro, Agapito, Entrevista, Díli, 6 de janeiro de 2017.

Salomé, Antónia Maria, Entrevista, Mertuto-Ermera, 28 de novembro de 2016.

Salsinha, Verónica, Entrevista, Mertuto-Ermera, 28 de novembro de 2016.

Santos, Angelina da Silva dos, Entrevista, Maubisse, 11 de maio de 2012.

Santos, Iria dos, Entrevista, Maubara-Liquiça, 14 de dezembro de 2016.

Santos, Silvina Dulce dos, Entrevista, Díli, 13 de dezembro de 2016.

Silva, Apolo Justino França, Entrevista, Díli, 7 de janeiro de 2017.

Silva, Martinha da, Entrevista, Díli, 25 de novembro de 2016.

Soares, Maria Lúcia, Entrevista, Dili, 16 de novembro de 2016.

Tavares, Eliseia Clementino Brites, Entrevista, Díli, 15 de dezembro de 2016.

Trindade, Anastácia, Entrevista, Díli, 14 de dezembro de 2016.

Ximenes, Leoniza, Entrevista, Díli, 6 de dezembro de 2016.

Ximenes, Maria Pompeia, Entrevista, Díli, 11 de novembro de 2016.

Ximenes, Saturlina, Entrevista, Díli, 24 de maio de 2014.

FONTES ESCRITAS INÉDITAS

AGUIAR, Luciana, “*8 Coisas que as mulheres fazem melhor que os homens*”, Disponível em: <https://www.feminina.pt/8-coisas-que-as-mulheres-fazem-melhor-que-os-homens/>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

Alola Foundation, folheto, Díli, 2016.

Calendário Rede Feto, Díli, 2016.

CEDAW, Assembleia Geral das Nações Unidas, 18 de dezembro de 1979. Disponível em: <http://plataformamulheres.org.pt/docs/PPDM-CEDAW-pt.pdf>. Data de consulta: 8 de Janeiro de 2017.

GAPI, *Relatório do Gabinete de Assessora para a Promoção da Igualdade*, Dili, 2002

GUSMÃO, Xanana, Discurso por Ocasão da Conferência Internacional sobre Género no Parlamento, Díli, 23 de outubro de 2014. Disponível em: <http://timor-leste.gov.tl/wp-content/uploads/2014/10/G%C3%A9nero-no-Parlamento-23.10.141.pdf>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

Feto Hadomi Familia (FHF), folheto, Díli, 2016.

Feto Iha Kbiit Servisu Hamutuk (FKSH), folheto, Díli, 2015.

Forum Komunikasi Perempuan Timor Lorosa'e (Fokupers), folheto, Díli, 2016.

Fundasaun Moris Foun (FMF), folheto,

Lian ba Igualdade (A Voz da Igualdade), Secretaria de Estado para o Apoio e Promoção Socio-Económica da Mulher (SEM), Edição 5, janeiro-março 2015; Edição 9, janeiro-março 2016.

OIT, *Género e Desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.ilo.org/global/topics/economic-and-social-development/gender-and-development/lang--en/index.htm>. Data de consulta: 30 de setembro de 2016.

Psychosocial Recovery and Development in East Timor (PRADET), folheto, Díli, 2016.

Rede Feto de Timor-Leste, folheto, Díli, 2016.

REDE, *Relatório Narrativo do Primeiro Congresso de Mulheres de Timor Loro-Sa'e*, Rede Feto Timor Leste, 2000.

Relatório Específico para a CEDAW sobre o Setor da Educação e Saúde preparado pela Secretária de Estado para a Promoção da Igualdade (SEPI), 2010.

Training On Human Development Concept and Measurement, Díli, PNUD, 2010.

FONTES PUBLICADAS

Constituição RDTL, Parlamento Nacional, Díli, 2002.

DELORS, Jacques et alii, *Educação: Um Tesouro a descobrir*, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, São Paulo, Ed. ASA/Cortez, 1997.

Ministério Estatal, *Timor Leste Em Números*, Díli, Direção Geral de Estatística, Edição VI, 2015.

RUAK, Taur Matan, *Cidadania para o Desenvolvimento. Discursos maio 2012-maio 2014*, Díli, LIDEL, Sentru Publikasaun Prezidência Republika, 2014.

UNDP, *Human Development Report 1991*, Oxford, Oxford University Press, 2001.

ESTUDOS

ALI, Madekhan, *Orang Desa Anak Tirih Perubahan (As Pessoas do Suco são esquecidas)*, Jawa Timur, Averroes Press, 2007.

ALVES, Andréa Matias e Pedro Coura-Filho, “Avaliação das Ações de Atenção às Mulheres sob Violência no Espaço Familiar, Atendidas no Centro de Apoio à Mulher, Belo Horizonte, 1996 e 1998”, *Ciência & Saúde Coletiva*, 6-1, 2011, pp. 243-257. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v6n1/7040.pdf>. Data de consulta: 23 de abril de 2016.

ALVES, Maria Domingas Fernandes, Laura Soares Abrantes e Filomena B. Reis, *Written With Blood*, Office For Promotion of Equality, Prime Minister’s Office, RDTL, 2002.

ARAÚJO, Clara, “Mulheres e Representação Política: A Experiência das Cotas no Brasil”, *Revista Estudos Feministas*, 6-1, 1998, pp. 231-252. Disponível em: [https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12035/11312%20\(25\)](https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12035/11312%20(25)). Data de consulta: 25 de maio de 2016.

ARSYAD, Lincolin, *Ekonomi Pembangunan (Desenvolvimento Económico)*, Yogyakarta, Edição V, UPP STIM YKPN, 2010.

BAYOA, Glenda, *Partisipasi perempuan dalam implementasi kebijakan pengelolaan program keluarga dan masyarakat sejahtera (Participação das mulheres na implementação da política de gestão do programa familiar e bem-estar da sociedade)*, 2008. Disponível em: <https://ejournal.unsrat.ac.id/index.php/governance/article/view/1526/1221>. Data de consulta: 2 de agosto de 2016.

BERNARDINO, Débora Cristina de Almeida Mariano, *As Condições de Vida, Trabalho e Saúde de Mulheres Vendedoras Ambulantes: Um Estudo Observacional*, dissertação de Mestrado em Ciências do Cuidado em Saúde, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/2579/1/Debora%20Cristina%20de%20Almeida%20Mariano%20Bernardino.pdf>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

BUDIMAN, Arief, *Teori Pembangunan Dunia Ketiga (Teoria do Desenvolvimento do Terceiro Mundo)*, Jakarta, PT Gramedia Pustaka Utama, 2000.

CARVALHO, José Eduardo, *As Mulheres dominam a Economia... e a Economia Gosta!* Lisboa, Edições Sílabo, 2015.

CASCAIS, Maria das Graças Alves e Augusto Fachín Terán, “Educação Formal, Informal e Não Formal em Ciências: Contribuições dos Diversos Espaços Educativos”, *Ciência em Tela*, vol. 7, nº 2, 2014, pp. 1-10. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>. Data de consulta: 14 de abril de 2016.

COLLINS, James C. e Jerry I. Porras, *Empresas de Sucesso*, Lisboa, Livros do Brasil, 1997.

CUNHA, Teresa. *Vozes das Mulheres de Timor Leste*, Porto, Edições Afrontamento / Centro de Estudos Sociais, 2006.

DAVIS, Natalie Zemon, “Women’s History in Transition: The European Case”, *Feminist Studies*, 3 (Winter 1975-1976), pp. 83-103.

DE KONING, Maria Helena Marijke, *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher: Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento, 2006.

DEWI, Putu Martini, “Partisipasi Tenaga Kerja Perempuan Dalam Meningkatkan Pendapatan Keluarga (Participação do Trabalho da Mulher no Aumento do Rendimento Familiar)”, *Jurnal Ekonomi Kuantitatif Terapan*, vol. V, nº 2, agosto de 2012. Disponível em: <http://ojs.unud.ac.id/index.php/jekt/article/view/1906/1360>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

DUARTE, Teresa, *A Possibilidade da Investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*, Lisboa, CIES, 2009.

EVANS, Peter, “Collective Capabilities, Culture and Amartya Sen’s *Development as Freedom*”, *Studies in Comparative International Development*, vol. 37, n. 2, 2002, pp. 54-60.

FARGE, Arlette e Natalie Zemon Davis, “Os trabalhos e os dias”, *História das Mulheres do Renascimento à Idade Moderna*, Lisboa, Edições Afrontamento, 1994.

FAUSTO-STERLING, Anne, “The Five Sexes. Why Male and Female are not Enough”, *The Sciences*, March-April 1993, pp. 20-25.

FUKUDA-PARR, Sakiko, “The Human Development Paradigm: Operationalizing Sen’s Ideas On Capabilities”, *Feminist Economics* 9 (2-3), 2003, 301-317.

GAWAIN, Shakti, *Vivendo na Luz*, Cascais, Pergaminho, 2000, p. 46.

GORDON, Ann D., Mari Jo Buhle and Nancy Schrom Dye, “The Problems of Women’s History”, in Berenice A. Carroll (ed.), *Liberating Women’s History*, Urbana, University of Illinois Press, 1976, pp. 75-92.

GORDON, Linda, “Kostwinnen en koesteren (Making a living, making a life)”, in *Socialisties-Feministiese Teksten* 2, 1978.

GOHN, Maria da Glória, “Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas”, *Ensaio: aval. pol. públ. educ.*, vol. 14, nº 50, jan./mar. 2006.

GORDON, Linda, “Kostwinnen en koesteren (Making a living, making a life)”, in *Socialisties-Feministiese Teksten* 2, 1978.

HENRIQUES, Ricardo, “Introdução: Desnaturalizar a Desigualdade e Erradicar a Pobreza: Por Um Novo Acordo Social no Brasil”, in Ricardo Henriques e Alexandre Rands Barros (org.), *Desigualdade e Pobreza no Brasil*, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000, pp. 1-18. Disponível em: <http://empreende.org.br/pdf/Programas%20e%20Pol%C3%ADticas%20Sociais/Por%20um%20novo%20acordo%20social%20no%20Brasil.pdf>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

MACEDO, Márcia dos Santos, “Relações de gênero no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres”, BUARQUE, Cristina et al., *Perspectivas de Gênero. Debates e Questões Para as ONGs*, Recife, GTGênero – Plataforma de Contraparte Novib/Sos Corpo Gênero e Cidadania, 2002, pp. 59-79. Disponível em: <http://www.redemulher.org.br/generoweb/anexo/perspect.pdf>. Data de consulta: 26 de março de 2017.

MARTOYO, Susilo, *Manajemen Sumber Daya Manusia (Gestão de Recursos Humanos)*, 5ª ed., Yogyakarta, BPFE, 2000.

MEIER, Gerald Marvin e Robert Edward Baldwin, *Economics Development: Theory, History and Policy*, John Wiley and Sons, 1957.

MORGAN, David L., *Focus Group as Qualitative Research*, London, Sage, 1997.

MORIN, Edgar, *A via para o futuro da humanidade*, Lisboa, Edições PIAGET, 2016.

MUHAJIR, Noeng, *Pendidikan dan Pembangunan (Educação e Desenvolvimento)*, Yogyakarta, 1980.

OBAMA, Barack, *Acreditar Na Mudança: O Plano de Obama Para Renovar a América e o Mundo*, Alfragide, Casa das Letras, 2009, p. 77.

OOM, Paulo, *Filhos Mais Felizes*, Lisboa, Zero a Oito, 2015.

OLIVEIRA, Gilson Batista, *Uma Discussão Sobre O Conceito de Desenvolvimento*, *Revista da FAE*, Vol. 5, n. 2, 2002, p. 37-48.

OLIVEIRA, J. D., *Trabalhadores por conta própria: o trabalho de vendedores ambulantes na passarela do Natal Shopping e do Via Direta*, dissertação de Mestrado em Serviço Social, Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

QUIVY, Raymond e Luc Van Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1992.

RATHGEBER, E. M., “WID, WAD, GAD - Trends in Research and Practice”, *Journal of Developing Areas*, 244, 1990, pp. 489-502.

RIBEIRO, Garcia Leitão, *Ser Mulher*, Luanda, Caxinde – Editora e Livraria, 2015.

RIST, Gilbert, *The History of Development, From Western Origins To Global Faith*, 3rd ed., London and New York, Zed Books, 2008.

RODRIGUES, Ana Maria S. A., “La identidad de género en la Edad Media: Una cuestión polémica”, in Flocel Sabaté (ed.), *Identitats*, Lleida, Pagès, 2012, pp. 43-57.

ROGERS, Jenny, *Entrevistas Eficazes*, Lisboa, Livros e Livros, 2002.

SARMENTO, Enilde, “O Papel da Mulher no Desenvolvimento: O Caso de Moçambique”, *Comunicação apresentada na Conferência Internacional Sobre Mulher e desenvolvimento, Madrid*, 15/05/2011. Disponível em: https://www.academia.edu/7903043/O_Papel_da_Mulher_no_Developimento_O_Caso_de_Mo%C3%A7ambique_Autora. Data de consulta: 14 de Abril de 2017.

SCHUMACHER, E.F., *Kecil Itu Indah (O Pequeno é Lindo)*, Jakarta, LP3ES, 1979.

SCOTT, Joan Wallach, “Género: uma categoria útil de análise histórica”, in Ana Isabel Crespo, Ana Monteiro-Ferreira, Anabela Galhardo Couto, Isabel Cruz e Teresa Joaquim (org), *Variações Sobre Sexo e Género*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp. 49-77.

SEDLACEK, G. L. e E. C. Santos, *A mulher cônjuge no mercado de trabalho como estratégia de geração de renda familiar*, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1990.

Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2819/1/TD_923.pdf. Data de consulta: 14 de abril de 2017.

SEN, Amartya, *Development as Freedom*, New York, Alfred A. Knopf, 1999.

SEN, Amartya, “Development as Capabilities Expansion”, *Journal of Development Planning*, 19, 1989.

SIKULA, Andrew E. e John Francis McKenna, *Personnel Administration and Human Resource Management*, R. E. Krieger Publishing Company, 1984.

SILVA, Carmen e Sílvia Camurça, *Feminismo e Movimentos de Mulheres*, Recife, Edições SOS Corpo, 2013.

SIMANJUNTAK, P. J., *Pengantar Ekonomi Sumber Daya Manusia (Introdução à Economia dos Recursos Humanos)*, Jakarta, Lembaga Penerbit Fakultas Ekonomi Universitas Indonesia, 2001.

SINGH, Shweta, *Deconstructing “Gender And Development” for “Identities of Women”*, *International Journal of Social Welfare*, 16, 2007.

SOARES, Regi e Rejane Sayuri Izuki, *A participação feminina no Mercado de Trabalho*, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2002. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2819/1/TD_923.pdf.

SURYANA, *Ekonomi Pembangunan (Desenvolvimento Económico)*, Jakarta, Salemba Empat (Quatro), 2000.

UL HAQ, Mahbub, *Training On Human Development Concept and Measurement*, UNDP, Human Development Centre, National University of Timor-Leste, Dili, 2010.

UL HAQ, Mahbub, “Human Development Paradigm”, in Sharad Chari and Stuart Corbridge (eds.), *The Development Reader*, London/New York, Routledge, 2008, pp. 29-33.

UTOMO, Eko Setyo, *Advokasi Pengarusutamaan Gender (Advocacy da Integração do Género)*, Institut Hak Asasi Perempuan, 2005.

VASCONCELLOS, Marco António e Manuel Enríquez Garcia, *Fundamentos de economia*, São Paulo, Saraiva, 1998.

FONTES MULTIMÉDIA

WORLD BANK, Reportagem, 29 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.worldbank.org/pt/news/feature/2012/08/29/women-play-key-role-in-economic-gains-in-latin-american-and-caribbean>. Data de consulta: 14 de abril de 2017.